

Engenheiros Agrônomos de 1968

**Nascidos e Moldados na Escola de Agronomia da
Universidade Federal da Bahia**

**HISTÓRIA & ESTÓRIAS
DE VIDAS BEM VIVIDAS**

Edição Especial

Jubileu de Ouro (1968-2018)

Cruz das Almas, Bahia, maio de 2019

Copyright © Agrônomos 2019

Comitê editorial

Antonio Edson Santos Chiacchio - agripecas@bol.com.br
Armando José Lapa - armandolapa@lgg.adv.br
Durvalino Vasconcelos Nunes - durval.chicha@hotmail.com
Joelito de Oliveira Rezende - joelitorezende@gmail.com
José Carlos da Rocha - tecnodados@hotmail.com
Luiz Francisco da Silva Souza - lfrancsouza@oi.com.br

Coordenação editorial

Armando José Lapa

Projeto gráfico, digitação, diagramação e formatação

Joelito de Oliveira Rezende
Luiz Francisco da Silva Souza
Gráfica Nova Civilização

Revisão

Durvalino Vasconcelos Nunes
Joelito de Oliveira Rezende
Luiz Francisco da Silva Souza
Luciano da Silva Souza
Raimundo Santos Barros

Capa

Ian José Dias Rezende
Washington José Oliveira Sá

História & estórias de vidas bem vividas” / editor Armando José Lapa – Cruz das Almas, BA. Autores, 2019.

234 p il.: 21 cm

1. Literatura Brasileira. 2. Conto. VI. Título.

CDD 800



A vida é uma só.
E o que faço desta vida?
Já que tudo vira pó,
Que seja então bem vivida!
Di Castilho



Dedicatória

(In memoriam)

Aos colegas que foram chamados por Deus para semear amor nos Campos Celestiais.

Comitê Editorial

Adnejar Almeida Santos
Airon Cosme Botelho Pinto
Almir Ferreira Santana
Arnaldo Antunes de Almeida
Clélio da Silva Araújo
Germano Garcia Moreno de Souza Leão
José Trindade
Lourival Bispo Lemos
Newton Bueno
Nicolau Miguel Schaun
Roberto Adami de Sá
Sebastião José das Neves
Wolmar Wilker Souza Santos

Reconhecimento

Em 2008, quando das comemorações dos 40 anos de formatura da Turma, o colega Luciano da Silva Souza, também engenheiro agrônomo pela Escola de Agronomia da UFBA (1968-1971), nos brindou com um CD em PowerPoint contendo farta documentação fotográfica, que possibilitou complementar informações constantes desse livro.

Comitê Editorial

Agradecimentos

À Cruz das Almas e à Escola Agrônômica da Bahia (EAB), por nos ter proporcionado VIDA BEM VIVIDA durante nossa trajetória acadêmica.

Aos colegas que solidária e entusiasticamente enviaram ao comitê editorial as estórias aqui apresentadas, especialmente às *vítimas* dessas estórias, que as receberam de muito bom grado.

À Lucidalva Ribeiro Gonçalves Pinheiro, Msc em Ciências da Informação, Bibliotecária do Centro Nacional de Pesquisa de Mandioca e Fruticultura (CNPMPF)/Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), pela elaboração da *Ficha Catalográfica*.

Comitê Editorial

Agradecimento Especial

Enfim, completamos a missão a que nos propusemos: elaborar este misto de história e estórias, tão afeitos aos Engenheiros Agrônomos de 1968 da UFBA. Na verdade, o projeto inicial era reunir, numa coletânea, “causos” vividos ao longo da trajetória na saudosa Escola de Agronomia.

Na medida em que os “causos” foram sendo resgatados, evidenciou-se a importância de agregar-lhes informações institucionais e profissionais, tão cheias de significados para as nossas vidas. Não mais seria apenas um livro reunindo estórias que as nossas memórias gravaram e que marcaram as nossas andanças, enquanto estudantes de Agronomia. Era a história adentrando o projeto e nos conduzindo a um patamar acima do inicialmente planejado. E assim desembocamos neste *Memorial*.

A tarefa se tornou maior e mais encantadora, demandando empenho e dedicação adicionais para a sua execução. Mas era imperioso que fosse conduzida nessa nova dimensão. Havia a inquietação, ainda que pretensiosa, de legar algo aos nossos familiares. E um memorial com história e estórias cumpre bem esse desiderato.

Assim, *História & Estórias de Vidas Bem Vividas* fica como legado, sobretudo aos cônjuges, filhos, genros, noras e netos, como manifestação de apreço e gratidão pelas suas importâncias nas nossas vidas e labutas. Que Deus os recompense!

Comitê Editorial

Em nome de todos os Engenheiros Agrônomos de 1968

Apresentação

Raimundo Santos Barros (*Tomate*)

Os fatos sobre a turma de Agronomia de 1968, descritos com galhardia no presente livro, dispensam, em parte, explicitude, a exemplo das fotos que mostram lembranças da infraestrutura logística do *campus* universitário de Cruz das Almas e/ou atividades acadêmicas ali realizadas. É inevitável o deleite que a sua leitura provoca. Todas as páginas nos levam a sonhar com os tempos passados de jovens estudantes - permitam-me um destaque especial para os textos “Memórias - Nossas Cruzes, Nossas Almas”, “Nós, Agrônomos de 68” e “Eu Estive Lá”, de autoria do nosso estimado e saudoso Clélio da Silva Araújo. Tivera eu a sua verve de historiador e teríamos um Agrônomo a menos. Mas os Deuses sempre colocam as coisas no local certo e apropriado. Só nos resta agradecer aos colegas que tantos risos nos provocaram. Um verdadeiro manjar dos Céus aos que se dedicarem à leitura das páginas seguintes. Vão sorrir por contágio!

Prefácio

O texto apresentado abaixo – de bela feitura – foi o penúltimo dedicado por José Carlos da Rocha (Bueiro) aos seus colegas da turma de 1968 (o último foi "O Trote", também incluído neste livro). Uma forte deficiência visual o impediu de continuar escrevendo e, por isso, deixou de nos brindar com os excelentes artigos e crônicas que produzia com maestria. Com dois anos de antecedência – quando a elaboração do livro ainda não havia sido idealizada para a celebração do Jubileu de Ouro da nossa Colação de Grau – teve a inspiração de escrever a mensagem que tão bem terminou lhe servindo de prefácio.

Comitê Editorial

Meio Século de História...

Quis Deus que a divina ventura fizesse ingressar na Escola Agrônômica da Bahia (EAB), em Cruz das Almas, uma turma de estudantes dotados de certas características e peculiaridades previamente determinadas por Ele. Assim, apesar de possuidores de diferentes atitudes e comportamentos, formavam um amálgama de nobres ideais, buscando sempre o bem comum. Desse modo, puderam arrostar as enormes dificuldades com que se defrontaram em meio aos espinhosos caminhos percorridos, diante de temerosos escolhos, professores cavilosos e demais estorvos que se lhes antepuseram na sua impetuosa investida.

Nestas condições, iniciaram seus estudos no primeiro ano na lendária Escola, ao tempo em que começaram a aparecer as verdadeiras faces de cada um dos colegas. Dessa forma, com sua postura de sempre, irregível, Newton Bueno passa a mostrar sua licenciiosidade, o que esbarrava sempre na curialidade de Zé Trindade; a tagarelice de Antônio Bernardo era anulada pelo silêncio de Pitágoras; a intemperança de Evereste era imediatamente controlada por Nô. Outras figuras como Luiz Francisco, Edson Chiacchio, Carlos Armando,

Bartola, Candinho, Clélio, Zélio, Zé Claudio, *Tripé*, Miguel *Tabaco*, *Bezerrão* e mais alguns, sempre dentro da normalidade. Durval e seu *Bongô*; Sideni e suas loucuras; *Zé Porquinho* e sua inquietação; Lapa sempre muito sério; Jayme e os lançamentos de pontas de cigarro; Gessé e a eterna agonia; Arnaldo (*Tio Lamp*), sempre circunspecto, rolando papel de cigarro nos dedos, procurando fórmulas de como gastar menos ou de não gastar nada; *Tomate*, além da inteligência, era o inseparável amigo dos livros, o que resultou na sua considerável provisão de conhecimentos e orgulho de todos nós. Essa é apenas uma amostra das atitudes e comportamentos dos componentes do grupo.

Após esse rico período de muita história, lazer e dedicação, o grupo é diplomado como Engenheiros Agrônomos em dezembro de 1968 e, imediatamente, lançado no mercado de trabalho, carregando sobre os ombros a incumbência de prestar a possível colaboração ao processo de crescimento e desenvolvimento da agricultura na Bahia e no país. Desse modo, foram distribuídos entre os órgãos do setor público agrícola destinados ao ensino, à pesquisa e, principalmente, à extensão rural, sendo que alguns optaram pela iniciativa privada, inclusive a própria.

A partir daí, passaram a conhecer melhor o real quadro da Agricultura, especialmente a baiana, e ver o seu crescimento e as suas transformações. Vejamos que, na época da Escola, não se teve conhecimento da cultura da soja, fruticultura praticamente não existia na Bahia. Naquela época, o boi era abatido após quatro anos de idade, avicultura e suinocultura não se praticavam e o caprino era considerado animal semisselvagem.

No final do Curso, a produção brasileira de grãos era tão somente quarenta milhões de toneladas; hoje já ultrapassa a casa das duzentos milhões. Note-se que, de lá para cá, houve um grande salto no crescimento da produção e melhoria da qualidade do produto agrícola brasileiro, o que coloca o nosso país como um dos responsáveis pela segurança alimentar no Mundo. Todavia, em que pese esses avanços, no caso particular da Bahia o que tem havido é o desmanche dos órgãos do setor público agrícola, associado à atitudes inconsequentes de alguns

integrantes do Movimento Sem Terra, que invadem, além das fazendas particulares, também as bases físicas dos órgãos de agricultura, a exemplo das conhecidas fazendas Manoel Machado, Mocó, Dantas Bião, Itaberaba e outras.

Agora, após tratar de assuntos envolvidos na nossa formação profissional e na nossa vida em grupo, abro uma outra janela para tratar de um assunto que considero triste e difícil, que é o de lembrar dos nossos colegas que já partiram. Confesso que tenho muita dificuldade e me faltam forças suficientes para me exprimir sobre essas tristes lembranças, já que guardo não somente a simples recordação, mas também os detalhes do comportamento de cada um deles, especialmente de Nicolau Schaun, o último a ser chamado – o que aconteceu há alguns dias Mas, espero que todos eles tenham a paz eterna e que Deus lhes conceda o merecido descanso. Acho que é o que podemos desejar e compreender que este é o caminho de todos nós.

Rui Barbosa, o maior entre todos os brasileiros com relação ao dom da palavra, comentando sobre este assunto, assim falou:

“(...) Mas, na grande viagem, na viagem de trânsito deste a outro mundo, não há possa, ou não possa; não há querer, ou não querer. A vida não tem mais que duas portas: uma de entrar, pelo nascimento; outra de sair, pela morte. Ninguém, cabendo-lhe a vez, se poderá furtar à entrada. Ninguém, desde que entrou, em lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída. E, de um a outro extremo, vai o caminho, longo, ou breve, ninguém o sabe, entre cujos termos fatais se debate o homem, pesaroso que se entrasse, receoso da hora em que saia, cativo de um e outro mistério, que lhe confinam a passagem terrestre”.

Meio século de muita faina, pleno lazer e incessante dedicação no sentido de contribuir para o progresso da produção agropecuária brasileira é quanto completaram os agrônomos formados pela Escola

Agronômica da Bahia, em Cruz das Almas, em 15 de dezembro de 1968. Trata-se de uma data histórica, um período de muita luta e fantásticas recordações.

José Carlos da Rocha (*Bueiro*)

Salvador, janeiro de 2017

Sumário

PRIMEIRA PARTE

HISTÓRIA DE VIDAS BEM VIVIDAS	23
Cruz das Almas, Bahia	26
Escola Agrônômica da Bahia (EAB)	28
Residência do Diretor da Escola	38
Bairros dos Professores e Funcionários	39
Os Departamentos	40
Os Alojamentos	41
O Refeitório	42
O Pré-Vestibular	43
Calouros! - <i>Burrus Irremediabilis</i>	45
Número, Nome e Apelido dos Calouros.....	46
Esporte e Lazer	49
O Trote	51
Trotos.....	53
Disciplinas e Mestres	56
Aulas	58
Excursões	60
O Convite de Formatura	64
A Colação de Grau!.....	65
Eu Juro.....	67
Cinco Anos de Formados (1973)	68
Vinte Anos de Formados (1988).....	69
Vinte e Cinco Anos de Formados (1993).....	70
Memórias - Nossas Cruzes, Nossas Almas	72
Quarenta Anos de Formados (2008).....	77
Nós, Agrônomos de 68	80

Eu Estive Lá	86
Cinquenta Anos de Formados (2018).....	95
Discípulos de Ceres	98
Hino da Turma	100
Final Feliz.....	103
Caminhos Desbravados.....	106

SEGUNDA PARTE

ESTÓRIAS DE VIDAS BEM VIVIDAS.....	133
A Bola de Cristal Nada Revelou	135
A Caridade de Agonia	138
Ambas las Tres	140
Avante Guerreiros do Planalto.....	142
Carrapato Valente.....	145
Coisas do Sideni.....	148
Comandante Parafuso e a Groselha de Cangaço.....	150
Com Knorr é Melhorr.....	154
Cortaram o Bilau do Jegue	158
Denorex – Parece mas não é	160
Espadas de Fogo	162
Eu Não Estive Lá	166
Galinício Doloso	168
Inovações Tecnológicas na Agricultura.....	170
Lagosta à Baiana.....	172
Lagosta ao Molho Pardo	175
Micos Leões Dourados.....	177
Na Bodega de Pedro Vaqueiro.....	182
O Espirro de Goiabão	184
O Mestre Afonso Ramos e Zé Cavalcanti.....	187

Operação Lava Jega	188
O Plantador de Tamareiras	193
O Professor Moysés Waxman e o “Assistente”	195
O Quebra Pote de Vai na Onda.....	196
O Sumiço de Bululunga e Kafundunga	198
O Terror das Madrugadas	201
O Vigarista de Carira	203
Pangaré – Insônia de Calouro Enfeitado	207
Parafuso Surtou!	211
Pitágoras Nos Salvou!.....	215
Porco Assado à Pururuca	217
Qual Bandeiras Agitadas, Pareciam um Estranho Festival!	220
Solta Minha Galinha, Moleques!	222
Uma Noite Nos Trópicos.....	225
POSFÁCIO	231
“O que a memória ama, fica eterno”	231
EPÍLOGO.....	234

PRIMEIRA PARTE

HISTÓRIA DE VIDAS BEM VIVIDAS



Cruz das Almas e Escola Agrônômica da Bahia Almas gêmeas, companheiras inseparáveis...



Centro de Cruz das Almas – 1958 (cortesia de Solange Reinhardt)



Campus da Escola Agrônômica da Bahia (EAB). Quatro pavilhões principais: 1) Administração; 2) Química Agrícola e Solos; 3) Fitotecnia e Engenharia Rural; 4) Zootecnia e Ciências Sociais Aplicadas à Agricultura.

Cruz das Almas, Bahia

Histórico¹



Foto antiga da Igreja Matriz N. S. do Bom Sucesso – P. Senador Themístocles

O município de Cruz das Almas localiza-se no Recôncavo Sul da Bahia, a 220 m acima do nível do mar. Estende-se por uma área de 145,7 km² e dista 146 km da capital do Estado, Salvador, à qual se liga pela BR-101 e BR-324.

Os primeiros povoadores do município vieram de São Félix e Cachoeira, no Século XVIII, atraídos pela uberdade do solo. Sabe-se que dentre os principais pioneiros se acham as tradicionais famílias Batista de Magalhães e Rocha Passos, brasileiras e ambas descendentes de portugueses. Os precursores estabeleceram plantação de cana-de-açúcar, fundaram engenhos e iniciaram a construção do arraial no grande planalto, à margem da Estrada Real que, partindo de São Felix, se dirigia ao Rio de Contas e em seguida para Minas Gerais e Goiás.

Desmembrado de São Félix, o arraial foi elevado à categoria de vila e município, ficando autônomo pela lei estadual nº 119, de 29 de julho de 1897. A capela existente foi elevada à Freguesia com o nome de

¹Fontes (acessadas em 26 de dezembro de 2018):

<http://www.cruzasalmas.ba.gov.br/historia>

<http://www.facebook.com/photo.php?fbid=>

Nossa Senhora do Bonsucesso da Cruz das Almas, por Alvará Régio de 22 de janeiro de 1815. Até o fim do Império, pertencia à Freguesia de Outeiro Redondo, obtendo independência nove anos depois da Proclamação da República.

Diz a lenda que o nome Cruz das Almas faz referência aos antigos tropeiros que passavam pela região e que, ao chegarem à antiga vila de Nossa Senhora do Bonsucesso, encontravam no centro dela uma cruz em frente à Igreja Matriz onde paravam e rezavam para as almas dos seus mortos. Por outro lado, há quem diga que se trata de sentimento pátrio, ou seja, o topônimo é uma homenagem à Cruz das Almas lusitana.

Na década de 60 do século passado, sua economia girava em torno da agricultura, com destaque para as culturas do fumo, laranja e mandioca. Era reconhecida como "A Capital do Fumo", por ser a maior produtora de tabaco da Bahia, por possuir muitas indústrias fumageiras e por ser uma das maiores exportadoras de fumo da América Latina. Atualmente, ainda que a agricultura continue sendo importante, o município tem no setor de serviços a base da sua economia, com destaque para o comércio e o ensino.

Sua população fixa, estimada em 2017, era de 64.932 habitantes. É considerada como um importante centro sub-regional de nível "B", sendo a segunda cidade mais importante do Recôncavo Sul.

A cidade é nacionalmente conhecida pela exuberante festa de São João - um dos maiores do Brasil.

Escola Agronômica da Bahia (EAB)

Evolução histórica...

Joelito de Oliveira Rezende (*Cabeleira*)



Prédio frontal da Escola, construído entre 1936 e 1940 do século passado

Ansiosos em dominar e conhecer metodicamente a natureza com critérios científicos, um verdadeiro exército de cientistas europeus percorreu o mundo mapeando o planeta; e levando e trazendo plantas, animais e técnicas de cultivos de um canto para outro. Sob o domínio da *idade da razão*, a Agricultura não poderia ser mais praticada por métodos tradicionais transmitidos de geração a geração pela rotina e pelos costumes, sem submeter-se a métodos racionais e controlados. Artur Young fazia centenas de experimentos no Reino Unido. Na Alemanha, Justus Von Liebig desvendava os segredos químicos dos solos. Na França, um verdadeiro movimento agronômico desabrochou na segunda metade do Século XVIII, sob a forma de Sociedades de Agricultura, concursos teóricos e práticos e de experimentos de diversos tipos. As experiências europeias nesse campo seriam difundidas para a América e serviriam de referência para analisar a agricultura no Brasil.

No Brasil de 1850, a economia em nada diferia da situação prevalecente no regime colonial, embasada que estava na força de trabalho escravo, enquanto no jogo político da composição de alianças regionais predominavam os interesses dos senhores de engenho no Nordeste e dos aristocratas do café no Centro-Sul do país.

Naquela ocasião, a crise já assolava as grandes lavouras exportadoras - vale dizer, a própria economia do Império. Houve problemas de seca nas províncias do Norte, especialmente na Bahia. A lavoura do café estava ameaçada por uma série de doenças de origem desconhecida. A lavoura da cana-de-açúcar declinava, sem perspectiva de melhoria dos preços no mercado europeu, agravada pela falta de mão de obra livre. Isso motivou o governo imperial a tomar medidas de incentivo e racionalização da agricultura com base nas experiências exitosas das estações experimentais que impulsionavam a agricultura de nações como a França, Alemanha e Áustria.

Inspirado nesses exemplos, o Imperador Pedro II criou, em 1º de novembro de 1859, o Imperial Instituto Bahiano de Agricultura (IIBA) e, pouco depois, em 1860, os Imperiais Institutos das províncias do Rio de Janeiro, Pernambuco, Sergipe e Rio Grande do Sul. Os Imperiais Institutos de Sergipe, Pernambuco e Bahia são criados durante a viagem de D. Pedro II ao Norte do país e foram recebidos com manifestações de júbilo pelas classes dominantes dessas províncias. Entretanto, dos cinco Institutos criados, apenas o da Bahia e o do Rio de Janeiro (Imperial Instituto Fluminense de Agricultura) funcionaram efetivamente.

A **Associação** intitulada Imperial Instituto Bahiano de Agricultura foi criada para cumprir, dentre outras, as seguintes atividades:

- ✓ Facilitar a substituição dos braços necessários à lavoura por meio de máquinas e instrumentos apropriados, promovendo a introdução e adoção daquelas cuja utilidade fosse praticamente demonstrada, e bem assim, estudando e ensaiando o sistema de colonização nacional e estrangeira que parecesse mais profícuo.
- ✓ Promover a aquisição das melhores sementes e renovos de plantas e, experimentada a sua superioridade, facilitar a distribuição pelos

lavradores.

- ✓ Cuidar do melhoramento das raças de animais úteis e promover a exposição anual dos produtos de agricultura, animando-a por meio de prêmios e facilitando o transporte e venda dos ditos produtos.
- ✓ Criar e manter um periódico no qual, além dos trabalhos próprios do Instituto e dos estabelecimentos normais, se publicassem artigos, memórias, traduções e notícias de reconhecida utilidade para a nossa agricultura, e que expusessem em linguagem acomodada à inteligência da generalidade dos agricultores os melhoramentos que merecessem ser adaptados nos processos agrícolas.

Durante sua existência (1859 a 1904), o Imperial Instituto Bahiano de Agricultura deixou registradas inúmeras sugestões e contribuições para a recuperação da agropecuária da província da Bahia, entre as quais se encontram as seguintes:

- ✓ Introduziu e estudou variedades de cana, fumo, mandioca, trigo, cacau e algodão, assim como cuidou do melhoramento da criação de bovinos e suínos. Sua coleção de mandioca contava com 76 variedades, todas elas estudadas do ponto de vista botânico e químico, havendo variedades que apresentavam peso médio de raízes acima de 8,75 kg/planta e 31,4% de amido (variedade Amarela) e 7,48 kg/planta e 37,67 % de amido (variedade Milagrosa).
- ✓ O cultivo depredatório a que foi submetido a cana-de-açúcar, durante séculos, vai enfraquecendo sua capacidade produtiva; isso tornou-se mais agudo no meado de 1860, quando uma moléstia detectada na comarca de Nazaré ameaçava alastrar-se pela zona canavieira. Diante da gravidade da situação, o Imperial Instituto recebia mudas de cana do Ministério da Agricultura e as distribuía e/ou plantava no Engenho das Lages, para serem distribuídas aos lavradores da província assim que houvesse sementeira.
- ✓ Testou máquinas e equipamentos agrícolas, adaptando-os as condições locais, como aconteceu com a máquina de farinha de mandioca conhecida como *Casa de Farinha*, que foi estudada e

adaptada, procedendo-se diversas modificações até torná-las mais funcional e econômica. A primeira experiência de mecanização à tração foi realizada na Barra, Bahia, em 11 de maio de 1871, utilizando-se uma máquina a vapor *Thomson*, que moveu um arado.

- ✓ Periodicamente, o instituto era solicitado, pelo Ministério da Agricultura a prestar informações sobre a situação da lavoura e da criação na província da Bahia. Nessas ocasiões, comparecia com análises lúcidas e sugestões capazes de orientar as decisões políticas.
- ✓ **Criou, no Engenho das Lages, localizado no município de São Francisco do Conde, a primeira Escola de nível superior de Agricultura da América do Sul, a Imperial Escola Agrícola da Bahia (IEAB).**

Por tudo isso, a Bahia vai ter o mais duradouro e fértil dos três Imperiais Institutos criados no Nordeste.



O Mosteiro de São Bento (em cima), erigido no Engenho das Lages, no município de São Francisco do Conde, transformara-se na Imperial Escola Agrícola da Bahia (em baixo).

A Escola foi inaugurada no dia 15 de fevereiro de 1877, com a missão de formar mão de obra especializada que, disseminando pelo Recôncavo uma tecnologia mais desenvolvida, contribuiu para a recuperação da economia açucareira. Dos **dezenove** alunos matriculados no curso de Agronomia, no ano da inauguração (havia um curso Elementar para formação de capatazes), **dez** defenderam tese no dia 23 de janeiro de 1881 e receberam o título de Engenheiros Agrônomos — **os primeiros formados no Brasil.**

A Imperial Escola Agrícola ficou subordinada à direção do Imperial Instituto Bahiano de

Agricultura até 1904, quando, então, ambas as instituições passaram a se chamar Instituto Agrícola da Bahia, até 1911.

Com a proclamação da República e as transformações políticas subsequentes, viu-se esvaziado de recursos e de alunos. Por isso, o governo da Bahia o entregou com todos os pertences ao governo federal, passando a denominar-se Escola Média Teórico-Prática de Agricultura, cujo objetivo era a educação profissional em nível médio, aplicada à Agricultura, Zootecnia, Veterinária e Indústrias Rurais, cursos estes com três anos de duração. Posteriormente, o governo federal tentou removê-la para a capital da República. A elite baiana reagiu, conseguiu sua restituição ao Estado, e o governo a reabriu com o nome de Escola Agrícola da Bahia (lei nº 1.333, de 31/07/1919).

A Revolução dos Tenentes (1930) provocou a transferência da Escola de São Bento das Lages para Salvador. Ressalte-se que, desde o início da década de 1890, havia forte pressão política, inclusive de fazendeiros, para que a Escola fosse transferida para a capital baiana e ficasse sob a responsabilidade do governo estadual. E ela terminou partindo de sua terra natal... Eis o que escreveu Mario Pinto da Cunha a respeito dessa nova morada:

“A revolução de 1930 trouxe para a Capital a Escola de São Bento das Lages, para fazê-la hóspede, durante dez anos, da antiga Hospedaria de Imigrantes de Monte Serrat. Mal acomodada em pequenos pavilhões, não se instalou em lugar apropriado. Os poderes discricionários da Inter-



A outrora Hospedaria de Imigrantes, em Monte Serrat, abriga atualmente o Centro de Recursos Ambientais do Estado da Bahia (CRA).

ventoria Artur Neiva apenas urbanizaram a velha Escola, cujos alicerces foram plantados no tempo do Império nas terras férteis do massapé, onde nasceu a riqueza agrícola do Estado, durante o ciclo da cana-de-açúcar. Não poderia sobreviver frente ao mar, estrangulada entre a água e a escarpa exposta às fortes ondas quando o vento soprava inclemente ameaçando invadir as salas de aulas... Não era local apropriado para um templo dedicado à deusa Ceres.”

Dez anos depois, por medida de segurança ante o torpedeamento de navios mercantes a poucas milhas ao sul de Salvador, Landulfo Alves de Almeida a transferiu para o planalto cruzalmense.



Campus da Escola Agrônômica da Bahia, onde se especializou em Zootecnia (1918 – 1920). Ocupava o cargo de Diretor do Departamento de Indústria Animal, vinculado ao Ministério da Agricultura, quando o presidente Getúlio Vargas o nomeou interventor federal na Bahia, em 23/03/1938. Dedicou-se, entre outros feitos, à construção de uma Escola em Cruz das Almas, com condições para transmitir os conhecimentos da Agronomia geminados à pesquisa de laboratório, à prática agrícola e à pecuária. Chegou com a denominação de Escola de Agricultura e Medicina Veterinária da Bahia, passando em seguida a chamar-se Escola Agrônômica da Bahia (EAB), vinculada à Secretaria da Agricultura.

Landulfo Alves, Patrono da EAB, nasceu em Santo Antônio de Jesus, Bahia (1893), e diplomou-se na Escola Média Teórico-Prática de Agricultura, em São Bento das Lages. Depois de formado, obteve a bolsa de estudo que lhe permitiu viver dois anos nos Estados Unidos, onde se especializou em Zootecnia (1918 – 1920). Ocupava

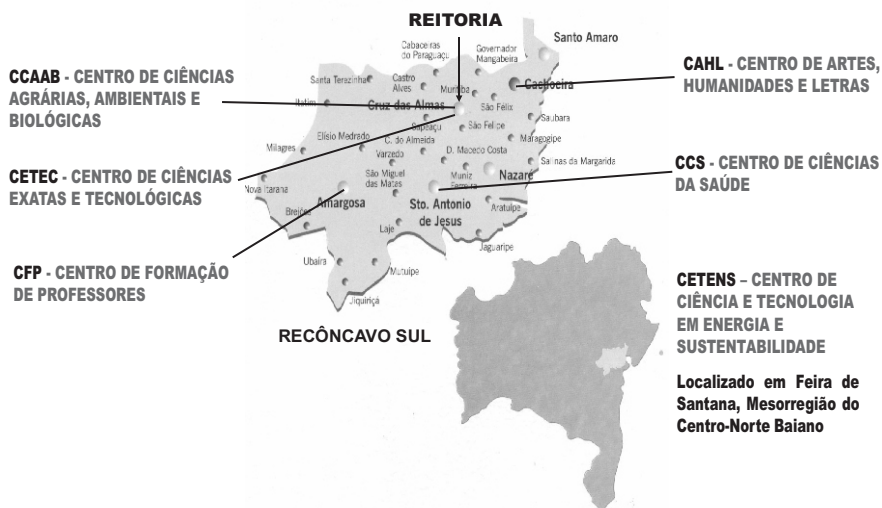
o cargo de Diretor do Departamento de Indústria Animal, vinculado ao Ministério da Agricultura, quando o presidente Getúlio Vargas o nomeou interventor federal na Bahia, em 23/03/1938. Dedicou-se, entre outros feitos, à construção de uma Escola em Cruz das Almas, com condições para transmitir os conhecimentos da Agronomia geminados à pesquisa de laboratório, à prática agrícola e à pecuária. Chegou com a denominação de Escola de Agricultura e Medicina Veterinária da Bahia, passando em seguida a chamar-se Escola Agrônômica da Bahia (EAB), vinculada à Secretaria da Agricultura.

A EAB foi incorporada à UFBA em 1967, passando a chamar-se Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (AGRUFBA). **Pela lei Nº 11.151, de 29 de julho de 2005, o governo federal a transformou na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**

(UFRB), por desmembramento da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tendo como sede e foro o Município de Cruz das Almas. Parte da nova Universidade e sua administração foram instaladas na área até então ocupada pela Escola de Agronomia.

No fim de dezembro de 2018, com treze anos e meio de idade, a UFRB apresentava-se diante da sociedade brasileira, ativa, confiante e determinada, com o seguinte perfil:

- ✓ **SETE CENTROS DE ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO**, distribuídos em seis *campi* (Figura abaixo):
- ✓ **867 DOCENTES**: 578 com doutorado, 236 com mestrado, 46 com especialização e 7 com graduação.
- ✓ **704 TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS**: 12 com doutorado, 111 com mestrado, 271 com especialização, 205 com graduação e 105 outros.
- ✓ **100 CURSOS**: 18 de pós-graduação *Strictu Sensu*, 21 de pós-graduação *Lato Sensu* e 61 de graduação.
- ✓ **13.033 ALUNOS ATIVOS**: 10.591 de graduação, 1.508 de especialização, 811 de mestrado e 123 de doutorado.



Distribuição geográfica dos Centros de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRB



Fotos 1 e 2 (de cima para baixo), arquivo do IGHB; e foto 3, Ângelo Pinto Fotografias.

A incúria dos Homens!

Com o tempo, o imponente palácio da Imperial Escola Agrícola da Bahia transformava-se numa majestosa ruïnaria, apesar dos inúmeros apelos para sua recuperação – a exemplo do que foi feito pelo então professor da Escola Agrônômica da Bahia, Floriano de Araújo Mendonça, por meio do jornal *A Tarde* (31/1/1970):

“Muitas vezes desejei conhecer o velho edifício de nossa primeira Escola Agrícola, mas da primeira visita que fiz saí contristado... Ao aproximar-me do local, o choque, a desilusão, pois tudo aquilo mostra desprezo. Toda a fachada apresenta as mais vivas marcas da decadência: Portas e principalmente janelas, aos pedaços. Onde foi a capela do orago, há, agora, no piso de

mármore, poças de urina e montes de fezes de gado... O aspecto de um cemitério seria menos lúgubre... Salvem o belo Monumento, honra e glória da Agronomia brasileira!”

Vestígios da majestosa Imperial Escola Agrícola da Bahia encontram-se lá, no município de São Francisco do Conde, no alto da colina que a abrigou, ostentando seu passado imponente e despertando um misto de curiosidade, admiração, tristeza e indignação dos que se interessam pela causa da educação e, em

particular, pela história do ensino da Agronomia no Brasil.

A evolução histórica do Imperial Instituto Bahiano de Agricultura (IIBA) - ascendente da Escola Agrônômica da Bahia (EAB) e, conseqüentemente, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) -, caracteriza-se pela circunstancial peregrinação, brava luta e pertinaz resistência aos que tentaram dificultar e/ou impedir sua *caminhada*. É uma história de honrosas conquistas e glórias, pois desde o início dessa *caminhada* tem disponibilizado para a sociedade brasileira milhares de profissionais da Agricultura, que passaram a servir melhor a sua pátria como professores, pesquisadores, extensionistas, empresários, produtores rurais, vereadores, deputados, senadores, governadores etc.

Ao nascer a UFRB, em julho de 2005, aproximei-me do berço onde ela dormia o sono dos infantes e murmurei baixinho para não perturbá-la:

Seja bem-vinda, Universidade Menina! A terra é fértil, venturosa e aconchegante o berço que a acolherá. Nesse ambiente de proteção e ternura, você crescerá em força, beleza, virtude e sabedoria, para contemplação, gáudio e orgulho de seus filhos e multidão de admiradores.

E ela esboçou sorriso angelical...

Indubitavelmente, seguirá com passos firmes sua trajetória no cumprimento da nobre missão que lhe foi confiada, inspirada nas sábias palavras de *Mahatma Gandhi*:

“Que somos a vida do Universo em constante transformação. Que podemos direcionar a transformação com nossas vidas, nossas ações, palavras e pensamentos. Somos a transformação que queremos no Mundo”.

Bibliografia consultada:

CUNHA, M. P. da. Memorial de São Francisco do Conde/Bahia. Salvador: Gráfica Central, 1977. 270 p.

NÚCLEO de Gestão de Indicadores e Regulação das Atividades Acadêmicas/Superintendência de Regulação e Registros Acadêmicos (dados das ofertas/perfil da UFRB, atualizados até dezembro de 2018).

REZENDE, J. DE O. Recôncavo Baiano, berço da universidade federal segunda da Bahia: passado, presente e futuro. Salvador, P&A, 2004. 194p: Il.

RODRIGUES, C. M. Gênese e evolução da pesquisa agropecuária no Brasil: da instalação da Corte Portuguesa ao início da República. CAD. Dif. Tecnol., Brasília 4(1):21-38, jun./abr. 1987;

TOURINHO, M. A DE C. O Imperial Instituto Bahiano de Agricultura: a instrução agrícola e a crise açucareira na metade do século XIX. 1982. 261 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.

Observação: *As informações apresentadas a seguir referem-se ao período 1965-1968, quando éramos estudantes da Escola Agrônômica da Bahia (EAB). Com o advento da UFRB, a infraestrutura logística do campus de Cruz das Almas é outra – foi ampliada e diversificada!*

Comitê Editorial

Residência do Diretor da Escola

Construída entre 1936 e 1940, do século passado, abriga atualmente a Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação, Criação e Inovação (PPGCI) da UFRB.



Bairros dos Professores e Funcionários

Onde alunos eram bem recebidos.

Construídos entre 1936 e 1940, do século passado.



PROFESSORES



FUNCIONÁRIOS

Os Departamentos

Gabinetes de professores, salas de aula e laboratórios
Construídos entre 1936 e 1940, do século passado.



Os Alojamentos

Extensões de nossas casas...

Construídos entre 1936 e 1940, do século passado, exceto o *Trio Elétrico*, inaugurado em 1965.



O Refeitório

Três refeições diárias, servidas gratuitamente a todos os estudantes.

Construído entre 1936 e 1940, do século passado.



O Pré-Vestibular

1964 foi o ano do pré-vestibular. Éramos ainda jovens “Fetos” (vestibulandos) espalhados pela cidade de Cruz das Almas (em repúblicas, pensões, residências particulares e, inclusive, no Hotel Solar Estrela, localizado nas imediações da Igreja Matriz), querendo ingressar na tradicional Escola Agrônômica da Bahia (EAB). Havia até curso preparatório ministrado por professores da Escola nas dependências do Colégio Alberto Torres (CEAT). Muito estudo! Muitas noites insones!

Dalmo Britto Seixas (Cangaço)

As quatro fotos seguintes mostram o Candeal, cujo Casarão (construído entre 1936 e 1940 do século passado) abrigava *Fetos* no campus da EAB.





Calouros! - *Burrus Irremediabilis*

O mais importante dos diplomas...



DIPLOMA DE BURRO

A Douta, Egrégia, Magnífica e Sapientíssima Comissão de Trote de 1965, da **ESCOLA AGRONÔMICA DA BAHIA**, confere ao muar *Jodito de Oliveira Rezende*, coisa nº 36, o título de "**BURRUS IRREMEIABILIS**", ao qual faz jus por seu retrospecto nulo.



Cruz das Almas, MAIO de 1965



PATA DA COISA

Jodito de Oliveira Rezende
Pela Comissão

Liv. e Tq. MAGA - 58

Número, Nome e Apelido dos Calouros

Bendita criatividade...

- 1 Adnejar Almeida Santos.....Rita Pavoni/Pé de Pato
- 2 Airon Cosme Botelho Pinto..... Tom
- 3 Alberto dos Reis CamposSatanás
- 4 Almir Ferreira SantanaBoi Véio
- 5 Antônio Bernardo Silva de Lima.....Matraca
- 6 Antônio Edson Santos Chiacchio.....Calçolinha
- 7 Antônio Francisco M. RodriguesIoiô Bezerrão
- 8 Armando José LapaLunfa
- 9 Arnaldo Antunes de AlmeidaTio Lamp
- 10 Augusto Roberto Sena Gomes.....Espiroqueta
- 11 Bartolomeu Aguiar CostaCueca
- 12 Cândido Nunes de VasconcelosMazzaropi
- 13 Carlos Armando B. de SantanaBacurau
- 14 Carlos Roberto V. Pitágoras Freitas.....Museu/Calango
- 15 Clélio da Silva AraújoQuarana/Chinesinha
- 16 Clidenor Menezes de Souza NetoBanana Curta
- 17 Dalmo Britto SeixasCangaço
- 18 Domingos F. Badaró Neto.....Pé Cheiroso
- 19 Durvalino Vasconcelos NunesBongô
- 20 Eduardo José Nascimento.....Tanajura/Evereste
- 21 Eribaldo Novaes Lima.....Poliglota
- 22 Etelio de Carvalho PradoBico de Busen/Pato Donald
- 23 Flávio César Almeida Tavares Patinho/Montmorilonita
- 24 Franklin Pereira de Miranda.....Marmelada
- 25 Geraldo Barreto de Melo..... Tripé
- 26 Geraldo Conrado T. de CastroIoiô Tarado

27	Geraldo Nonato de Araújo	Parceiro/Manga Rosa
28	Geraldo Soares Barreto	Toupeira
29	Germano Garcia M. de S. Leão	Visconde de Coscobeu
30	Gernack Ferraz Souto	Galitota/Vereda
31	Gesse Bernardes	Agonia/Papagaio
32	Jayme Ramos de Almeida	Rola Bosta
33	Joelito de Oliveira Rezende	Cabeleira
34	José Carlos da Rocha	Bueiro
35	José Carlos Soares de Assis	Pacarito
36	José Cavalcanti Rodrigues	Zé Porquinho
37	José Cláudio Fernandes Correia	Deputado
38	José Ribeiro de Santana	Boca de Cabelo
39	José Trindade	Canhão de Navarone
40	José Vanderlei Ramos	Carrapato
41	Lourival Bispo Lemos	Tremedeira
42	Luciano Soares de V. Sampaio	Piula
43	Luiz Francisco da Silva Souza	Cangalha/Alicate
44	Luiz Simões de Farias	Lombriga
45	Marco Antônio M. Paternostro	Malé
46	Miguel Brito Pinheiro	Tabaco
47	Newton Bueno	Parafuso
48	Nicolau Miguel Schaun	Brucutu
49	Noilton da Silveira Matos	Diacuí/Nêgo Noilton
50	Ovídio Barros	Crispim
51	Paulo Hugo de Oliveira Leite	Xexéu
52	Paulo José Simões de Amorim	Cotovia
53	Paulo de Tarso M. Cafezeiro	Baiacu/Café
54	Raimundo Santos Barros	Tomate
55	Regina Celi Rebouças Machado	Patativa

56	Roberto Adami de Sá	Gelosa
57	Sebastião José das Neves	Bastica/Tabaréu
58	Sideni Lopes da Silva.....	Mormaço
59	Tasso Nascimento Leite.....	Goiabão
60	Theófanés Borges Pereira	Bretão
61	Waldemir H. de Castro Silva	Vai-na-Onda
62	Winston Delano Green Ingle.....	Carretera
63	Wolmar Uilker Souza Santos	Fantasmilha
64	Zélio Expedito César	Peba

Esporte e Lazer

Joelito de Oliveira Rezende (*Cabeleira*)



Do primeiro ao quarto ano de Agronomia, a vida acadêmica no campus era salutar, agradável, alegre e muito bem vivida. Longe de casa, amenizávamos a saudade dos familiares preenchendo o tempo disponível para o lazer com atividades diversas: Jogo de cartas, cinema na cidade (Cine Glória!), bailes (inclusive nas cidades vizinhas), rodas de samba regadas a cerveja, bingos, voleibol, basquetebol, torneios de futebol (de campo, salão e mesa), Gamão, pingue-pongue e outras.

O carteadado (Buraco, Vinte Um, Pôquer, Bacará, Sete e Meio, Truco etc.) era jogado prioritariamente nas noites de fins de semana. Quando amanhecia o dia, alguns recolhiam-se mais pobres em benefício de outros mais espertos...

O cinema era frequentado especialmente aos domingos à noite, quando Pedro e/ou *Chico Banha*, dirigindo o ônibus *Velho Gagá* lotado de estudantes, estacionava em frente à casa de espetáculo. A fita normalmente quebrava, e, conseqüentemente, ocorriam intervalos intermitentes para que fosse emendada. Por vezes, emendavam-na errado e o filme iniciava pelo fim...

Tínhamos TV preto e branco na sala de esportes localizada no alojamento “Hospício”. Essa sala ficava lotada quando exibiam

programas de grande audiência à época, tais como: *Um Instante Maestro* (Flávio Cavalcanti), *Buzina do Chacrinha* e *Discoteca do Chacrinha* (Abelardo Barbosa) e *Jovem Guarda* (Wanderléa, Roberto Carlos e Erasmo Carlos).

Para minorar a escassez de mulheres no *campus*, recebíamos esporadicamente visitas de moçoilas de outras plagas, a exemplo das alunas da Faculdade de Filosofia do eixo Ilhéus-Itabuna. A chegada delas causava alvoroço no *internato*: roupa domingueira bem passada, cabelos engomados e penteados, sapatos limpos, perfumes, desodorantes, vinagre no pé (para amenizar o chulé) etc. Quando o ônibus das visitantes despontava na entrada principal da Escola, localizada no bairro Tabela, ouvia-se o espalhafatoso brado de alerta:

- ACOOOORDA PUTADA, QUE AS MULHERES CHEGARAM!

Depois do almoço e jantar - oferecidos no refeitório da Escola - ali mesmo puxavam-se as mesas, desenhava-se a pista de dança e começava o rala e rola (150 machos para 30 a 40 fêmeas). Competição ferrenha... Juras de amor eterno!

O Trote

José Carlos da Rocha (*Bueiro*)



Instituição existente praticamente em todos os ramos do Ensino, o trote, ao longo de sua existência, tem trazido muitos momentos de prazer, alegria, satisfação e, eventualmente, tristeza e, às vezes, até dor.



O conhecimento sobre o trote normalmente se inicia quando da conclusão do curso primário em que o estudante ficava entre terminar essa etapa para defrontar-se com o famigerado exame de admissão ao ginásio e desembocar no trote, que nesta fase era relativamente

rápido e composto de leves brincadeiras e pequenos castigos, em que sempre estavam presentes a farinha de trigo para os cabelos e, às vezes, o roxo-terra e outros ingredientes próprios do evento.

Sobre a verdadeira origem do trote ninguém sabe nada: de que parte do mundo veio; qual o país de origem; onde aconteceram os primeiros exemplos. O que na realidade se sabe é que se trata de um evento que agradou e desagradou muitas pessoas onde foi realizado.

Quanto à sua prática no curso superior, o exame de admissão era substituído pelo tenebroso vestibular. Após esse exame, identificavam-se na capital baiana os aprovados, observando-lhes o corte do cabelo sempre bem baixo e portando boina, cuja cor correspondia ao curso que estava sendo frequentando pelo calouro.

O trote nas escolas superiores de Salvador, embora se possa relatar alguns casos de violência e até mesmo de pequenos abusos,

sabe-se que o evento se preocupava sempre mais com a integração entre os colegas dentro de cada unidade. Entretanto, em outros Estados da federação, principalmente alguns da região Sudeste, há registros de sérios casos de violências, inclusive de mortes.

Já na Escola Agrônômica, em Cruz das Almas, embora houvesse pequenos atritos dentro de suas dependências, o trote sempre corria de forma relativamente tranquila e assim continuava até o sábado mais próximo de 13 de Maio, dia da libertação dos escravos. Nesse dia, havia uma grande festa, com desfile pelas ruas da cidade, os devidos congraçamentos, além da entrega do diploma de burro aos calouros, numa requintada festa dançante.

Entre as características mais marcantes do trote, em Cruz das Almas, eram os nomes que os veteranos conferiam aos calouros, sempre buscando semelhanças com a características físicas do cidadão. Como exemplo temos: *Urubu baleado* – um negro magro alto de pernas mancadas; *Buldogue* – a cara era de um cão Buldogue; *Bode Roncolho* – sujeito de pernas tortas meio careca e feio; *Satanás* – o próprio bicho; *Boi Véio* – sujeito sempre vagaroso; *Banana Curta* – pernas mais curtas que o corpo; *Sapo* – um sapo; *Cangalha* – pernas em arcos; *Aspirador-nariz* muito grande. E mais: *Zé Porquinho*, *Zé Biquinho*, *Já Morreu*, *João Cocô*, *Rola Bosta*, *Bostinha*, *Tabaco*, *Galitota*, *Calçolinha*, *Cueca*, *Califom* e assim muitos outros desse elenco.

Nesse contexto, é interessante considerar a questão de um colega da turma de 1968 que tinha verdadeiro pavor do trote e, conseqüentemente, extremo medo dos colegas mais antigos ou veteranos: durante o período do trote permanecia permanentemente às escondidas evitando um possível e inoportuno encontro casual com um desses estudantes mais antigos. A noite era sua grande inimiga, tendo em vista a existência do escuro – o que aumentava a possibilidade de uma desagradável surpresa. Como um solípede transmalhado, desaparecia para se esconder onde não houvesse o menor ruído de voz humana; como uma ave noturna, ia se agasalhar sob as sombras das árvores que contornavam a quadra de esporte, o que lhe rendeu o epíteto de *Bacurau*, seu nome de guerra...

Trotes...

Joelito de Oliveira Rezende (*Cabeleira*)



Limitados ao período compreendido entre o início do ano letivo e o dia 13 de Maio (data da assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel, em 1888), eram motivo de festa para veteranos e de “submissão voluntária” para calouros. Variavam de acordo com o estado de espírito do *troteiro*. Eis alguns exemplos:

Competição de natação – Calouros eram levados à competirem entre si nadados de costas e de peito em poças de água de chuva, geralmente quando trajados para passeio.

Banho invertido – A qualquer hora do dia e da noite, o calouro era levado a plantar bananeira (posição de ponta cabeça) nu debaixo do chuveiro - para refrescar a memória!

Refeição às avessas – Iniciar o almoço e/ou jantar pela sobremesa, geralmente goiabada com pimenta.

Lavagem da consciência – O calouro era “convidado” a sentar pelado em uma bacia cheia de gelo lendo um jornal e/ou revista - devido

ao frio, o pênis recolhia-se à semelhança de cabeça de cágado assustado.

Castração voluntária – De pé, nu, o calouro enlaçava os próprios testículos com um barbante atado a uma grande pedra; em seguida, vedavam-lhe os olhos e pediam-lhe que abraçasse fortemente a pedra. Assim, sem que ele percebesse, cortavam o barbante com uma tesoura; ato contínuo, começavam a fazer cócegas no calouro para que soltasse a pedra. Com medo de perder os “quimbas”, agitava-se desesperadamente, mas não a soltava!

Enceradeira humana – Calouros agachavam-se no chão do refeitório apoiando-se nos braços e com os fundilhos levemente acima do piso (como se estivessem fazendo exercício para o *tríceps*, no banco, na academia de ginástica). Quando o veterano dizia “liguei o motor”, o calouro imitava o ronco de motores com um som bucal, enquanto esfregavam a bunda no chão até que a “enceradeira” pifasse pelo tempo de uso (cansaço). O fundo da calça ficava preto e o piso do refeitório luciluzindo...

Catraca/Borboleta: - Quando um veterano chegava ao refeitório para as refeições, girava a “catraca” para entrar, ou seja, um calouro postado de pé na porta de entrada, com as mãos no quadril, girava meia volta em torno de si, com os pés juntos, emitindo som de catraca com a boca e contando sequencialmente os veteranos que buscavam ali refastelar-se. O calouro só se alimentava quando saísse o último dos veteranos...

Farofa fofa – Na hora do almoço e/ou do jantar, calouros aos pares eram colocados frente a frente, olho no olho, rosto no rosto, na mesa do refeitório. Solicitavam-lhes, então, que enchessem a boca de farofa e dissessem simultânea e pausadamente a frase: – **Fofura, fofa é fazer farofa fofa!**

Galinha d'água – Por cima da parede dos quartos, de cima do andar superior dos prédios e/ou através de janelas, bolsas plásticas e/ou bexigas cheias de água eram arremessadas sobre os calouros devidamente trajados para as aulas e/ou passeios – eram banhos refrescantes em época de calor!

Caroneiro penetra – Em qualquer lugar que estivessem, os

calouros eram convidados a descer do ônibus da Escola, pois o veículo era destinado a estudantes e não transportava *Burrus Irremediabilis*.

Nosso colega Carlos Armando Barreto de Santana vivia assustado. Onde quer que estivesse, quando ouvia um veterano gritar ao longe BACURAAUUU (seu apelido de calouro), caía duro, fingindo-se de morto. Não mexia sequer os dois *zoins*. Algumas vezes, dormiu no apiário da Escola, junto com as abelhas, com medo dos veteranos...

O maluco beleza, Sideni Lopes da Silva (*Mormaço*), criava dois calangos (*Bululunga* e *Kafundunga*) em um caixote de sabão. Tinha à sua disposição, permanentemente, dois calouros para cuidar desses répteis, com a missão diária de passear com eles (atrelados a barbantes) em volta do campo de futebol e antes do crepúsculo, dar-lhes banho, enxugá-los, perfumá-los com talco e acalentá-los para dormir ao som suave de cantigas de ninar. À noite, dispensava os calouros e colocava o berço das inocentes *crianças* ao lado de sua cama a fim de protegê-las dos maus – vivia traumatizado após a morte trágica do galo Valente, de Eribaldo Novais Lima (Poliglota), resultante da maleza de José Cavalcanti Rodrigues (*Zé Porquinho*).

Nesse elenco de “criatividades”, havia o trote considerado o terror dos calouros: **o Furacão**. Dia e noite, noite e dia, veteranos, na espreita por uma oportunidade, entravam nos quartos e misturavam todas as roupas dos calouros, além de revirar camas, mesa e cadeiras. No meu alojamento (*Trio Elétrico*), por exemplo, faziam pior. Esse alojamento foi construído na forma de um retângulo comprido contendo duas filas opostas de um conjunto de dez apartamentos adjacentes. Não havia forro, de modo que qualquer pessoa podia transitar por cima da parede divisória de fundo, chegando em qualquer dos 20 quartos. Não raras vezes, chegávamos das aulas e/ou do refeitório e encontrávamos tudo revirado. Amarrados entre si e atados pelas extremidades às ripas do telhado, encontrava-se fronhas, calças, camisas, meias, cuecas e lenços, de diferentes donos. O difícil era separar tais peças, desatá-las, pois os nós eram caprichosamente apertados e molhados! Atônitos e surpresos, comentávamos:

– O temido Furacão passou por aqui... Filhos de quengas!

Disciplinas e Mestres

PRIMEIRO ANO – 1965

Botânica (1ª Parte)	Geraldo Carlos Pereira Pinto Haroldo Murilo P. da Cunha
Desenho	Aníbal da Silva Ramos
Física Agrícola	Moisés Waxman José Inácio de Andrade Souza
Matemática	Aníbal da Silva Ramos Edson da Silva Marques
Práticas Agrícolas	Grimaldo Paternostro Clóvis Vaz Sampaio
Química Analítica	Minos da Silva Azevedo Deraldo Diomedes Gramacho
Zoologia (1ª Parte)	Afonso da Silva Ramos Alfredo Veloso da Rocha Passos Neto

SEGUNDO ANO - 1966

Botânica (2ª Parte)	Geraldo Carlos Pereira Pinto
Edafologia	Flávio Dias Tavares
Entomologia e Parasitologia Agrícola	Floriano de Araújo Mendonça Jonas Machado da Costa
Mecânica: Motores e Máquinas Agrícolas	Clodoaldo Gomes da Costa Bráulio Luiz Sampaio Seixas
Química Orgânica e Biológica	Alino Matta Santana
Zoologia (2ª Parte)	Afonso da Silva Ramos
Práticas de Horticultura	Ivan de Souza Carneiro João Batista dos Santos Junior

TERCEIRO ANO - 1967

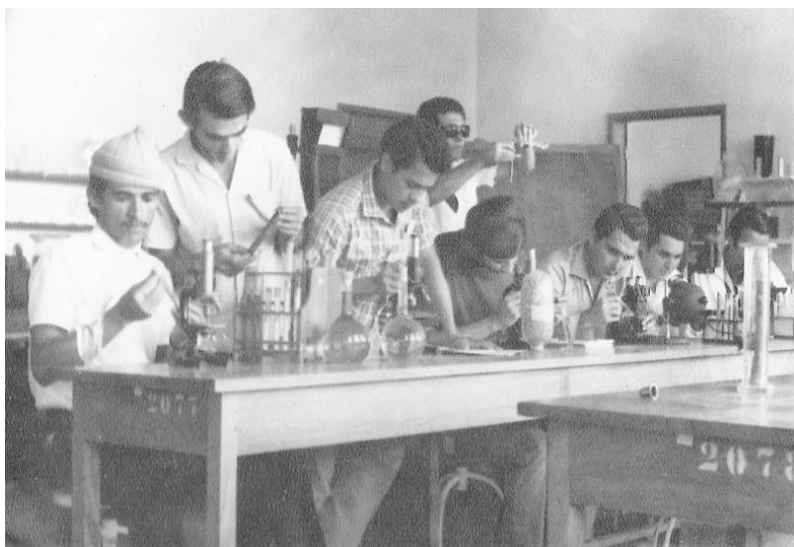
Agricultura (1ª Parte)	Clóvis Vaz Sampaio
Citologia e Genética	Francisco Teixeira Alves
Engenharia Rural	Zinaldo Figueiroa de Sena Álvaro Fonseca Brandão
Fitopatologia e Microbiologia Agrícolas	Antônio José da Conceição Mário Pereira Duarte
Química Agrícola	José de Vasconcelos Sampaio Raymundo Fonseca Souza
Zootecnia (1ª Parte)	José Maria Couto Sampaio Adailton Oliveira Sampaio

QUARTO ANO - 1968

Agricultura (2ª Parte)	Archimar Bittencourt Baleeiro
Economia Rural	Jayme Ramos de Queiroz Eduardo Lacerda Ramos
Horticultura e Silvicultura	Ivan de Souza Carneiro João Batista dos S. Junior
Sociologia e Extensão Rural	João Saturnino da Silva
Tecnologia	Antônio Cândido de O. Filho Deraldo Diomedes Gramacho
Zootecnia (2ª Parte)	Manoel de Almeida Mendes

Aulas

Teóricas e Práticas





Excursões

Durante o nosso curso de Agronomia, fizemos quatro excursões curriculares com o objetivo de conhecermos diferentes regiões brasileiras e suas diversidades sociais, econômicas, culturais e ambientais, além de um merecido lazer turístico. Em 1966, segundo ano do curso, visitamos a CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira), localizada no eixo Itabuna-Ilhéus, sul da Bahia; em 1967, terceiro ano, visitamos o Parque de Exposição Agropecuária de Vitória da Conquista (Região Sudoeste da Bahia) e a Região Nordeste do Brasil, iniciando pela zona semiárida e finalizando pela zona da Mata; em 1968, quarto ano, visitamos as Regiões Sudeste e Sul do Brasil, com uma esticada até os vizinhos Uruguai e Argentina.



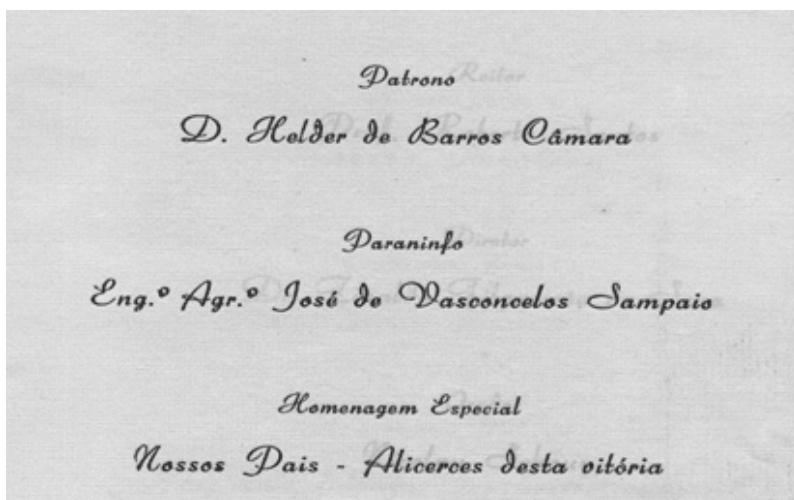






O Convite de Formatura

O mais esperado no dia a dia



A Colação de Grau!

Chegamos... 15-12-1968





De pé, da esquerda para a direita: Prof. Adailton, Mons. Neiva, Ten. Romualdo e, na tribuna, o nosso Paraninfo Prof. José de Vasconcelos Sampaio.

Eu Juro...

Juramento

Os Engenheiros Agrônomos de 1968 juramos, no exercício da profissão, combater a fome e miséria que assolam nosso país, estejam suas raízes dentro ou fora d'êlo, com as armas que o momento apresentar, a fim de que possa nosso povo levar avante sua missão histórica de libertar-se.



Cinco Anos de Formados (1973)

Primeiro reencontro da turma

Baixa do Palmeira/Fazenda de Tasso Leite (*Goiabão*)



Vinte Anos de Formados (1988)

Segundo reencontro da turma
Cruz das Almas/Escola de Agronomia



Vinte e Cinco Anos de Formados (1993) Jubileu de Prata

Terceiro reencontro da turma
Baixa do Palmeira/Fazenda de Tasso Leite (*Goiabão*)
(A Placa comemorativa está afixada no saguão do Prédio da
Administração da Escola)







JUBILEU DE PRATA DOS ENCOS AGRos DE 1968

ESCOLA DE AGRONOMIA - UFBA - 1993

<p>ADNÉJAR ALMEIDA SANTOS AIRON COSME BOTELHO PINTO ALBERTO DOS REIS CAMPOS ALMIR FERREIRA SANTANA ANTONIO BERNARDO S. DE LIMA ANTONIO EDSON S. CHIACCHIO ANTONIO FRANCISCO M. RODRIGUES ARMANDO JOSÉ LAPA ARNALDO ANTUNES DE ALMEIDA AUGUSTO ROBERTO SENA BOMES BARTOLOMEU AGUIAR COSTA CÂNDIDO NUNES DE VASCONCELOS CARLOS ARMANDO B. DE SANTANA CARLOS R. V. PITÁGORAS FREITAS CLÉLIO DA SILVA ARAÚJO CLIDENOR MENEZES DE S. NETO DALMO BRITTO SEIXAS DOMÍNGOS F. BADARÓ NETO DURVALINO VASCONCELOS NUNES EDUARDO JOSÉ NASCIMENTO ERIBALDO NÓVAES LIMA ETÉLIO DE CARVALHO PRADO</p>	<p>FLÁVIO CEZAR ALMEIDA TAVARES FRANKLIN PEREIRA DE MIRANDA GERALDO BARRETO DE MELO GERALDO CONRADO T. DE CASTRO GERALDO NONATO DE ARAÚJO GERALDO SOARES BARRETO GERMANO GARCIA M. DE S. LEÃO GERNACK FERRAZ SOUTO GESSE BERNARDES JAYME RAMOS DE ALMEIDA JOELITO DE OLIVEIRA REZENDE JOSÉ CARLOS DA ROCHA JOSÉ CARLOS SOARES DE ASSIS JOSÉ CAVALCANTE RODRIGUES JOSÉ CLÁUDIO F. CORREIA JOSÉ RIBEIRO DE SANTANA JOSÉ TRINDADE JOSÉ VANDERLEI RAMOS LOURIVAL BISPO LEMOS LUCIANO SOARES DE V. SAMPAIO LUIZ FRANCISCO DA S. SOUZA LUIZ SIMÕES DE FARIA</p>	<p>MARCO ANTONIO M. PATERNOSTRO MIGUEL BRITO PINHEIRO NEWTON BUENO NICOLAU MIGUEL SCHAUN NOILTON DA SILVEIRA MATOS OYDÍO BARROS PAULO HUBO DE OLIVEIRA LEITE PAULO JOSÉ SIMÕES DE AMORIM PAULO DE TARSO M. CAFEZEIRO RAIMUNDO SANTOS BARROS REGINA COELI R. MACHADO ROBERTO ADAMI DE SÁ SEBASTIÃO JOSÉ DAS NEVES SIDENI LOPES DA SILVA TASSO NASCIMENTO LEITE THEÓFANES BORGES PEREIRA WALDEMIR HUBERTO C. SILVA WINSTON DELANO BREEN INGLE WOLMAR UILKER SOUZA SANTOS ZÉLIO EXPEDITO CESAR</p>
---	--	--

Memórias - Nossas Cruzes, Nossas Almas

Clélio da Silva Araújo (Quarana)

(In memoriam)

Estas memórias – verdadeiro tesouro para a turma de agrônomos diplomados pela Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia, em 1968 – foram apresentadas em 1993, quando da comemoração do 25º ano de formados. Registram, com absoluta fidelidade, fatos referentes à nossa trajetória acadêmica em Cruz das Almas, Bahia.

Comitê Editorial

1965 – 1968

O cursinho da saudade, o 3º ano no Colégio Alberto Torres

O caderno de Candinho

Os bolsistas da Sudene

As repúblicas: Chácara e Tabela

A chegada ao hotel de Guedes

Os *fetos* do Candéal

A turma da cidade

O vestibular

A briga de Afonso Ramos e Moysés Waxman em defesa do filho à frente na prova de Português que Afonso tomou parte na preparação para o vestibular.

A reprovação geral na prova de Português preparada por Afonso Ramos. Ninguém sabe Português, dizia ele.

Os alojamentos: o Hospício, o Hospital e o Frigorífico.

Os ônibus: “Velho Gagá” e “Clorofila”.

A cachaça dos sábados, na Pérgula da praça.

A cana no início e no final do dia na bodega de Antão (seus

clientes: Bastião, Baixinho e Dalmo *Cangaço*).

Os *lunfas*. Os irmãos Metralha.

Tomé: suas mulheres, seus filhos e suas mentiras

A “higiênica” preparação culinária dos bolinhos para o almoço do refeitório.

Idelfonso e o servente de nome Guarda. Dizíamos: quem come e guarda, come duas vezes. Ele respondia: Come um pedaço de neuvo...

Os trotes e as torturas.

Iniciar a refeição pelo doce...

Passar para o fim da fila e comer depois dos doutores.

Atravessar as poças d’água a nado em frente à cantina.

Saltar do ônibus à noite nos eucaliptos a uma distância de 2 km do alojamento: – Desce feto! - era a ordem dos veteranos.

Tomar banho de k pra cima, preferencialmente meia noite ou na madrugada.

Fazer ordem unida três horas da manhã, no campo de futebol, sob o comando do terror – Hélio *Saquinho* – totalmente etilizado e de revólver na mão.

Os furacões nos apartamentos dos calouros. Cama sobre camas.

A mando de outro doutor, chamar um veterano pelo seu apelido.

Rastejar como verme, além de sentar numa bacia pequena com água e sabão em pó, totalmente nu e recitando uma poesia.

O pavor do trote e a dormida no apiário da Escola.

O desfile da *Miss Quenga* – Zé Trindade de biquíni foi a *Quenga* campeã.

Beber cachaça até o limite definido pelo doutor já embriagado.

A mistura pimenta com goiabada no início da refeição.

A atração do calouro *Tomate*, passou no vestibular com média “10”.

A tristeza de seu atropelamento.

O bom Chico e o ônibus “Velho Gagá”.

Dona Angelina, sua competência.

O roubo de bananas no sítio da Escola: Zé Trindade, Clélio e Geraldo Melo, todos de capa preta para se misturarem com a escuridão.

O tira-gosto da galinha surrupiada no próprio aviário da Escola. A penosa era preparada na bodega de Antão.

O cardápio do refeitório (invariável por quatro anos), da sopa ao bolinho de carne moída, preparados por Idelfonso e companhia, o suor pingava no caldeirão.

As lavadeiras *possuídas* no dia de levarem as roupas lavadas.

As sereias de nome *Galitotas* e os *amassos* no cinema da cidade.

O único bordel localizado na tabela e a sorte de, na época, não existir aids.

A pose de doutor Zito e a humildade de doutor Clovis.

A noite nupcial de Raimundo *Tomate* no alojamento Frigorífico – o colchão maculado foi exposto com galhardia.

A ranzinza de Zeca do Capitão com Eribaldo, o Badinho.

Geraldo Melo, o *Tripé*. Um dia ele mostrou - e o Frigorífico veio abaixo.

Trindade, com dor de barriga, era o *Canhão de Navarone*; Zé Vaqueiro, seu vizinho no Candéal, reclamava muito; e Luiz Simões, companheiro de beliche, reprovava, de violão na mão, fazendo uma trova.

Durval *Bongô*, a vontade de crescer: pendurava-se pelo pescoço preocupando os colegas, já que o exercício se aproximava de um enforcamento.

Noilton e as gozações com os sergipanos.

O rascunho da prova de Bioquímica jogado em mil pedaços no matagal. Em seguida, a operação de resgate e a montagem que durou dez horas. Depois, a menor nota de cada um foi de 9,5 (nove e meio). Até a fórmula da lactose o pessoal acertou.

Os dias de festa no Cruz das Almas Clube e a difícil tarefa de escalar o muro dos fundos. Alguns quebravam o pé e perdiam a festa.

Dalmo *Cangaço* utilizado no fim do baile exigia que algum pai de família o levasse para a Escola.

Tasso e a caminhonete a 140 km/h chegando no prédio de Zoologia.

As mulheres chegaram! Grito ouvido no alojamento quando o ônibus trazido de Salvador vinha repleto de balzaquianas e tristes coroas esperançosas de conseguirem idílios nas festas da EAB.

Geraldo e a pergunta na prova de Botânica: porque a manga é torta? Só *Tomate* acertou esse quesito.

Dominguinhos, Humberto *Pió/Metralha*, *Espiroqueta* e *Gelosa*, à noite, assaltando um guarda-roupa num bairro de elite, cheio de provas de Matemática.

Decorar e saber todos os ossos do cavalo. Pitágoras, o “museu”, não conseguia chegar ao fim.

Tio Lamp e a mania de enrolar um pedacinho de plástico. Sério, qualquer que fosse a dose.

Baixinho, *Cangaço* e *Bastião*, o rolo compressor do povoado Sapucaia. O estoque de “Serra Grande” ali não ficava velho.

Flavinho e o peito estufado, mais imponente que o touro guzerá de Zé Maria, lá do IPEAL.

Geraldo *Parceiro* dizia: “Bom mesmo é dar uma boa *caçada* no meio do roçado”.

A excursão ao Nordeste. O ônibus voltou com 2/3 do bagageiro cheio de cascos de aguardentes.

A excursão a Vitória da Conquista: Alguém foi preso! Quem?

Os discursos de Nicolau pedindo prorrogação do dia da prova.

A “Festa dos Trópicos”. Muita cana muita porrada, lucro zero.

A excursão para a Argentina: Sobraram 34. Sobrou dinheiro, valeu a organização da *Embaixada dos Agronomandos de 68*. *Gelosa*

levava o dinheiro dentro do short. Foi e voltou com o mesmo short e o mesmo cofre. *Capileu* está aqui! – segurava tudo e mostrava.

Paulo Amorim: a cerveja só é ruim porque não demora mais na garganta.

Joelito, *Cabeleira*, *Fedor* – Após o fenômeno da digestão, expelia os gazes mortíferos para quem ali estava por perto, no apartamento 12 do Frigorífico. Veio passear na EAB – chegou à noite. Amanheceu deslumbrado:

– Meu Deus, o que é isto?!

– Que coisa linda!

– Vou ficar aqui, *Quarana*!

– Aqui vou estudar e caminhar, você vai ver!

Pacarito: Comia a goiabada depois da meia noite, fazendo esforço para a lata não fazer barulho e acordar o colega do beliche.

Gessé – O *Agonia*. Só era calmo na hora de tirar retratos. Tirava muitos e não vendia. A turma ficava esperando o dia da amostra.

Atenção g1 (Luiz Francisco) se não tivéssemos nos aposentado o problema PC e anões já estaria resolvido.

Clélio da Silva Araújo

Aracaju, dezembro de 1993

Quarenta Anos de Formados (2008)

Quarto reencontro da turma Cruz das Almas
(A placa comemorativa dos 40 anos está afixada no saguão do prédio frontal da Escola, logo abaixo daquela referente ao Jubileu de Prata)



Hospedagem no Hotel Flamboyant Inn, em Cruz das Almas



Jantar de confraternização no então Restaurante Sky, em Cruz das Almas



Missa Ação de Graças, I. N. S. do Bom Sucesso, Mons. Neiva, Cruz das Almas



Seção Solene no Auditório da UFRB, *campus* de Cruz das Almas



Campus da UFRB, em Cruz das Almas



Campus da UFRB, em Cruz das Almas - Almoço no Bosque das Mangueiras



Placa comemorativa dos 40 anos de formados

Nós, Agrônomos de 68

Clélio da Silva Araújo (Quarana)

(In memoriam)

Essa mensagem foi lida durante a comemoração dos 40 anos de formados, realizada em Cruz das Almas, Bahia. Para Clélio, sua Escola era extensão de sua família...

Comitê Editorial

Quero, neste momento grandioso, prestar minha homenagem aos pais, esposas e filhos dos Agrônomos de 68.

Temos a certeza de que todo o sucesso alcançado em nossas vidas, todo sonho realizado, estão alicerçados naqueles que sempre estiveram dando partes importantes de suas vidas em favor de tudo que comemoramos hoje, fazendo-nos felizes. Eles douraram nossas existências com coisas de Jesus.

Amigos, por força de uma hercúlea atração – sopro da deusa Ceres –, jovens de 18 a 20 anos, caminharam para CRUZ DAS ALMAS. O campo magnético da Agronomia condicionava levá-los para uma Escola bonita, atraente, historicamente o berço cultural da Agronomia Brasileira. De SERGIPE, PERNAMBUCO, MINAS, ALAGOAS, das diferentes regiões da BAHIA, e até da longínqua NICARÁGUA, muitos vieram experimentar a batida de limão de ANTÃO, dormirem nos leitos do HOTEL DE GUEDES e morarem, até o vestibular, na REPÚBLICA DA TABELA. De lá, o prêmio e o status de aportarem no ALOJAMENTO VELHO [HOSPÍCIO], HOSPITAL E FRIGORÍFICO/TRIO ELÉTRICO para numa proposta de PRÉ-DOCTORES iniciarem os conhecimentos das CIÊNCIAS AGRÁRIAS. Tudo dentro de cada emoção vivida e inesquecível. O primeiro par de botas, a primeira camisa CAQUI, a primeira bolsa azul e branca, promoção do DALA [Diretório Acadêmico Landulfo Alves], estimulando os sergipanos a desfilarem na rodoviária

de Salvador e tomando o rumo de ARACAJU, para o gozo das primeiras férias.

Extasiados, venceram as primeiras etapas. Desde os inquietantes banhos da madrugada, numa fase de trotes indeléveis, até os afetuosos e obrigados carinhos ao esqueleto do cavalo com 210 ossos e que loucamente tinha que ser bem estudado, se o aluno não quisesse permanecer por uma década na Escola de LANDULFO ALVES.

Para cada tempo, ricos fatos, aventureiros momentos vividos, alguns plenos de desafios e desatinos, mas todos transpostos com a habilidade dos cabritos das montanhas e a inteligência das cobras solenóglifas. Querem lembrar?

A sanfona de cola com um metro de comprimento de HUMBERTO METRALHA e a montagem daquele rascunho de uma prova a mil pedaços espalhados pelo vento e acamados numa área arbustiva e emaranhada.

Aquele jipão de DOMIGUINHOS, as três da madrugada, cortando o espaço em majestosa lentidão, levando no bojo NITROGLICERINA PURA.

O altruísmo de NICOLAU, abrindo o peito e dizendo FUI EU – um gesto de coragem que preparou o melhor terreno para germinar a justiça, ante agressões tiranas contra o colega Valdísio.

A vontade de vencer todas as provas que em provas testavam a responsabilidade dos filhos que aqui vieram para estudar e se formar, entregando aos amados pais os diplomas quitados e homologados com o Ouro da Vitória.

Vitória de um grupo inquieto, de dentes rangidos contra o tamanho do perigo e as adversidades do momento. Vitória de um grupo que trouxe do lugar de origem os sentimentos mais sagrados da cepa familiar, permanentemente demonstrados na convivência do dia a dia, pontificando o aconchego, a solidariedade, o companheirismo, a afetuosidade e o respeito comum, este a argamassa de fazer todos caminharem juntos num tempo acadêmico vivido e que, aqui, é hoje REVIVIDO de forma bonita e carinhosa, saudando o mel e o fel de tantos

colegas de quarenta anos atrás.

Momentos como este, reservam-se religiosamente para grandes pessoas, colegas que deixaram dentro de nós forças timoneadoras no caminhar, no agir, no proceder de nossas vidas.

Falo de ALMIR, *BOI VÉIO*, o colega brando e cordial, incapaz de arranhar o próximo e o mais próximo.

Nosso ARNALDO, *O TIO LAMP*, cuja determinação de cursar Agronomia, aos quarenta anos, acelerava sua caminhada nos dizendo: NÃO POSSO DEIXAR DE SER O MENINO QUE QUER O DOCE MAIS DOCE DA VIDA, O SABER.

SEBASTIÃO, *O INOCENTE BASTICA*, que a todos chamava de doidos, mas o que queria mesmo era pedir que todos se fizessem passar por JECA TATU e emprestar a alegria do homem do interior.

ROBERTO, *GELOSA*, ADAMI, impossível não relembra-lo como o colega mais doce da turma. Roberto era o colibri de nosso jardim, tocava tudo que queria tocar com o gesto do bem-querer. Parecia dizer sempre a cada um: LIGA NADA, A VIDA É FÁCIL. E O IMPORTANTE É O NÉCTAR QUE ELA TEM. VAMOS VOAR, VAMOS BEIJAR O VENTO, O VENTO É PARA SER BEIJADO.

SIDENI, *O MORMAÇO*, *MONTANHA*. Perdiam tempo aqueles que quisessem entendê-lo. E ele, à época, já sentenciava: NÃO PROCUREM ENTENDER A MONTANHA. ELA NÃO É PARA SER CONJECTURADA. ESCUTEM APENAS, DELA, OS GRITOS QUE LÁ SE ESCONDEM, TEMAM SEUS MISTÉRIOS E ADMIREM SEUS PICOS E SOBERANIA TOTAL, QUE ELA PASSA.

Colegas, sintam neste momento aqui, todos eles a somarem em nossos corações a grandeza da alma. Grandeza de almas também de nossos mestres.

DR. BRÁULIO LUIZ SAMPAIO SEIXAS – Nós, tomando uma cervejinha na *Pérgula* e discutindo a mecanização agrícola; ele defendendo a máquina agrícola, afirmando: – Ela deve ser tratada como o Melhor Amigo.

DR. ANÍBAL DA SILVA RAMOS, *O SENHOR SABEDORIA* – Afirmou

que duas paralelas poderiam se encontrar no infinito, no que *PARAFUSO* acrescentava... E QUEM SOU EU PARA DUVIDAR, PROFESSOR?

DR. AFONSO DA SILVA RAMOS – Mostrava, com conceitos ideológicos, que a miséria campesina não nasce só, há culpados que a faz brotar e se manter. **Pois é, depois de 40 anos não há como negar!**

DR. JOSÉ DE VASCONCELOS SAMPAIO – Ninguém como ele nos perpetuou a cristalinidade da LEI DE LIEBIG.

DR. DERALDO DIOMEDES GRAMACHO – Mestre amável, cordial, explicava coisas da QUÍMICA, com doçura de um colega de turma.

DR. ALFREDO VELOSO DA ROCHA PASSOS NETO – Queríamos ser seus alunos. Mas sonhávamos em tê-lo como sogro, pois o mesmo era pai de uma menina muito bonita de quem vários se apaixonaram.

DR. MINOS DA SILVA AZEVEDO – Era o irmão mais velho que ensinava a titulação e alertava: CUIDADO, NA VIDA PRÁTICA VOCÊ VAI PRECISAR! Acertou em tudo!

DR. JONAS MACHADO DA COSTA – Inesquecível sua sabedoria sobre os insetos, os que mastigavam e os que sugavam.

DR. ARCHIMAR BITENCOURT BALEEIRO (*BALA*) – Agricultura Geral era seu Universo, seu cabedal. Mas o que o magnetizava em aula era passar lições de vida.

DR. FLÁVIO DIAS TAVARES – Rochas magmáticas nada tinham a ver com a forma zelosa de sua pedagogia.

DR. GRIMALDO PATERNOSTRO – Cultuava a agricultura com devoção grega. Dizia sempre: AMOR ÀS PLANTAS TEM QUE SER SENTIMENTO FRATERNAL, PROTETOR.

JOSÉ MARIA COUTO SAMPAIO / COM DR. ADAILTON OLIVEIRA SAMPAIO – Diziam aquela verdade: EMBORA RÚSTICO, O NELORE EM TERRA RUIM ACABRITA. Foram visionários, quando ensinavam que, nos trópicos, o GIR e o GUZERÁ LEITEIRO podem ser explorados economicamente com sucesso.

DR. JOÃO SATURNINO DA SILVA – PEQUENINO. Não tinha beleza

global, porém suas aulas magnetizavam os alunos de forma contagiante!

DR. EDSON DA SILVA MARQUES – Até hoje não esquecemos o conceito de probabilidade: EDSON MARQUES – ERA NOVO E O MESTRE DOS MESTRES.

DR. RAYMUNDO FONSECA SOUZA – Professor de Cepa, ele foi o nosso JACARANDÁ. Descortinava com competência os meandros da Química Agrícola. Deixou, em cada um de nós, luzes da ciência, que nos ajudaram a iluminar caminhos importantes, difíceis.

DR. MANOEL DE ALMEIDA MENDES – Se você ordenha uma vaca com mãos sujas, toca o piano da mastite. Quanta verdade Zootécnica!

DR. CLÓVIS VAZ SAMPAIO – Tinha como professor a bondade da terra fértil, arroteada mecanicamente. Meus Senhores, sim senhores!

DR. JOSÉ INÁCIO DE ANDRADE SOUZA – É Mestre. Tudo aquilo em Santa Catarina. Se o país respeitasse a sabedoria da Meteorologia, muitas dores seriam evitadas.

DR. GERALDO CARLOS PEREIRA PINTO – Fascinante foi seu domínio sobre o mundo botânico. Partimos para a vida profissional levando dentro de nós coisas sábias de GERALDO PINTO.

DR. EDUARDO LACERDA RAMOS – Sem o ranço do velho AFONSO, desde o curso da Sudene surpreendia pelo conhecimento trazido da América.

DR. ALINO MATTA SANTANA – Olhe, Mestre, nós não gostávamos mesmo era de estudar a fórmula da lactose, mas aprendemos valiosas lições que nos fez chegar.

ANGELINA, CRISTINO, TOMÉ, CHICO DO VELHO GAGÁ – Aqui as orações dos presentes por tanto apoio, vindo da singeleza de suas funções.

ILDEFONSO E GUARDA, do refeitório, dos bolinhos de carne, do feijão, do arroz, embolado ou não, mas, preparados com estima de Samaritanos Amigos.

AMIGOS, COLEGAS, MESTRES, FAMILIARES, desculpem o tempo

tomado, o aporrinhamento cometido. Sabem, é que eu queria dizer estas coisas há tempo, noutros encontros que doídamente não aconteceram. Mas o tempo nos trouxe a oportunidade de agora festejar a riqueza deste aproximar, deste doce encontro. É tempo de cultuarmos as coisas da alma – e o passeio da alma são a saudade e o sonho do reencontro de pessoas de quem gostamos, como vocês. Continuem eternos, glorificados pela poeira da gleba e o matraquear dos tratores. Beijos.

CLÉLIO ARAÚJO

13 de dezembro de 2008

Cruz, Encontro dos Metralhas de 68

Eu Estive Lá

Clélio da Silva Araújo (Quarana)

(In memoriam)

Esse emocionante relato – que retrata com absoluta fidelidade a convivência harmoniosa, solidária e feliz entre os colegas da Agronomia –, foi escrito em 2008, logo após o encontro da turma, em Cruz das Almas, Bahia, para a confraternização e comemoração dos 40 anos de formados. Naquela ocasião, Clélio almejava o próximo reencontro em Aracaju, porém não foi possível comemorar os 45 anos da diplomação. Dez anos depois - embora já tivesse partido para o Oriente Eterno para sentar-se ao lado de Deus -, seu desejo foi realizado: comemoramos o Jubileu de Ouro da nossa colação de grau na sede da respeitável Associação dos Engenheiros Agrônomos de Sergipe (AEASE), em Aracaju, no espaço social que tem o seu nome emplacado em uma das paredes daquele aprazível recinto.

Comitê Editorial

Tudo começou com um grão de otimismo de Luiz Francisco, lá em Cruz das Almas.

Ainda num clima de primavera, Luiz enviou, para diferentes colegas, em diferentes lugares, e-mails pedindo identidade dos diversos colegas formados em 1968. O pleito dizia de sua vontade em comemorar os 40 anos da turma que colou grau lá longe. O gesto foi beliscando o travesseiro de cada um, tocado pelo pleito. O pessoal foi acordando como urso polar, abrindo olho e cabeça paulatinamente até sua mobilização total. O cadastramento foi feito e enviado para Luiz. O otimismo de Francisco já respingava em Joelito, Raimundo, Dalmo, Miguel, Geraldo *loiô* e Roberto.

Os e-mails foram se multiplicando na turma e as vontades foram crescendo fortalecendo a crença de que poderia acontecer, pois afinal o

desenvolvimento de uma semente lançada é coisa de agrônomo.

Miguel botou o sal necessário, mesclando suas mensagens com brincadeiras e fatos acontecidos no tempo de Faculdade, onde Nicolau o prisioneiro, foi futucado várias vezes.

Flávio, Joelito, Roberto e Edson incandesceram a tocha estimulando os ariscos e os linfáticos colegas a mexerem-se rumo ao futuro encontro.

Luiz Francisco, com fé de revolucionário, timoneava o movimento com tenaz gestão, mobilizando todas as forças e pessoas que, em Cruz das Almas, poderiam assegurar a concretização e o brilho do evento. Nas diferentes localidades do país, consultou datas, números de familiares, participações efetivas, acervos fotográficos, histórias, opções hoteleiras e programação da festa.

A cada quinzena do mês vivido, tudo ia se desenhando com alegria de menino presenteado. O martelo já batia forte, confirmando a participação da maioria, o período do evento, os convidados, as placas escolhidas e as datas do encontro sonhado.

Joelito, na Espanha, enfaticamente marcava sua presença na festa, e o fazia de forma tão calorosa que era listado como o primeiro da fila a estar presente. O desempenho dramático foi tão bem desenvolvido que Durvalino, depois da festa, lamentando a ausência de *Cabeleira*, assegurava que o colega, na Europa, fazia mesmo era seu aperfeiçoamento profissional na área de Dramaturgia.

As datas de 12, 13 e 14 de dezembro já eram esperadas como se Olimpíadas fossem. Familiares e amigos, todos num estado febril, sacudiam a poeira das malas, inquietavam o espírito com o fulgor de um sonho de 20 anos de cada *Metralha* de 68.

Finalmente, o dia 12/12/2008, onde, em cada bonita pousada de Cruz, a exaltação da presença e o encantamento da cidade que ficou adulta e atraente, numa distância sideral daquela pequena vila do tempo de *Feto* de cada um.

Nos saguões dos hotéis, os reencontros dos ausentes por tantos anos e que, por força do tempo, traziam marcas em cada um que

chegava. Alguns com imagens já desfeitas, longe do tipo atlético que tinham o goleiro Evereste, o namorador Armando Lapa e o acadêmico Luiz Simões.

Alguns mais carecas que antes, barrigudos e menores, acusando o outro de estar mais velho.

Outros, precisando ser reapresentados para que fossem reconhecidos. Cara, eu sou o *Agonia*, dizia Gessé, numa alegria incontida. No que Raimundo *Tomate* reforçava – *Agonia*, o fotografo!

Zé Trindade, com os cabelos em algodão, já não refletia a imagem do quase menino da terra de Hermes Fontes, descendo do ônibus da Breda Turismo para conquistar seu pódio em Cruz das Almas.

Dalmo Britto, que tanto esperou aquele momento, e a seu estilo, em voz alta, gritava para todos: Gente, eu sou Dalmo, Dalmo *Cangaço*! E aí, quem é *Vai na Onda*?

Onde Humberto [*Vai na Onda*], o baixinho, ali por perto, o abraçou com o amplexo de rica saudade.

Zé Cavalcanti, o lendário *Zé Porquinho*, preservava do ontem apenas a voz rouca de artista de Liverpool e o espírito brincalhão que mexia com todos do alojamento em que viveu – o *Hospício*.

Durval “Bongô” continuava pequenino e apaixonado por Barreiras. Enriquecido de cultura, acrescentou ao encontro a riqueza de seus bonitos sonetos.

Adnejar continuava com sua marca registrada: os famosos pés de pato e o jeito de gozador eterno.

Geraldo (Ioiô) de tarado não tinha mais nenhum traço, ao contrário, com imagem dupla de vovô, recebia os abraços dos nativos e dos que não eram.

Bartolomeu, *Bartola*. Alguém pediu teste de DNA para confirmar se era mesmo aquele morador do apartamento de esquina do famoso *Frigorífico* [*Trio Elétrico*]. *Bortola*, sem cabelos de uma juba que ele orgulhosamente fazia esvoaçar com muita picardia nos bailes do Cruz das Almas Clube.

Ovídio, que de Ovídio só mesmo aquele bigode fino de Cantinflas e o espírito gozador das peladas do tempo de Candeal.

Zeca do Capita. Para quem ganhou o apelido de *Bueiro*, já cabia uma discussão, porque Zecão ficou mais gordo que o ex-gordo Tasso.

Raimundo *Tomate*. O Tomate da turma de Sergipe. O Rei dos Reis. A cultura lhe fez tanto bem que não perdeu a boa aparência de um suculento Solano. Cantou “Meu carro é vermelho” e o fez tão bem como nos tempos de Escola. Continuava dono de sagrados sentimentos. Tudo nele tem as cores do arco-íris.

Carlos Armando, o *Bacurau*. O tempo lhe tirou aquela cabeleira que assustava, deu um jeito em seus olhos e o transformou num bem aparente Gavião. Um dos pouco que o tempo escultou para o bem.

Gernack, *Galitota*. Um homem de muitas histórias plena de ricas vitórias. Não perdeu mais cabelos porque não tinha mais o que perder. E ele nunca ligou para pelos mortos. Singrou mares mansos e bravios. Continua apaixonado por Sergipe e muito afetuoso com nós sergipanos. Diz que não vai faltar ao encontro em 2010, em Aracaju.

Flávio, com seus anteriores e-mails plenos de otimismo e vontade de encontrar, no tempo predestinado, a riqueza para lembrar coisas vividas no seu bairro e do Pai Professor, da cidade que viu nascer mas não viu crescer, e que ao encontrá-la cidade adulta, levará para os filhos uma história adoçada de muitas mudanças. Flávio deixou para o Memorial da Escola o quadro de Formatura do amado Pai. Quis, assim, perpetuar e prestigiar a fase nova de Universidade do Recôncavo, apondo uma coisa sua, sagrada, e certamente pediu aos Deuses da Agronomia que guardassem bem aquele pedaço seu.

Miguel foi o dono do salineiro que temperou o encontro. Brincou com todos, viu todos, fez um depoimento político protegendo a esposa - e só faltou pedir votos para a próxima eleição. Pena que os eleitores ali eram de domicílios pulverizados. Mas, valeu Miguel!

Nicolau até que ficou bem de suspensório, parecendo figura dos filmes de TOM EARP. Numa solenidade do encontro, a convite, foi chamado para falar e comentou o programa do governo na área da

agricultura familiar, mas esqueceu o relógio - e Luiz Francisco está de olho para Aracaju. Já sentenciou: Vai haver um plebiscito, se Nicolau fala ou não!

Tasso confirmou a tese: muda o tempo, muda o homem. Mais magro e mais calmo! Brincou pouco e falou muito em sua pousada. Não mais aquele papo de curral, boi, vacas, capim brachiaria, rendimento de carcaça e padrão zootécnico. Ficamos surpresos! Tasso virou pescador, tudo que falava girava em torno de Embratur, alta estação, baixa estação, turismo. Diminuiu o estômago e a paixão pelo campo. Aumentou a afeição pelo mar, pela indústria sem chaminé e sem estábulo.

Malé. Desceu das nuvens e foi ao encontro. Tomou-se de alegrias, nos fez vê-lo como antes, afável e afetuoso. O mesmo sorriso de quando chegava de mais uma aula de pilotagem em Salvador. “Um piloto internacional no bosque das mangueiras”, seria o poema que gostaríamos que Durval escrevesse no seu próximo livro.

Noilton, *Nêgo Noilton*. A mesma risada, o mesmo humor. A gozação como oração. Fez a festa e nela brincou.

Armando Lapa – Luiz Simões, na pesquisa dos apelidos para aperfeiçoar o hino dos *Metralhas*, estava apreensivo porque não sabia qual o apelido de Lapa. Em meio a roda que pedia ajuda, o convidado de honra Humberto *Piô*, após inquietar-se com o excesso de ética do grupo, falou bem forte: – Deixem de maricagem, porque o apelido de Lapa era *Lunfa*!

Os participantes se entreolharam e concordaram. Nada mais foi dito. O filho de um deles perguntou: – Pai por que *Lunfa*?

Silêncio sepulcral.

Clidenor. Luiz Simões em seu hino não esqueceu o apelido: *Banana curta*. As pernas de Nô diminuíram, o espírito alegre aumentou. Brincou 24 horas/dia. VIVA NÔ!

Geraldo *Parceiro*. Carismático, a mesma criança num bojo de Senhor Feudal. Um pessoa capacitada para gerenciar, no tempo, o momento da boa piada, da boa gozação. O mais fiel perfil do inquilino do

alojamento *Hospital*. Hoje, sem chapéu, sem botas. Mas, com a cordial imagem do parceiro amigo que fazia, quando estudante, a companhia desejada por todos. Ali, ao vivo, o parceiro amigo. Que bom!

Regina – Ceres, nossa Deusa; Regina, nossa Musa. A mesma alegria, a mesma ternura, sua forma santa de cultivar carinho numa turma de mais de 60 marmanjos! Regina, ontem e sempre com coisas de Maria Santíssima, já nos passava a importância da mulher no mundo.

Roberto Sena – Somou-se ao grupo de fogueiras da grande locomotiva de 68: o encontro dos *Metralhas*. A mensagem no momento certo, o incentivo no e-mail enviado, a procura de quem estava no anonimato. Lamentamos não vê-lo tocar a guitarra do tempo dos Grãos de Pólen.

Luiz Simões – Pouca coisa de *Lombriga*. Ali, mais gordo, sem o pimpão de Presley mas com o espírito do menino que veio de Boquim. Aprendeu violão sem professor, e na Escola, com sua viola e coração, fez muita festa e festejou todos os bons momentos da vida acadêmica. Luiz aglutinou todos os apelidos, colocou música falando de todos e na abertura e na despedida cristalizou a alegria do encontro.

Dalmo Britto – Dalmo *Cangaço*. Ainda se tem a impressão de que o bando de Lampião passou por Cruz, lá pelos lados da Sapucaia, já que Dalmo com o apelido de *Cangaço* deixou história. Tem a estatura que tinha Volta Seca, o homem de ouro do Capitão Virgulino.

Dalmo criou seu próprio tipo: na Escola, vestia sempre caqui, camisa com dois grandes bolsos na frente; não gostava de sapatos, nem mesmo os famosos Samelo vendidos nas requintadas lojas da Rua Chile; usava dia e noite, noite e dia, os lembrados coturnos amarelos, comprados na feira de Própria, a Propriá de Rosinha. Mal abotoados, ele os usava com simplicidade, como se leves fossem.

Seu apelido já vinha da época de *Feto*, pois o tipo nascido lhe valeu a alcunha de *Cangaço*. Os contos e causos do baixo São Francisco, contados por Dalmo, reforçava o linguajar da caatinga, o que prateou seu biótipo, colimando com a tradicional alcunha.

Na noite do encontro, lá estava Dalmo com a boníssima Zélia, com

largos sorrisos e relembrando todas as coisas adoçadas do tempo de Escola. Comentou com magnífica euforia os acontecidos do Candeal, da Sapucaia, Tabela, Pérgula e Antão; indo para seus bons fins de semana em Salvador, saía e chegava mangando dos que ficavam, chamando-os de caititus.

Ali, na festa, Dalmo já sem os coturnos amarelos, o cinturão de grande fivela de boiadeiro mas com o mesmo jeitão de homem da caatinga; e certamente batendo-lhe forte no peito um coração boníssimo do homem simples, autentico. Viva Dalmo, que fazia questão de se apresentar aos quarentões como DALMO CANGAÇO!

Evereste [Eduardo Nascimento] – Não mais goleiro, não mais *Tanajura*. Mas com as mesmas coisas do menino de Castro Alves. As brincadeiras e as gozações daquele bom tempo de Vevé.

Pacarito – Perguntado por Tindola e ele, com a irreverência de sempre, respondia: Continua pequenino! Numa roda, contou bonitas histórias do *Frigorífico* [*Trio Elétrico*] com a lealdade de quem viveu, e extasiou os saudosistas ouvintes.

Luciano Vasconcelos – Norteou a feitura das placas e corrigiu previamente etapas do encontro. Já no fim da festa, pediu que mudassem o local do futuro encontro dizendo das razões: Gente, nasci aqui e vivi aqui, venho aos encontros aqui. Quero mudar!

É justo Luciano. Vamos à Aracaju, em 2010!

Etelio Prado – Aumentou uma vez e meia o seu tamanho do tempo de Escola. Já não era aquele estudante miúdo, com jeito de seminarista. Na primeira festa da noite de sexta-feira, num papo com Dalmo, relembrou tudo do Candeal, tudo do trote, tudo da Escola.

Green – O molejo para dança melhorou, o espírito alegre cresceu até as estrelas, mas a voz e o ritmo não chegarão as baladas da Nicarágua. Green animou, animou-se e fez bem a quem chegou pertinho dela. Viva o gringo, primeiro e único!

Waldemir Humberto, *Vai na Onda*. Para ele o tempo não passou, A mesma imagem indo e voltando da Pérgula. Era visível sua alegria por aquele encontro, onde reviveu históricos fatos, como também

históricas pessoas.

Edson Chiacchio – *Calçolinha*. Um nativo feito de açúcar. Seus e-mails com extratos inteligentes e intelectuais muito ajudaram, persuadindo a galera a viajar para Cruz das Almas.

O momento ternura ficou nas homenagens a alunos e mestres que hoje, em companhia de Deus, foram a todo instante lembrados com afetuosidade celestial. *Boi Véio, Gelosa, Tio Lamp e Bastião*. Seus perfis, seus gestos, suas vidas dentro das nossas, quando estudantes, da saudosa EAUFBFA. Todos descritos em cada roda, em cada papo, deixando-nos a certeza que eles se encantaram mas continuam alegrando nossos corações quando o assunto é saudade.

Igual dimensão alcança os velhos mestres que construíram as mesmas estradas floridas.

Com seus ensinamentos, no exercício de nossa profissão iluminamos os caminhos de conquistadas vitórias e sucessos.

Batemos muitas palmas também para os professores presentes: Clovis, Raymundo Fonseca, Eduardo, Jayme, Alino e os que não puderam chegar mas mandaram recados mimosos, dizendo-se presentes em orações pela alegria do reencontro programado.

Colocamos no colo a doce lembrança de Angelina, Thomé, Chico do *Velho Gagá*, Cristino e outras pessoas que, na simplicidade dos cargos, ajudaram todos nós.

Luiz Francisco – Quem é bom já nasce feito! Em meu presépio de Natal coloquei, num lugar mais alto, um carneirinho chamado Luiz Francisco. Ele ficou a poucos centímetros do Menino Jesus.

Luiz menino, Luiz juvenil, Luiz estudante, Luiz agrônomo, teve e tem coisas fortes de Deus. Forjado de dourados sentimentos, acredita no homem. Acredita na fé que move montanhas. Foi decidido, cerrou os punhos e disse: – Vai dar certo! Chamou a esposa, o mano, chamou Deus e pediu: Vamos?

Na bonita missa da Matriz, com o mesmo padre da Formatura, nós, agrônomos de 68, estávamos a glorificar os homens de boa vontade.

Luiz Francisco, o Sr. BOA VONTADE do encontro de 40 anos dos *Metralhas*. Alguém pensou: faltou essa placa!

Enfim a despedida. No rearrumar de cada mala, a certeza do grande encontro pleno de tantas alegrias, saudades quitadas e uma vontade incontida de pedir aos que não puderam vir: Ei, cara, em 2010, lá em Aracaju, não falte!

Eu, em viagem de volta, passando em frente a Barragem Pedra do Cavalo, abraçando as queridas filhas Ulla e Byanca, sussurrei feliz para ambas e Jesus: GENTE, EU ESTIVE LÁ!

Clélio da Silva Araújo

Aracaju, Sergipe, 14-12-2008

Cinquenta Anos de Formados (2018)

Jubileu de Ouro

Quinto reencontro da turma

Sede da Associação dos Engenheiros Agrônomos de Sergipe (AEASE)



Hospedagem no Hotel Jatobá, Praia de Atalaia, Aracaju, Sergipe



Jantar de Confraternização, Casa de Forró Cariri, Praia de Atalaia, Aracaju-SE



Seção Solene no Auditório da AEASE



Seção Solene no Auditório da AEASE – Culto Ecumênico



Almoço de confraternização, Espaço Social Clélio Araújo, sede da AEASE



MENSAGEM GRAVADA NA PLACA COMEMORATIVA

Os Engenheiros Agrônomos diplomados pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) – 1968 sentem-se honrados por celebrar em Aracaju, na sede da AEASE – Associação dos Engenheiros Agrônômicos de Sergipe –, o Jubileu de Ouro da colação de grau.

Expressam também o apreço pelos colegas sergipanos e o reconhecimento pelas valiosas contribuições, inclusive da AEASE, para o engrandecimento da engenharia agrônômica nacional.

Discípulos de Ceres

Durvalino Vasconcelos Nunes (*Bongô*)

1965

De longínquos rincões foram chegando,
Lutando com amor e sacrifício,
Na ansiosa busca de cumprir
De Ceres o ofício.

1968

Voou o tempo como as *verdadeiras*..
Num átimo – Missionários no Altar.
Já senhores da verdade, se preparam
Para o mundo mudar.

1978

Alguns sobre a ciência se debruçam.
Já outros – na transmissão do saber.
Àqueles – lhes preocupa a Natureza
– O ambiente proteger.

1988

Sendeiros mil; mil labirintos no Universo.
Uma aquarela iluminada a percorrer.
Nesse imenso e colossal caleidoscópico
Aprenderam o viver.

2000

Percorreram os sete mares, as galáxias;
Com o horizonte harmonizaram o caminhar.
E então a experiência os remete
Ao dever de amar.

2008

Quatro décadas depois, ei-los de volta
Em essência e energia muito além.
Homens-Deuses em uma nova dimensão
– Discípulos do Bem!

2018

Agora, meio século já passado...
Que belo fado – o sobreviver!
Rememorar os passos do caminho:
Vieram agradecer!

Hino da Turma

Luiz Simões de Farias (*Lombriga*)

Letra adaptada à música *O Ciúme*, da dupla Denny e Dino.

I

Somos da Turma de 1968
De uma Escola de grande reputação
A faculdade em Cruz das Almas, na Bahia
Onde fizemos o curso de Agronomia

II

Lá todos os calouros ganham apelidos
XEXEU aqui não voa – é uma brincadeira.
Temos MATRACA e Dr. LUNFA – boa gente
METRALHA e Dr. PIULA, oh! que turma diferente!

III

A nossa PATATIVA é melhor que a de Assaré,
O nosso MAZZAROPI não é Jeca Tatu,
QUARANA, ESPIROQUETA, PACARITO, VAI NA ONDA,
BOCA DE CABELO, BEZERRÃO E BRUCUTU.

IV

É divertido ver GELOSA e TABAREU,
MALÉ fazendo agronomia lá no céu.
Ver a gagueira do baiano POLIGLOTA,
Brilhante é a cabeça do colega GALITOTA

V

BOSTINHA, ROLA BOSTA E ZÉ PORQUINHO,
Somando os três obtém-se um chiqueirinho.
Juntando PÉ CHEIROSO, de chulé especial,
É muita porcaria! assim diz o BACURAU.

VI

Temos PATO DONALD, CANGAÇO e TOMATE.
CANHÕES DE NAVARONE, MATRACA e TRIPÉ.
BRETÃO e COTOVIA, TIO LAMPA e ALICATE.
Uma BANANA CURTA, tem TABACO e tem CAFÉ.

VII

Alô PARCEIRO, você rima com BUEIRO!
E museu com VISCONDE DE COSCOBEU.
Sua pose e gíria deixam qualquer um confuso.
Mais pose que Visconde só quem tem é PARAFUSO

VIII

Sinto arrepios ao falar em SATANÁS
Se a coisa aperta eu invoco os Orixás.
Sinto AGONIA quando vejo um CARRAPATO,
Uma CUECA suja, uma LOMBRIGA ou PÉ DE PATO.

IX

MONTMORILONITA, palavra complicada!
Dizer que temos PEBA, parece até piada.
TOUPEIRA, CABELEIRA, BOI VÉIO e um IOIÔ
Não sei como é que pode TANAJURA ser doutor!

X

Temos MORMAÇO de deixar cabeça quente.
O GOIABÃO é um gordinho bem diferente!
O nosso DEPUTADO não se mete em MARMELADA.
É um sujeito sério, não tem conversa fiada.

XI

Para confundir, o nosso Ovídio é CRISPIM.
Nêgo Noílton atende por DIACUÍ.
Winston é CARRETERA e CHIACCHIO é CAÇOLINHA.
Oh! que dificuldade encontrar o FANTASMINHA!

XII

Colega Airon é, por nós, chamado TOM.
Nosso diploma recebemos com emoção.
Agora vamos exercer a profissão.
Aos pais e professores nossa eterna gratidão.

Final Feliz

Luiz Simões de Farias (*Lombriga*)

Letra adaptada à música *Alegria Alegria*, de Caetano Veloso

1

Saí de casa, recorde
Fazia um belo dia
E fui pra Cruz, estudar
Agronomia

2

Vestibular eu passei
Foi uma grande emoção
Passei também por Afonso
E Geraldão

3

Fiz prova de todo tipo
Pequena, média e comprida
Me perguntaram até,
Pela origem da vida.

4

Cocei minha cabeça,
Pensei...
Deve ser a matéria, que evolui
Pedi perdão a Deus,
E fui

5

Por entre prédios e salas
Saber do meu resultado
Qual não foi minha alegria,

Aprovado!

Eu fui,
Por que não, por que não,
Por que não, por que não

6

Decorando apostilas,
Os quatro anos passei
Vou mostrar ao mundo agora,

Que sei,
Uma Genética pra frente,
Uma Bioquímica infernal,
A Matemática todinha,
Integral,

7

Esqueleto de cavalo
Eu estudei foi demais,
Peguei baratas, formigas,
Montei suas peças bucais

8

E o tempo foi passando,
Assim,
Moysés lecionando,
Aí de mim!

9

Adeus Escola Agronômica
Agora eu sou doutor,
Vou mostrar isso ao mundo,
Eu vou
Por que não, por que não,
Por que não, por que não.

Caminhos Desbravados...

Desbravar caminhos não é simplesmente cortar o mato e abrir passagem para qualquer lugar. É conhecer o lugar, olhar e ver se o caminho vale a pena e se vai destruir aquilo que já existe para o nosso bel-prazer.

Desbravar caminhos é abrir passagem para chegarmos ao nosso objetivo. Para isso, explorar devidamente, elaborar metas, mesurar os resultados e, depois, capinar!

E nem adianta mandar alguém fazer... tem que estar lá. Tem que usar cada sentido junto e isoladamente. Tem que usar a emoção. Tem que usar a razão. Tem que ser inteiro. Só desbrava quem está e vai! Com a verdadeira vontade de construir e nunca de destruir!

Pat Lins¹

Resumo das principais atividades profissionais de integrantes da Turma AGR-68, realizadas após a Colação de Grau (lamentavelmente não foi possível resgatar/obter as contribuições de todos os colegas).

Alberto dos Reis Campos

Engenheiro Agrônomo, Iniciou sua carreira profissional em 1969, como extensionista rural da Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural da Bahia (ANCARBA), transformada sucessivamente na Empresa de Crédito e Extensão Rural da Bahia (EMCERBA) e Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia (EMATERBA), nas quais trabalhou durante 20 anos, inclusive como chefe de escritório no município de Rui Barbosa-BA e Macarani-BA. No decorrer desse tempo, fez cursos de aperfeiçoamento e participou de treinamentos e de eventos Agropecuários. Ao ganhar uma fazenda de seu pai, deixou o serviço público e partiu para a iniciativa privada:

¹Fonte: <http://patlins.blogspot.com/2012/09/desbravar-caminhos.html> Acessado em 27 de fevereiro de 2019.

comprou fazendas nos municípios de Una, Ferradas, Itapé e Ilhéus. Vendeu tais fazendas e hoje mora e usufrui de uma propriedade agrícola no município de Camaçari, Bahia.

Antonio Edson Santos Chiacchio

Engenheiro Agrônomo, com os seguintes cursos de especialização: Extensão Rural, promovido pela Comissão Executiva do Plano de Recuperação da Lavoura Cacaueira (CEPLAC); Irrigação em Café, promovido pelo Instituto Brasileiro do Café (IBC); Pastoreio Rotacionado Intensivo - Voisin; e Capacitação Inicial em Crédito Fundiário, promovido pela Coordenação de Desenvolvimento Agrário (CDA)/Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR). Exerceu sua profissão durante 32 anos (aposentou-se em 2012, aos 68 anos de idade), realizando as seguintes atividades: Extensionista do IBC-GERCA durante dois anos – quando, então, criou e editou o *Jornal Atualidades Cafeeiras* –, e da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S.A (EBDA), por nove anos. Durante 25 anos, atuou como profissional liberal realizando as seguintes atividades: Elaboração de Projetos Agropecuários e Assistência Técnica, conveniado por intermédio da STA-Serviços Técnicos Agropecuários Ltda. com bancos institucionais e particulares – destaque para os seguintes projetos de implantação de cafeeiros: ROMESA, 4 milhões de covas; OAS AGROPECUÁRIA, 3 milhões de covas; CIVOL AGROPECUÁRIA, 1 milhão de covas; FAZENDA LAGOA DO MORRO – projeto industrial para o preparo e beneficiamento de café –, 6 milhões de covas de café. Nesse período, elaborou, entre planos simples e projetos agropecuários, mais de 500 trabalhos interligando clientes aos agentes financeiros e levando aos mesmos informações técnicas para a implantação e condução de seus empreendimentos. É proprietário da empresa TRIPEÇAS – Peças para Tratores Agrícolas, atuando na reposição de peças para tratores e implementos agrícolas.

Antônio Francisco Mascarenhas Rodrigues

Engenheiro Agrônomo, assumiu a função de extensionista, concursado, da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia (EMATERBA) em Vitória da Conquista e em Santo Antônio de Jesus, depois transferido para Salvador para a então Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S. A. (EBDA) onde se aposentou por tempo de serviço.

Armando José Lapa

Engenheiro Agrônomo, com mestrado na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Iniciou suas atividades profissionais na Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural da Bahia (ANCARBA), que se transformou na Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S. A. (EBDA). Em 1979, transferiu-se para Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), órgão federal, onde se aposentou em 2000. Exerceu a função de professor na Faculdade de Tecnologia e Ciência (FTC) por mais de 10 anos. É perito agrário, atendendo demandas da Justiça Federal notadamente em atividades relacionadas ao cultivo do cacau e à bovinocultura.

Augusto Roberto Sena Gomes

Engenheiro Agrônomo, Mestre e Doutor em Tree Physiology, pelo Department of Forestry, University of Wisconsin, Madison, Wisconsin, USA, áreas de concentração Floresta e Botânica. Iniciou suas atividades profissionais contratado pelo então Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuárias do Leste (IPEAL), para chefiar a Estação Experimental de Una (atualmente Estação Experimental Djalma Bahia) em Una, Bahia, uma unidade de estudos experimentais com a seringueira e dendezeiro. Prestou serviços no Centro de Pesquisas do Cacau (CEPEC), vinculado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), onde se aposentou após 31 anos de trabalhos e estudos fisiológicos envolvendo seringueira, cacau, algumas florestais e cultivos de diversificação na Região Cacaueira da

Bahia. Ocupou vários cargos de chefia inclusive na iniciativa privada, a exemplo da Agrícola e Pastoril Ltda. e Cargill Cocoa. Além disso, foi consultor de grandes empresas e instituições ligadas ao cultivo do cacau tais como: Nestlé, M.M. & Mars (Almirante Cacau), Chaves Agrícola e Pastoril Ltda., PNUD, Bioersity Internacional, Roma. Atualmente, maneja uma pequena propriedade rural, cultivando cacau no sistema “cabruca”.

Bartolomeu Aguiar Costa

Engenheiro Agrônomo, Mestre em Administração Rural pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), Minas Gerais. Iniciou a carreira profissional em fevereiro de 1969, como extensionista da Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural da Bahia (ANCARBA), depois transformada na Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S. A. (EBDA), da qual se aposentou em julho de 1999. Ocupou cargos de chefia local, regional e estadual, coordenação de programas de desenvolvimento rural em nível estadual e assessoramento de direção. A partir de março 2005, reiniciou a atividade profissional na Secretaria de Estado do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (SETRE), como coordenador técnico da área de relações de trabalho e documentação, encerrando o ciclo em fevereiro de 2015. Atualmente usufrui do tempo que lhe é permitido entre Salvador e Igatu (município de Andaraí, Bahia), onde cultiva pequena área com cafeeiro.

Cândido Nunes de Vasconcelos

Engenheiro Agrônomo, Mestre em Zootecnia, área de concentração em Pastagens. Iniciou sua atividade profissional na Empresa de Crédito e Extensão Rural da Bahia (EMCERBA), transformada sucessivamente na Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural da Bahia (ANCARBA), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia (EMATERBA) e Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S. A. (EBDA). Cargos/funções exercidos: extensionista rural; chefe de escritório local; coordenador regional;

assessor de Zootecnia; chefe do Núcleo de Programas e Projetos; coordenador de operações; diretor técnico; chefe do Departamento de Desenvolvimento da Pecuária; professor das disciplinas Forragicultura e Nutrição Animal, na Escola de Medicina Veterinária União Metropolitana de Educação e Cultura (UNIME).

Carlos Armando Barreto de Santana

Engenheiro Agrônomo com especialização em Planejamento do Desenvolvimento Regional, realizada em Brasília-DF, pelo CENDEC/IPEA/IPES/PNUD. Iniciou sua carreira profissional como extensionista rural da Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural da Bahia (ANCARBA), transformada sucessivamente na Empresa de Crédito e Extensão Rural da Bahia (EMCERBA), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia (EMATERBA) e Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), onde ocupou os seguintes cargos: chefe dos escritórios locais de Mairi, Mundo Novo e Feira de Santana; gerente regional de Feira de Santana; coordenador estadual do PDRI Além São Francisco; chefe do Núcleo de Programação e Orçamento (NPO); Coordenador de Desenvolvimento do Sistema (CODES). Também desenvolveu suas atividades profissionais na Secretaria do Trabalho e Ação Social (SETRAS), exercendo os cargos de: gerente de apoio às unidades de produção; diretor geral do Departamento de Desenvolvimento do Trabalho (DDT); e Superintendente de Desenvolvimento do Trabalho (SUDET). Na Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (SEAGRI-BA), exerceu os cargos de: gerente da unidade técnica do Programa de Desenvolvimento Rural Integrado da Região de Irecê (PDRI/Irecê); diretor técnico da Fundação Centro Estadual de Planejamento Agrícola (Fundação CEPA); e assessor especial do Gabinete da SEAGRI, de 2010 até o momento atual. Desenvolve, ainda, de forma secundária, a atividade de pequeno produtor rural no ramo de pecuária de corte, em Boa Vista do Tupim.

Clélio da Silva Araújo

Engenheiro Agrônomo, iniciou suas atividades profissionais como estagiário da Companhia Agrícola de Sergipe (COMASE), onde galgou paulatinamente os seguintes cargos: assistente técnico, chefe e diretor técnico do Departamento Administrativo, ocupando posteriormente a presidência da instituição; foi diretor e chefe da Assessoria de Planejamento da Empresa Municipal de Desenvolvimento Urbano-(EMSURB); secretário de Serviços Urbanos da Prefeitura Municipal de Aracaju (PMA); gerente de Comercialização e Abastecimento da Unidade Técnica do Projeto Nordeste (PRONESE); coordenador de Assuntos Fundiários da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMDAGRO); assessor técnico da presidência e diretor presidente da Companhia de Desenvolvimento de Recursos Hídricos e Irrigação de Sergipe (COHIDRO); diretor presidente da Empresa de Energia Elétrica de Sergipe (ENERGIPE); 1º e 2º secretário, secretário geral, vice-presidente e presidente da Associação de Engenheiros Agrônomos de Sergipe (AEASE) – com a inauguração da nova sede, em 2005, foi homenageado emprestando seu nome ao novo espaço para festas e eventos denominado Espaço Social Clélio Araújo; conselheiro efetivo do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA-SE), instituição que o homenageou pelos relevantes serviços prestados; poeta e cronista, escrevia a coluna *A Prata da Casa* e prestava outras colaborações nas edições do Jornal da AEASE. Faleceu em 07/04/2010.

Clidenor Menezes de Souza Neto

Engenheiro Agrônomo, iniciou suas atividades profissionais na Perfuração de Petróleo do Brasil (Petrobrás), com sede em Mata de São João; tornou-se sócio da empresa Organização Pecuária da Bahia Ltda. (ORPEBA), com sede em Jequié e filiais nos municípios de Ipiaú, Itagibá, Coaraci, Ibicuí, Iguai, Nova Canãa e Castro Alves; criou a empresa Assessoria e Planejamento Agropecuário (ASPLA), que estabeleceu convênios com o Bancos do Brasil S/A, BANEB, Bradesco S/A, Itaú e Econômico; tornou-se sócio fundador do Colégio Dinâmico, em Jequié;

a partir dos anos 60, tornou-se produtor rural, atividade que exerce até a presente data.

Dalmo Britto Seixas

Engenheiro Agrônomo, iniciou suas atividades profissionais prestando assistência técnica ao pai, que possuía uma propriedade rural em Telha. Em janeiro de 1970, ingressou na Superintendência para Aproveitamento dos Vales Úmidos de Alagoas (SUVAL), destinada a estimular a produtividade da rizicultura com o sistema de irrigação. Representando essa instituição, participou do XII Curso Interamericano sobre Operacion y Conservacion de Sistema de Riego, em El Guamo -Tolima, Colômbia, patrocinado pela Organização dos Estados Americanos (OEA) e pelo Centro Interamericano de Desarrollo Integral de Águas y Terras (CIDIAT). Aprovado em concurso público para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), atuou como extensionista, coordenador das Ações de Desenvolvimento Rural e na vistoria, identificação de áreas e avaliação de imóveis para fins de desapropriação e implantação de projetos de reforma agrária. Foi diretor da 4ª Diretoria Regional da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF), com a missão de consolidar a implantação dos perímetros irrigados do Baixo São Francisco. Na Companhia de Recursos Hídricos de Sergipe (COHIDRO), exerceu os cargos de diretor de irrigação e diretor-presidente. Trabalhou na Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (EMDAGRO), inicialmente como diretor de Assuntos Fundiários, depois presidente da empresa. Aposentou-se em fevereiro de 2011. Atualmente, vem-se dedicando à criação de gado semiconfinado e confinado em sua fazenda, localizada no município de Estância, Sergipe.

Domingos Fernandes Badaró Neto

Engenheiro Agrônomo, iniciou suas atividades profissionais com uma empresa de Planejamento e Administração de Empresas Rurais (PLANER). Em seguida trabalhou com Paisagismo e Recuperação de

Áreas Degradadas – Brasil Verde. Nos últimos 18 anos, atua na área ambiental com tratamento de resíduos líquidos e sólidos (utilizando processo biológico) e regularização ambiental – Bioma Gestão Ambiental. A empresa dedica-se, inclusive, à Agricultura Orgânica, elaborando e executando projeto de insumos a partir de resíduos orgânicos.

Durvalino Vasconcelos Nunes

Engenheiro Agrônomo, com pós- graduação em Extensão Rural, pela Universidade Federal de Viçosa (UFV); em Gestão Ambiental, pela Faculdade Monte Negro; em Agroecologia, pelo IF Baiano/Bom Jesus da Lapa; e curso de Francês na Universidade Sité d'Abidjan. Foi extensionista da Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural da Bahia (ANCARBA); da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC); e da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S. A. (EBDA). Trabalhou na Implantação do loteamento Vereda do Bosque, em Viçosa/convênio CEPLAC/Itamaraty/ Embaixada do Brasil em Abidjan, Costa do Marfim. Foi professor do Centro de Educação Tecnológica Profissional (CETEP), em Barreiras; titular da Secretaria de Meio Ambiente e Turismo de Barreiras; titular da Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Barreiras; presidente da Cooperativa de Agricultores da Agricultura Familiar da Serra do Ramalho (COOPRASERRA). Fundou a Associação dos Criadores de Caprinos e Ovinos do Oeste da Bahia (CAPRIOESTE), a Associação dos Engenheiros Agrônomos de Barreiras e a Academia Barreirense de Letras. Participou da Associação dos Amigos da Natureza (AMINA), em Barreiras, e do projeto PRODESA, do Banco do Nordeste. Foi cronista do Jornal do São Francisco, Barreiras; lançou os livros: Sinfonia das Águas (Poemas); Minha Cara Mãe Calina (Contos), e Ao Sto. Velho Chico (Contos).

Eduardo José Nascimento

Engenheiro Agrônomo, iniciou suas atividades profissionais na Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural de Sergipe (ANCARSE). Posteriormente, trabalhou na AGRUPOL e na Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S. A. (EBDA), da qual se desligou voluntariamente para se dedicar exclusivamente à criação de gado de corte em sua propriedade, localizada no município de Castro Alves, Bahia, sua terra natal.

Eribaldo Novais Lima

Engenheiro Agrônomo, iniciou suas atividades profissionais como concursado da Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural da Bahia (ANCARBA), na região de Ipiaú, Bahia. Em seguida, também como concursado, ingressou na Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC) e, como extensionista, passou a chefiar o escritório local de Jussari. Quatro anos depois, mediante concurso interno da instituição, transferiu-se para o Centro de Processamento de Dados (CPD), passando a trabalhar como analista. O espírito extensionista o levou de volta ao campo, para chefiar sucessivamente os escritórios locais dos municípios de Buerarema-BA e de Itabuna-BA, onde se aposentou. Outras atividades em Buerarema: titular da Secretaria de Agricultura e Administração; vereador por oito anos; presidente do clube social.

Etelio de Carvalho Prado

Engenheiro Agrônomo, fez curso de iniciação científica no IRI Research Institute (IRI)/Matão/São Paulo, e de mestrado em Fitotecnia na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Iniciou suas atividades profissionais no antigo Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuárias do Leste (IPEAL), com sede em Cruz das Almas-BA, hoje Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Foi titular da Superintendência da Agricultura e Produção de Sergipe (SUDAP); assessor da presidência no Banco do Nordeste do Brasil S. A. (BNB) e

diretor da Carteira de Desenvolvimento do Banco do Estado de Sergipe (BANESE). Implantou, na década de 90 do século passado, o Distrito de irrigação Privado Platô de Neópolis. Criou a empresa Projetos Agroindustriais (PROAGI), em atividade desde 1996, com várias atividades do agronegócio; mantém os trabalhos de consultorias para o Banco Nordeste do Brasil, Banco do Brasil S.A e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Tornou-se presidente da Associação das Indústrias Processadoras de Frutos Tropicais, desde 1985, e se mantém até os dias atuais.

Flavio César Almeida Tavares

Engenheiro Agrônomo, realizou sua formação elementar, média e superior em Cruz das Almas no espaço da Escola Agrônômica da Bahia (EAB). Em 1969, iniciou sua trajetória profissional como Agrônomo Pesquisador na Secretaria da Agricultura do Estado da Bahia (SEAGRI-BA), trabalhando com batata. Obteve o grau de Mestre (1973) e de Doutor (1974) na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), da Universidade de São Paulo (USP). Como Professor Assistente dessa Universidade, realizou o pós-doutorado no Donner Laboratory/Medical Physics da University of Califórnia, Berkeley, concluído em 1976. Contratado pela ESALQ em 1979, trabalhou com Engenharia Genética. Nesse mesmo ano, no cargo de Professor Livre Docente em Genética, obteve o título de Professor Associado e, em 1996, o de Professor Titular. Reconhece que deve isso às oportunidades dadas pelas instituições supracitadas, que o acolheu. Aposentou-se em 2014, após 45 anos de serviços públicos.

Franklin Pereira de Miranda

Engenheiro Agrônomo, atuou como coordenador do Plano de Renovação de Cafezais no convênio Secretaria da Agricultura/IBC; elaborou projetos e prestou assessoria técnica para diversas empresas ligadas à cafeicultura, tais como: ROMESA, (multinacional), quatro milhões de cafeeiros; OAS, dois milhões de cafeeiros; empresa de Félix

Mendonça, com dois milhões de cafeeiros; empresa de Tourinho de Abreu, com um milhão de cafeeiros; diretor da CIVOL Agropecuária, com um milhão de cafeeiros. Na Prefeitura Municipal de Santo Estevão, Bahia, exerceu os seguintes cargos: assessor de planejamento, secretário de obras e secretário municipal. Mesmo aposentado por tempo de serviço, ocupa atualmente o cargo de diretor geral da Secretaria de Trânsito, Transporte e Mobilidade Urbana da Prefeitura Municipal de Santo Estevão.

Geraldo Barreto de Melo

Engenheiro Agrônomo, iniciou suas atividades profissionais na Secretaria de Planejamento do Estado de Sergipe, vinculado à Secretaria de Estado da Agricultura, onde compôs com outros colegas o Departamento de Crédito Rural. Cerca de quatro anos depois, pediu desligamento do serviço público e abriu uma empresa de mecanização agrícola, atuando nos Estados de Sergipe e Alagoas. Paralelamente, atuou na atividade canvieira, na empresa familiar Usina Santa Clara. Implantou áreas citrícolas na Região Sul do Estado de Sergipe, sua principal atividade agrícola atual. Em outro imóvel próprio, situado na mesorregião Sertão Sergipano, desenvolve atividades relacionadas com a pecuária de corte e de leite, além do cultivo do milho, com o apoio de filhos

Geraldo Conrado Teixeira de Castro

Engenheiro Agrônomo, iniciou suas atividades profissionais na Secretaria da Agricultura do Estado da Bahia (SEAGRI-BA), trabalhando com a cultura do arroz, até 1975. Durante esse período, participou de cursos nas seguintes instituições: Instituto Rio Grandense do Arroz (IRGA), Campinas e Centro Internacional de Agricultura Tropical (CIAT)/Cali-Colômbia. Mediante concurso, foi contratado pela Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), onde realizou várias atividades: extensionista, agrônomo regional e pesquisador na área de genética - responsável pela

Introdução e estudo de recursos genéticos do cacau no Banco Ativo de Germoplasma (BAG); foi responsável pela produção de sementes no Centro de Pesquisa do Cacau (CEPEC) e chefe de estações experimentais da (CEPLAC). Após a aposentadoria por tempo de serviço, passou a cuidar, em tempo integral, da sua propriedade agrícola.

Geraldo Soares Barreto

Engenheiro Agrônomo, iniciou suas atividades profissionais como extensionista da Secretaria da Agricultura do Estado de Sergipe (SEAGRI-SE). Após 15 anos no serviço público, tendo neste período ocupado alguns cargos, pediu demissão e partiu para a iniciativa privada. Atualmente é proprietário de duas empresas agrícolas: Fazenda Campo Verde, dedicada à engorda de bovinos e CEVALPEC Alimentos para Pecuária Ltda., que comercializa a cevada e outros subprodutos da Ambev destinados à ração animal.

Gernack Ferraz Souto

Engenheiro Agrônomo, iniciou suas atividades profissionais na Secretaria da Agricultura do Estado da Bahia (SEAGRI-BA), onde permaneceu durante sete anos. Em seguida, ingressou na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), exercendo o cargo de chefe adjunto da área técnica do Centro Nacional de Pesquisa de Mandioca e Fruticultura (CNPMPF). Foi diretor-presidente da Empresa de Pesquisa Agropecuária da Bahia (EPABA). Realizou diversas viagens oficiais a países da América do Sul, Europa, África e Antilhas. Fez curso de Melhoramento Genético no Centro Internacional de Agricultura Tropical (CIAT)/Cali-Colômbia. Foi agraciado com o Prêmio Frederico de Menezes Veiga - concedido anualmente àqueles que, no campo da pesquisa agropecuária, tenham-se destacado pela realização de obra científica ou tecnológica de reconhecido valor ou dedicado a produzir trabalho que signifique efetiva e marcante contribuição ao desenvolvimento agrícola nacional. Aposentado do serviço público,

atualmente é sócio da Empresa Nacional de Classificação e Análise (ENCAL), filial baiana.

Gessé Bernardes

Engenheiro Agrônomo, ingressou na Secretaria de Agricultura do Estado da Bahia (SEAGRI-BA) mediante concurso público, para trabalhar durante trinta anos como extensionista rural no Instituto Baiano de Crédito Rural (IBCR), transformado sucessivamente na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia (EMATERBA), Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S. A. (EBDA) – foram mais de trinta anos. Nesse período, exerceu o cargo de chefe de escritório local e de gerente regional. Simultaneamente, como atividade paralela, trabalhou com cafeicultura e bovinocultura de corte – juntamente com os colegas Franklin Pereira Miranda e Lourival Bispo Lemos, participou da implantação da cafeicultura na Bahia. Em 1999, pediu demissão da EBDA e passou definitivamente para a iniciativa privada. Atualmente está aposentado.

Jayme Ramos de Almeida

Engenheiro Agrônomo, com pós-graduação em Economia, na Universidade Federal de Viçosa (UFV), Trabalhou nas seguintes instituições: Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural da Bahia (ANCARBA); diretor de pesquisa econômica da Comissão de Financiamento da Produção (CFP)/BSB, autarquia do Ministério da Agricultura, posteriormente fundida com a Companhia Brasileira de Alimentos (COBAL); Química Industrial Brasileira SP (QUMBRASIL) e Esso Brasileira de Petróleo. Após a aposentaria precoce, partiu para a iniciativa privada na área de combustível, com duas empresas: Golfinho Ltda. (de sua propriedade) e a outra POTAXO Ltda., com um sócio – trata-se de uma TRR, ou seja, Transportador-Revendedor-Retalhista autorizado pela Agência Nacional do Petróleo (ANP) para adquirir combustíveis a granel (exclusivamente diesel, lubrificantes e graxas) e revendê-los no varejo, com entrega ao consumidor. As duas empresas forma vendidas.

Joelito de Oliveira Rezende

Engenheiro Agrônomo, Mestre e Doutor em Solos e Nutrição de Plantas, pela Universidade de São Paulo (USP)/Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ) e pós-doutorado na Universidade de Valência, Espanha; pesquisador e chefe do setor de solos do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuárias do Leste (IPEAL), depois transformado na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa); Professor Visitante do Instituto de Agronomia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IA-UFRJ); Professor Titular da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (AGRUFBA) – depois transformada na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB); primeiro Professor Emérito da UFRB; coordenador por quatro anos do Curso de Pós-Graduação em Ciências Agrárias da UFBA); diretor por quatro anos da AGRUFBA; orador e presidente da Loja Maçônica Deus e Fraternidade/Oriente de Cruz das Almas, Bahia. Homenagens recebidas: recorrentemente dos alunos; da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFBA, pelos serviços prestados especialmente à iniciação científica de alunos; do Conselho Universitário da UFRB, pelos serviços prestados durante sua trajetória docente; da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva dos Citros, pelos serviços prestados à citricultura baiana; do Governador do Estado da Bahia, pelos serviços prestados à agricultura baiana; da Câmara de Vereadores de Cruz das Almas, Título de Cidadão Cruzalense. Dedicado ao estudo da Física, Manejo e Conservação do Solo. Aposentado compulsoriamente em 2013, com 70 anos de idade e 44 anos de serviço.

José Carlos da Rocha

Engenheiro Agrônomo, fez curso Pré-Serviço na Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural (ANCARBA) e Mestrado em Zootecnia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Ocupou os seguintes cargos administrativos: coordenador do Plano de Melhoramento da Alimentação e Manejo para o Desenvolvimento da Pecuária Leiteira (PLAMAN)/Ministério da Agricultura; coordenador

de Pesquisa Animal, na Empresa de Pesquisa Agropecuária da Bahia (EPABA); e coordenador de Planejamento, na Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S. A. (EBDA). Fundou e presidiu a Associação dos Criadores de Caprinos e Ovinos (ACCOBA). Escreveu um livro sobre Caprinocultura. Ao se aposentar em 1994, criou a Empresa de Pesquisas Eleitorais (TECNODADOS), que funcionou até o ano de 2017, atuando nas pesquisas eleitorais, projetos de captação de recursos no Programa Faz Cultura, da Secretaria da Fazenda (SEFAZ-BA), destinado à artistas grupos culturais, concorrendo para o engrandecimento da artes populares no Estado da Bahia.

José Carlos Soares de Assis

Engenheiro Agrônomo, iniciou suas atividades profissionais em um Pré-Serviço na Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural da Bahia (ANCARBA). Sem assumir definitivamente a função, entrou na Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), onde atuou como extensionista no escritório local de Uruçuca; em seguida, foi para a sede do Departamento de Extensão (DEPEX), como assessor de administração rural e análise de grandes projetos. Deixou a CEPLAC e passou a trabalhar como autônomo, administrando empresas cacaeiras durante quatro anos. Partiu, então, para o comércio de venda de combustíveis, chegando a operar, por mais de quinze anos, os seguintes postos: São Caetano, Grapiuna e Jaçanã, em Itabuna, Bahia. Simultaneamente, como atividade paralela, dedicou-se à cacauicultura – juntamente com dois colegas agrônomos adquiriu, em Uruçuca, Bahia, uma propriedade aproximadamente 300 hectares, onde plantaram 160 ha de cacaeiros e 30 ha de seringueiras. Atualmente, luta herculeamente para manter produtiva e rentável sua propriedade agrícola que, a exemplo de muitas outras, foi contaminada pelo fungo *Crinipellis pernicioso* (causador da terrível doença “Vassoura de Bruxa”), criminosamente disseminado na região cacaeira da Bahia.

José Cavalcanti Rodrigues

Engenheiro Agrônomo, com os seguintes cursos de especialização: Pastoreio Racional Voisin, pelo Instituto André Voisin; Organização Operacional e Manutenção de Perímetros Irrigados, pela SUDENE/GEIDA/CIDIA/IICA; Metal Leve Sobre Motores de Combustão Interna, pela Universidade Federal de Recife; Drenagem e Seus Problemas e Comissão de Relações Humanas do Serviço de Recursos Hidrólogos – ambos realizados no Centro de Capacitación Benito Juárez, El Carrizo Sinaloa, México; Prática e Problemas de Irrigação, pelo Bureau of Reclamation. Agency Internacional Development. Utah State University. Utah, USDA. Durante sua trajetória profissional, exerceu os seguintes cargos e funções: Na Secretaria da Agricultura de Pernambuco (SEAGRI-PE/Departamento de Produção Vegetal/Recife, coordenou o Setor de Produção de Sementes Seleccionadas e Grãos de Oleaginosas para o Semiárido na Ilha da Assunção (maior ilha do Rio São Francisco – 18km²), Município de Cabrobó-PE. Na Superintendência do Vale do São Francisco (SUVALE), foi responsável pela manutenção e operação do sistema de Irrigação da Estação Experimental do Escritório Regional do Formoso; responsável pela Estação de Meteorologia Agrícola do Escritório Regional do Formoso; e responsável pela produção de sementes seleccionadas – Regional do Vale do São Francisco. Diretor técnico da Cooperativa Habitacional dos Engenheiros Agrônomos, Salvador. Diretor técnico da PROFLORA – Empresa do GDF (governo do Distrito Federal). Diretor de reflorestamento do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF). Diretor técnico da Associação dos Engenheiros Agrônomos da Bahia.

José Cláudio Fernandes Correia

Engenheiro Agrônomo, ocupou e exerceu, sucessivamente, cargos e funções nas seguintes instituições: Na Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural da Bahia (ANCARBA) – implantação do Programa Pró-Terra em municípios da Encosta da Chapada Diamantina (escritório sede em Rui Barbosa) e elaboração do Plano Anual de

Trabalho. No Instituto Baiano de Crédito Agrícola (IBCR) – pesquisa sobre criação de ovinos e caprinos no Semiárido Baiano e elaboração dos Planos Anuais de Trabalho. No Serviço de Economia Rural (SER) – estudos básicos coordenados pela empresa de consultoria SERETE/São Paulo, para a implantação da Central de Abastecimento (CEASA-BA). Na Comissão Estadual de Planejamento Agrícola (CEPA) – estudos básicos para o Projeto de Desenvolvimento da Bacia do Paraguaçu. No Instituto de Terras da Bahia (INTERBA)/Vitória da Conquista – levantamentos topográficos de propriedades agropecuárias para fins de regularização e titulação, e análises e revisões dos trabalhos topográficos de campo. Na Coordenação de Desenvolvimento Agropecuário (CDA)/Programa Nacional de Apoio a Reforma Agrária/Programa Crédito Fundiário – capacitação ao Programa das famílias cadastradas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e implantação dos Projetos de Aquisição de Terras por famílias de baixa renda, desde a seleção e cadastro das famílias beneficiárias, as possíveis aquisições das propriedades, a elaboração dos projetos de Investimentos, o treinamento das famílias, a execução dos projetos, a avaliação de cada projeto e seu acompanhamento, em parceria com a assistência Técnica, em todo o Estado da Bahia.

José Trindade

Engenheiro Agrônomo, iniciou sua carreira profissional na Superintendência da Agricultura e Produção do Estado de Sergipe (SUDAP), quando ajudou a transformar o antigo Posto de Fomento de Boquim na Estação Experimental de Boquim, com o apoio do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuárias do Leste (IPEAL) e da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Durante doze anos consecutivos, foi chefe dessa unidade de pesquisa e líder de sua equipe técnica, responsável pela realização de experimentos em fruticultura e especialmente em citricultura – nesse período, foram geradas tecnologias que respaldaram a fase áurea da citricultura sergipana ocorrida nas décadas de 70 e 80, do século

passado (chefiou essa unidade de pesquisa até 1983, quando, então, renunciou ao cargo). Foi membro da Comissão de Elaboração do Projeto Citros para o Nordeste/Departamento de Agricultura da SUDENE. Político sério e justo, foi prefeito de sua cidade natal (Boquim) por duas vezes. Foi membro da Sociedade Brasileira de Fruticultura (SBF), sócio fundador e presidente da Associação dos Citricultores de Sergipe (ACISE). Distinções recebidas: Honra Parlamentar, da Assembleia Legislativa de Sergipe; Honra ao Mérito, da Prefeitura Municipal de Boquim; Prefeito Criança, da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente; Honra ao Mérito, da Loja Maçônica Estrela da Mata/Oriente de Boquim, Sergipe; da Associação dos Engenheiros Agrônomos de Sergipe (AEASE); e da Extensão Rural, pelos 30 anos de história na Região Citrícola.

José Vanderlei Ramos

Engenheiro Agrônomo, iniciou suas atividades profissionais no Departamento de Extensão da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (DEPEX/CEPLAC), transferido posteriormente para o Centro de Pesquisas do Cacau (CEPEC). Na pesquisa, coordenou os Programas de Especiarias e Fruticultura Tropical e publicou vários trabalhos científicos. Atualmente é empresário no ramo hoteleiro, proprietário de Pousada em Olivença, Ilhéus, Bahia.

Luciano Soares de Vasconcelos Sampaio

Engenheiro Agrônomo, Mestre em Fitotecnia pela Universidade de São Paulo (USP)/Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ). Iniciou sua carreira profissional como pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Mandioca e Fruticultura (CNPMP) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), onde exerceu o cargo de chefe do Setor de Climatologia Agrícola. Deixou voluntariamente essa instituição de pesquisa para fazer carreira universitária na Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (AGRUFBA), onde atuou como Auxiliar de Ensino, Professor Assistente, Professor

Adjunto, vice-chefe e chefe do Departamento de Fitotecnia e vice-coordenador e coordenador do Colegiado de Curso de Pós-Graduação em Fitotecnia.

Luiz Francisco da Silva Souza

Engenheiro Agrônomo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Iniciação científica no Instituto de Pesquisa IRI, Matão, São Paulo. Mestre em Agronomia (área de concentração em Ciência do Solo), pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Treinamento no Centre de Coopération Internationale en Recherche Agronomique pour le Développement (CIRAD), Montpellier, França. Realizou as seguintes atividades profissionais: professor do Colégio Estadual Alberto Torres (CEAT); pesquisador e chefe da seção de solos do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Leste (IPEAL), do Ministério da Agricultura (MA); pesquisador e Chefe Adjunto Administrativo do Centro Nacional de Pesquisa de Mandioca e Fruticultura (CNPMPF), da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa); diretor técnico da Empresa de Pesquisa Agropecuária da Bahia (EPABA); membro da comissão organizadora da VII Reunião Brasileira de Fertilidade do Solo (1972); membro da comissão organizadora da II Reunião Nacional do Algodão (1982). Aposentado desde 2009.

Luiz Simões de Faria

Engenheiro Agrônomo, com pós-graduação em Engenharia de Irrigação, pela Escola Politécnica de Campinas, e em Elaboração e Análises e Projetos de Desenvolvimento, pelo Centro de Treinamento para o Desenvolvimento Econômico (CENDEC)/Brasília. Durante sua trajetória profissional, exerceu vários cargos e funções dentre os quais se destacam os seguintes: Delegado Federal da Agricultura, em Sergipe. No Conselho de Desenvolvimento Econômico de Sergipe (CONDESE) – assistente de crédito rural orientado. Na Superintendência da Agricultura e Produção (SUDAP) – gerente executivo de vários

convênios firmados entre o Estado de Sergipe e a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE); chefe da Divisão de Agricultura; e superintendente adjunto e coordenador da Unidade Técnica do POLONORDESTE. Na Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (EMDAGRO) – diretor de Ações Fundiárias e diretor-presidente. Na Companhia de Desenvolvimento de Recursos Hídricos e Irrigação de Sergipe (COHIDRO) – diretor de Irrigação e titular da Direção de Ações Fundiárias. Na Secretaria Estadual para Irrigação e Ações Fundiárias (SEIAF) – secretário titular. Na Secretaria Estadual da Agricultura (SEAGRI-SE) – chefe da Assessoria de Planejamento e secretário adjunto. Na Comissão Estadual de Sementes e Mudanças (CESM) - vice-presidente. No Fundo de Defesa da Citricultura Sergipana (FUNDECISE) – vice-presidente. Na Associação dos Engenheiros Agrônomos de Sergipe (AEASE) – vice-presidente e presidente. Após a aposentadoria, entrou no ramo do turismo como empresário hoteleiro, em Aracaju, onde atua nos últimos 20 anos.

Marco Antonio Mitidieri Paternostro

Engenheiro Agrônomo e piloto de aeronave com vários cursos nos Estados Unidos e na Inglaterra. Até meados de 1969, voou na Bahia Táxi Aéreo, em Salvador; em seguida foi para Manaus voar na Cruzeiro do Sul. Em 1975, a Varig adquiriu a Cruzeiro, sendo, então, automaticamente transferido. Tanto na Cruzeiro quanto na Varig, exerceu o cargo de Comandante Instrutor e checador de pilotos, tendo voado todos os equipamentos. Nos últimos 15 anos atuou como Comandante Master nas linhas internacionais - esteve baseado em Los Angeles e Hong Kong. Ao se aposentar, foi sócio fundador e administrador da Tropic Air Táxi Aéreo, até 2009, quando, então, vendeu sua parte na empresa e começou a voar um jato executivo de um empresário no Rio de Janeiro, onde está até hoje. Como cacauicultor, encerrou as atividades em 2010. Atualmente mora no Rio de Janeiro.

Miguel Britto Pinheiro

Engenheiro Agrônomo, com curso de Sociologia e Extensão Rural, em Recife, Pernambuco. Um ano como extensionista da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), ocupando o cargo de gerente do escritório local de Ibirapitanga, Bahia. Em seguida, partiu para a iniciativa privada. Desde 2012, é gerente técnico da Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (ADAB), em Ipiaú, Bahia, vinculada à Secretaria da Agricultura (SEAGRI-BA).

Nicolau Miguel Schaun

Engenheiro Agrônomo, Mestre em Sociologia Rural pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ)/Universidade de São Paulo (USP). Trabalhou na Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC) e no Serviço Social Rural. Foi pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), lotado nos seguintes Centros Nacionais de Pesquisa: Milho e Sorgo, em Sete Lagoas-MG, e Mandioca e Fruticultura, em Cruz das Almas-BA, nos quais atuou como coordenador de Difusão de Tecnologias voltadas para a agricultura familiar. Foi Chefe-Adjunto de Apoio Técnico na Embrapa Mandioca e Fruticultura e assessor da presidência da Embrapa, em Brasília-DF. No exercício da profissão, deu prioridade à agricultura família — foi autor de diversos projetos de pesquisa nesta área, consultor em instituições de pesquisa estadual e federal, inclusive na Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário da Casa Civil da Presidência da República (SEAD).

Noilton da Silveira Matos

Engenheiro Agrônomo, iniciou suas atividades profissionais em 1969, como extensionista da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), na qual exerceu os cargos de chefe dos escritórios locais dos municípios de Arataca, Itororó, Coaraci e Uruçuca. Nos idos de 1980, foi criado o Departamento de Apoio ao Desenvolvimento (DEADE), no qual prestou serviços como subchefe da Divisão de

Infraestrutura e Serviços (DINCE). Com o passar dos anos, galgou a vice-diretoria do DEADE – após a perda de autonomia financeira da CEPLAC, os recursos tornaram-se escassos para o desenvolvimento da infraestrutura regional, o que ocasionou a extinção desse Departamento. Retornou, então, ao Centro de extensão (CENEX), como assessor da diretoria, onde permaneceu até a aposentadoria por tempo de serviço.

Paulo Hugo de Oliveira Leite

Engenheiro Agrônomo, Mestre em Fitotecnia, pela Universidade Federal da Bahia. Iniciou suas atividades profissionais como pesquisador da antiga Coordenação de Pesquisa e Extensão Rural (CPER) da Secretaria da Agricultura do Estado da Bahia (SEAGRI-BA), onde desenvolveu trabalhos de pesquisa com as culturas do milho e da batatinha. No mesmo ano, assumiu a execução do convênio firmado entre o Ministério da Agricultura e a Secretaria da Agricultura do Estado da Bahia, para Classificação dos Produtos Vegetais da Bahia (CLAVEBA) no mercado interno, inclusive em apoio à Política de Garantia dos Preços Mínimos (PGPM), cujos primórdios são a Carteira de Financiamento da Produção (CFP) e, depois, a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) - em 1995, tal classificação passou para a Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S.A. (EBDA), onde desempenhou a função de subchefe e depois supervisor, até 2015, quando a empresa foi extinta. Permaneceu em tal classificação no Centro Tecnológico da Agropecuária da Bahia (CETAB), até novembro de 2016.

Paulo José Simões de Amorim

Engenheiro Agrônomo, Iniciou sua carreira profissional no Estado de Sergipe, como extensionista rural da Associação Nordestina de Crédito e Extensão Rural de Sergipe (ANCARSE), nos municípios de Lagarto, Boquim, Estância e Itabaiana. Aí teve a oportunidade de um convívio mais estreito com a realidade dos pequenos produtores

(Agricultura Familiar), seus problemas e sua importância socioeconômica. Retornando à Bahia ingressou na Secretaria de Agricultura (SEAGRI), onde teve a oportunidade de fazer três cursos fundamentais para sua carreira profissional: Problemas do Desenvolvimento Econômico (CEPAL/ILPES); Planejamento Agrícola (SUDENE) e mestrado em Economia (Universidade Federal da Bahia). Mediante concurso público, ingressou no Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), tornando-se professor de Economia, mas sem abandonar as atividades na Secretaria de Agricultura. Integrante da equipe técnica da Comissão Estadual de Planejamento Agrícola (CEPA-BA), participou da elaboração dos Planos Anuais de Produção e Abastecimento (PAPA) e Planos Anuais do Setor Público Agrícola (PASPAG). Participou da formulação e elaboração do Programa de Incentivo ao Aproveitamento Integral da Cana-de-açúcar (PROCANA) – primeira ação governamental voltada para a agroindústria familiar de derivados da cana-de-açúcar. É dessa época a produção da primeira cachaça orgânica do Brasil e a capacitação de centenas de produtores de cachaça e rapadura. Como técnico da Coordenação de Desenvolvimento Industrial (CODIN) da Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração (SICM), realizou pesquisas sobre os segmentos de bebidas alcoólicas e não alcoólicas, além de ações voltadas para o desenvolvimento das cadeias produtivas do dendê, sisal e coco.

Raimundo Santos Barros

Engenheiro Agrônomo, Mestre em Ciências Agrárias (Fisiologia Vegetal) pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Doutor em Fisiologia Vegetal - University of Aberystwyth, UK. Iniciou sua atividade profissional como Auxiliar de Ensino do Departamento de Zoologia e Botânica, do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde/Universidade Federal de Sergipe (UFS). Em seguida, atuou como Pesquisador Adjunto do Centro de Pesquisa do Cacau (CEPEC) da Comissão Executiva do Plano de Recuperação da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), estudando/pesquisando Ecofisiologia de cultivos tropicais (café,

cacau). Aposentou-se como Professor Titular da Universidade Federal de Viçosa (UFV), onde foi, inclusive, líder do Grupo de Pesquisa "Fisiologia das Plantas Cultivadas" do Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq; membro do Conselho Editorial da Editora UFV; presidente da Comissão de Pesquisa do Departamento de Biologia Vegetal (DBV); Dedicou-se especialmente ao estudo da Fisiologia Vegetal, com ênfase em Crescimento e Desenvolvimento das Plantas e Fitorreguladores Aplicados à Agricultura. É Membro Emérito da American Society of Plant Biologists; Fellow of Tropical Ecology da International Society of Tropical Ecology. É filiado também às seguintes entidades científicas: Sociedade Brasileira de Fisiologia Vegetal (SBFV); Associação Americana de Biologistas de Plantas (ASPB); Sociedade Escandinávica de Fisiologistas de Plantas (SSPP); Sociedade Internacional de Ecologia Tropical (ISTE). Participou de aproximadamente 100 bancas de Defesa de Dissertação de Mestrado e aproximadamente 50 bancas de Defesa de Tese de Doutorado. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, Nível 2.

Regina Celi Rebouças Machado

Engenheira Agrônoma, com iniciação à pesquisa e mestrado em Fitotecnia/Produção Vegetal, realizados na Universidade Federal de Viçosa (UFV), Minas Gerais; PhD em Fisiologia de Plantas, pela Liverpool University, Inglaterra UK; pós- doutorado nas Universidades de Liverpool (Inglaterra) e Hamburgo, Alemanha. Como pesquisadora, trabalhou sucessivamente nas seguintes instituições: Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuárias do Leste (IPEAL); Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semiárido (CPATSA) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) – avaliando resistência à seca de variedades de feijão; e Centro de Pesquisas do Cacau (CEPEC) da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC) – realizando pesquisa e desenvolvimento na área de fisiologia de cacau. Foi Professora Titular (convidada) do Departamento de Ciências Agrárias da Universidade Estadual Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Bahia. Orientou alunos dos seguintes cursos e instituições: mestrado, na

UFBA, e doutorado nas Universidades de Reading, Inglaterra; Campinas-SP (Unicamp); Federal fluminense (UFF)/Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro; Estadual Santa Cruz (UESC) e Universidade de Hamburgo, Alemanha. Atualmente, como voluntária, é diretora financeira do Grupo de Apoio a Crianças e Adolescentes com Câncer (GACC) – instituição filantrópica com atuação em mais de 200 municípios das regiões Sul, Extremo Sul, Sudoeste e parte da região Oeste da Bahia.

Tasso Nascimento Leite

Engenheiro Agrônomo, dedicou-se inteira e exclusivamente à iniciativa privada, no ramo da agropecuária: no município de Itaetê-BA, desenvolveu cria, cria e engorda de gado; em Sapeçu-BA, plantou laranjas, lidou com gado de leite e se iniciou no ramo de suinocultura, chegando a uma criação de 6.000 animais; na mesma região, teve um haras com criação de cavalos quarto de milhas para corrida. Em Gandu-BA, instalou um plantio de 250 ha de cacau; em Nova Itarana-BA, abriu uma fazenda para criação de gado. Em 2006, aposentou-se da carreira de agrônomo e passou a atuar como empresário do ramo hoteleiro. Atualmente, compartilha 47 anos de casamento com sua esposa, Regina Leite, e administram juntos a pousada instalada em Morro de São Paulo, Bahia – uma vila paradisíaca localizada na extremidade nordeste da Ilha de Tinharé, no Oceano Atlântico.

Waldemir Humberto de Castro Silva

Engenheiro Agrônomo, iniciou sua carreira profissional como funcionário público concursado da Secretaria da Agricultura do Estado da Bahia (SEAGRI-BA) em diversas regiões do estado, atuando na agricultura e/ou na agroindústria (especialmente do algodão), ora como extensionista, ora como chefe. Serviu, sucessivamente, durante 36 anos, às seguintes instituições: Instituto Baiano de Crédito Rural (IBCR), Empresa de Crédito e Extensão Rural da Bahia (EMCERBA), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia (EMATERBA) e Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S. A.

(EBDA). Na diretoria da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), atuou na agroindústria. Como superintendente da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF), administrou projetos de irrigação e desenvolvimento. Paralelamente a essas atividades, atuou/atua na iniciativa privada, como empresário no ramo da agropecuária.

Winston Delano Green Ingle

Engenheiro Agrônomo, nicaraguense nascido em Bluefields, fez curso de pós- graduação *Latu Sensu* em Defensivo Agrícola, pelo Ministério de Educação e Cultura (CAPES)/Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior (ABEAS); Curso de Reforma Agrária, pelo Instituto John C. Lincoln e Conselho Internacional de Cooperação e Desenvolvimento Econômico – República da China Nacionalista, Tqougen, Ilha Formosa; Curso Internacional de Extensão Rural e Uso de Fertilizantes, pelo International Agriculture Center, em Wageningen, Holanda. No exterior, ocupou os seguintes cargos e funções: técnico de solo, no Departamento de Programação e Estudos/Instituto de Reforma Agrária (INRA), Nicarágua; coordenador dos trabalhos de pesquisa agrícola patrocinado pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO); assentamento de colonos, na Colônia Agrícola de Nueva Guineia e Jerusalém/Convênio Israel-Governo da Nicarágua). No Brasil, trabalhou sucessivamente nas seguintes instituições: Instituto Baiano de Crédito Rural (IBCR); Empresa de Crédito e Extensão Rural da Bahia (EMCERBA) – onde foi assessor interino de Fitotecnia; Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia (EMATERBA) – onde foi coordenador estadual do Programa Nacional de Uso de Adubo e Corretivo; Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S. A. (EBDA)/Departamento de Defesa Agropecuária – onde foi chefe da Seção de Registro e Fiscalização (SRF) e chefe Interino da Divisão de Defesa Sanitária. Certificados de Mérito outorgados pelas seguintes instituições: FAO, EMBRATER (pelos 10 anos de serviço prestados à Extensão Rural do Brasil) e EMATERBA.

Zélio Expedito César

Engenheiro Agrônomo, também cursou Inglês Básico e Português Avançado. De 1969 a 2015, trabalhou sucessivamente nas seguintes instituições vinculadas à Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária do Estado da Bahia (SEAGRI-BA): Instituto Baiano de Crédito Rural (IBCR), Empresa de Crédito e Extensão Rural da Bahia (ENCERBA), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia (EMATERBA) e Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S. A. (EBDA). Como extensionista rural, foi chefe de escritório local e gerente regional. Na Secretária da Agricultura, exerceu os seguintes cargos: coordenador estadual de Projetos; assessor da presidência; chefe de gabinete e ouvidor especializado. Participou dos seguintes eventos: O Papel da Ouvidoria Pública na Consolidação da Democracia Participativa; 1º Encontro de Ouvidorias das Cidades-Sede da Copa do Mundo; III Reunião Geral de Ouvidorias Públicas; VIII Seminário Nacional de Ouvidores e Ouvidorias; V Diálogo Interinstitucional da Ouvidoria Pública da Defensoria do Estado; Fórum de Ouvidorias Públicas e Privadas; Encontro Estadual de Ouvidores; Caravanas das Ouvidorias; IV Reunião Geral das Ouvidorias e I Fórum das Américas de Ouvidoria.

SEGUNDA PARTE

ESTÓRIAS DE VIDAS BEM VIVIDAS



A Bola de Cristal Nada Revelou

Geraldo Nonato de Araújo (*Parceiro/Manga Rosa*)

Em 1966, no segundo ano letivo da Escola Agrônômica da Bahia (EAB), cursávamos a disciplina Botânica (2^o Parte), magistralmente ensinada pelo inesquecível professor Geraldo Carlos Pereira Pinto (*Geraldão*), que nos cativava especialmente pela inteligência, competência e compromisso profissional. Deixava-nos, entretanto, apreensivos, devido a sua aparente sisudez.

Habitual e semanalmente, nas tardes de véspera da ida para sua fazenda, ele peregrinava na feira de Cruz das Almas para comprar e levar para casa carnes variadas, queijos, produtos hortigranjeiros, beijos, além da famosa farinha de Copioba, produzida tradicionalmente no Vale do Copioba, região do Recôncavo Baiano. Trata-se aqui de uma baita compra! – para nós, estudantes, **um precioso e cobiçado tesouro, ideal para um fausto e compartilhado churrasco de fim de semana...** Guardava-a a sete chaves no seu gabinete de trabalho, situado no segundo andar do prédio de Fitotecnia.

Devido à sua aparente sisudez, eu e alguns colegas mais chegados resolvemos dar um trote no mestre: **trocamos uma daquelas compras por uma velha bola de cristal** – uma quinquilharia comprada em uma “Feira do Rolo”.

Planejamos esse trote durante um mês. As etapas do plano foram sorteadas e confiadas a pequenos grupos de colega. Assim, Humberto *Metralha* e Durval *Bongô* montaram campana para investigar os hábitos diurnos e noturnos do mestre, ou seja, se ele costumava ir a cidade, se dormia cedo ou tarde, se ia ao laboratório à noite etc. Constataram que ele costumava dormir muito cedo. Decidimos, então, pôr em prática o que planejamos. Para mim (*Parceiro/Manga Rosa*) e Eduardo Nascimento (*Tanajura/Evereste*), coube-nos levar uma escada ao local do crime, comprida o suficiente para alcançarmos uma das janelas do segundo andar do prédio. Encontramos tal escada nas dependências da

escolinha *Joaquim Medeiros*, edificada em frente à curva da estrada principal do *campus*, no entroncamento com aquela outra que leva ao bairro denominado Tabela.

Naquela noite escura, lá íamos nós (eu e *Tanajura*) de bicicleta, ambos pedalando, ele na frente e eu atrás - *Tanajura* era ótimo ciclista, enquanto eu mal pedalava... Para encurtarmos o percurso e evitarmos potenciais delatores, enveredamos por um estreito e sinuoso caminho, passamos por detrás da quadra de esportes e chegamos ao setor de Agrostologia, onde o mestre nos ensinava as características botânicas e a importância agrícola das principais gramíneas e leguminosas criteriosamente ali plantadas em pequenas parcelas. Inesperadamente, em uma ruela divisória das parcelas de gramíneas, *Tanajura* frenou abruptamente sua bicicleta e caímos enroscados na escada dentro do capinzal.

Refeitos do susto e da queda – e tentando conter o tremor das pernas –, seguimos penosamente nossa viagem até o local do crime, onde Humberto *Metralha*, usando a máscara característica dos *Irmãos Metralha* (*famosa quadrilha* de ladrões atrapalhados das histórias em quadrinhos e dos desenhos animados da Disney), Roberto Sena (*Espiroqueta*), Durvalino Nunes (*Bongô*) e Waldemir Humberto (*Vai na Onda*) ali nos aguardava portando uma corda comprida, uma lanterna e a velha bola de cristal.

Erguida a escada *Magirus* diante de uma das janelas do gabinete do mestre, na parte dos fundos do prédio de Fitotecnia, passamos a segurá-la, enquanto *Tanajura* a escalava lépido como se fosse um gato, ou melhor, um gatuno! Ao subir, levava consigo a lanterna no bolso, a corda e a bola de cristal a tiracolo e a máscara do *Metralha* no rosto – parecia uma *Tanajura Ninja*... Lá no alto, levantou silenciosamente a parte de baixo da janela (que se abria verticalmente e que havia sido destravada no fim da tarde) e a transpôs, sumindo na escuridão da sala...

Cerca de cinco minutos depois, surge o arremedo de larápio na janela sussurrando que não havia encontrado as compras do professor. Dito isso, retiramos a escada e dissemos-lhe:

– **Volte e encontre as compras do mestre, ou não descerá daí!**

– Ai, Jesus! Ai, Jesus! Tirem-me daqui! Tirem-me daqui, pelo amor de Deus! Mãinha! ó Painho onde estão vocês agora?

– Encontre as compras do mestre, ou não descerá daí! E ande depressa, pois Geraldão poderá aparecer aqui a qualquer momento...

– Filhos de quengas, quando eu descer daqui vocês me pagarão! Arrancarei o coração, a cabeça, os braços, os olhos e as orelhas de cada um de vocês! Tô avisando, e quem avisa amigo é!

De fato, o homem era brabo! – lobo na pele de cordeiro. Entretanto, ali no alto, nervoso e amedrontado, voltou a procurar as benditas compras... Cinco minutos depois eis que ele ressurgiu na janela:

– Achei! Achei! Achei!

Baixou apressadamente as compras amarradas na corda, soltou a corda e balbuciou:

– Ponham a escada! Ponham a escada! Depressa! Depressa!

– Só se você prometer que não fará nada conosco!

– Eu prometo! Eu prometo! Ai, Jesus! Andem depressa!

Graças aos Céus, ele cumpriu a promessa!

Perguntamos-lhe o que fez com a bola de cristal. Trêmulo, pálido e confuso, disse-nos que a deixou em cima da mesa do professor, **sobre a lista dos dez itens das compras que ele havia feito...**

No dia seguinte pela manhã, no início da aula e diante da turma, Geraldão comentou ironicamente:

– Hoje cedo percebi, surpreso, que haviam trocado minha feira por uma velha bola de cristal. Deram sorte, pois, insone, pensei em ir ao prédio de Fitotecnia para trabalhar durante a noite. Por curiosidade, olhei detidamente aquela bola de cristal para ver se ela me revelaria o/os responsável/responsáveis por tamanha ousadia. Lamentavelmente, a nuvem que se mexia dentro dela *desenhou* apenas figuras imprecisas, dentre as quais se destacava a de uma “vespa” esquisita, usando máscara... Ai daquele se for descoberto!

Cruz Credo!

A Caridade de *Agonia*

Joelito de Oliveira Rezende (*Cabeleira*)

Festas multicoloridas e freneticamente compartilhadas eram as competições esportivas envolvendo principalmente a seleção de futebol da Escola. No *campus*, a arquibancada e o entorno do campo fervilhavam de torcedores, inclusive visitantes. Da nossa turma, integravam a seleção: Eduardo José Nascimento (*Tanajura*), Roberto Adami de Sá (*Gelosa*), Almir Ferreira Santana (*Boi Véio*), Geraldo Conrado Teixeira de Castro (*Ioiô Tarado*) e Sideni Lopes da Silva (*Mormaço*).

Mormaço era do tipo longilíneo, ereto e agitado (beirando a maluco). Os cabelos estavam sempre desalinhados, ouriçados, com tufos cônicos pontiagudos semelhantes às estalagmites formadas em pisos de cavernas.

Em uma dessas competições, *Mormaço* – jogava na zaga da seleção –, enfileirado em uma barreira próxima da trave guarnecida por *Tanajura*, desmaiou ao receber uma violenta bolada na cabeça quando da cobrança de falta por um jogador adversário. Baixou hospital por alguns dias e voltou ainda *grogue* para o alojamento, para completar o período de convalescença. Durante esse tempo, foi piedosa e caridosamente cuidado/paparicado pelo seu fiel companheiro de quarto Gessé Bernardes (*Agonia*), que lhe levava comida na cama. Foram muitas as idas e vindas de *Agonia* ao refeitório, carregando inicialmente a bandeja de aço inox contendo papa de leite, pois o enfermo não podia ingerir comida sólida.

O tempo passava e *Mormaço* e *Agonia* definhavam, principalmente devido às noites mal dormidas. Com marcantes olheiras, olhar caído/derrubado, rosto encovado e sem tomar banho (praticamente um mês usando a mesma roupa, inclusive a cueca), o aspecto de *Mormaço* tornava-o assustador – parecia doido de

manicômio –, o que terrorizava *Agonia*, receoso de uma ação intempestiva do convalescente... Os colegas infernizavam sua vida, dizendo-lhe repetidas vezes:

– *Agonia, Agonia, tenha cuidado com Mormaço! Do jeito que ele está, é capaz de tudo, inclusive de lhe estuprar..*

Agonia, agoniado, passou a dormir com um olho aberto, usava três cuecas e três calças e deitava-se de costas pra parede. Além disso, deixava a janela do quarto semiaberta e colocava um par de botinas ao lado da cama, ao alcance das mãos. Certa madrugada, levantou-se abruptamente ao perceber *Mormaço* sentado à beira da cama, queixo apoiado nas mãos, cabelos ouriçados e olhos esbugalhados mirando-o em atitude contemplativa. Subitamente, levantou-se, também se sentou na beira da cama, agitou o par de botinas no ar, olhou fixamente para *Mormaço*, rogando-lhe:

– Sideni, não tente! Não-ten-te-Si-de-ni! Não-ten-te!

Como um gato, escafedeu-se pela janela sem jamais voltar ao quarto até o dia em que *Mormaço* recuperou a saúde. Estranhando tal atitude, os colegas perguntavam-lhe:

– *Agonia, você não mais está cuidando de Mormaço?*

– Eu quero mais é que ele se foda! Que-ele-se-fooo-da!

Ambas las Tres

Joelito de Oliveira Rezende (*Cabeleira*)

Eram comuns, nos finais de semestre, os frenéticos cálculos para saber se a conta fechava, isto é, se a média das notas (mínimo de sete pontos - abaixo disso, recuperação em 2ª época) daria para passar de ano. No refeitório e/ou nos alojamentos, ouviam-se frequentes e desesperados diálogos:

– **Porra, “véio”, preciso de três pontos para me livrar de matemática! ...**

– **E eu que preciso de sete pontos na prova de Geraldão!**

– **Sete pontos na prova de Geraldão?! Você tá fodido! Foo-diii-dãããooo!**

Esse era o "clima de suspense" na sala de aula do professor Afonso Ramos, no fim do segundo semestre de 1966. Ansiosos e tensos aguardávamos a divulgação das notas do trabalho de revisão bibliográfica sobre "Aparelho Digestivo dos Ruminantes".

Finda a aula, senta-se o professor, puxa para perto de si o conjunto dos relatórios empilhados em um canto da mesa e, pausadamente, passa a divulgar as notas em ordem alfabética. Silêncio absoluto na sala – era como se estivéssemos assistindo ao filme “Psicose”, de Alfred Hitchcock, o mestre do suspense... Propositadamente, a última nota a ser divulgada foi a de Winston Green.

– **Quem é Winston Green?** - perguntou o professor...

Atônito e nervoso, Green (vulgo *Carretera* – rodovia em espanhol) apurou-se na cadeira... Nesse momento, naquele ambiente silencioso, sentado próximo a ele, ouvi seu brevíssimo e quase inaudível *cauteloso* peido! ...

– ¡**Soy yo, mi profesor! ¿Que se pasa?**

– *Ah, é o senhor? Estrangeiro? Ainda bem! ... Estava com meu rifle*

engatilhado para detonar aquele que assassinou a língua portuguesa... (Green, nicaraguense recém chegado ao Brasil, escrevia em portunhol - mistura de português com espanhol).

Seu trabalho está bom! – disse-lhe o mestre –, **porém, eis a barbaridade que o senhor escreveu:**

“O aparelho digestivo de los ruminantes se compone de tres partes: boca, estómago y intestino. **Ambas las tres**, entrelazadas, forman un camino para los alimentos. O resíduo da digestão se acumula en el intestino grueso. El culo es la puerta de salida de los gases...”

– **Ambas las três!?** Questiona o mestre!

Nesse momento, vi quando Raphael Chepote – o sonso panamenho “*Tubinho*”, da turma de 67, que ali estava para assistir à aula do mestre – aproximou-se disfarçadamente do ouvido esquerdo de Green e murmurou:

– **¡Carajo, Green! ¿Tú escribistes eso? ¿Ambas las tres? Mira, amigo, se el culo también hace parte del aparato digestivo, lo cierto seria escribir ambas las cuatro...**

Mestre Afonso era irreverente, jamais terrorista. Aprovou, por mérito, o inesquecível Winston Delano Green Ingle (nome de lorde inglês!).

Avante Guerreiros do Planalto

Carlos Armando Barreto de Santana (*Bacurau*)

No período de 1965 a 1968, vivi quatro felizes anos de minha vida na histórica Escola Agrônômica da Bahia (EAB), instalada no planalto cruzalmeno, a 200 m acima do nível do mar. Eu morava no quarto nº 15 do alojamento denominado “Trio Elétrico”, juntamente com os colegas Lourival Bispo Lemos (*Tremedeira*) e Wolmar Uilker Souza Santos (*Fantasmilha*). Naquele alojamento, acordava-me bem cedo já ouvindo, ao longe (os quartos não era forrados), diferentes programas radiofônicos, especialmente músicas sertanejas e noticiários – isso, durante o tempo disponível entre o banho matutino e a ida para as salas de aula, passando pelo refeitório, para o café da manhã.

Eu era viciado em resenhas esportivas, especialmente das que tratavam de futebol: ouvia compulsivamente emissoras de rádio da Bahia (Sociedade e Excelsior) e do Rio de Janeiro (Globo e Tupi). Além disso, lia diversas revistas especializadas no gênero, a exemplo de *Placar* e *Jornal dos Esportes* – mesmo quando tratavam do futebol europeu (*Arsenal* e *Manchester City*, da Inglaterra; *Barcelona* e *Real Madri*, da Espanha; *Fiorentina* e *Milan*, da Itália; *Porto* e *Vila Real*, de Portugal, dentre outros). De tanto ouvir discussões sobre esquemas táticos ofensivos e defensivos tornei-me um *expert* em futebol...

Nossa Escola era um celeiro de craques que, além de integrar nossa excelente seleção de futebol, eram muito disputados por agremiações visando às competições dos campeonatos de Cruz das Almas e municípios vizinhos.

Desportista por natureza, meu colega Eribaldo Novais Lima (*Poliglota*), apaixonado especialmente por briga de galos e por futebol, resolveu montar seu próprio time utilizando significativa soma do dinheiro que ganhava com seus galos campeões de rinhãs. Comprou bola, chuteiras, meiões, calções, camisas, estojo de primeiros socorros, caixas térmicas para água, maca, bancava lanches para os jogadores,

pagava os serviços de massagistas etc.) e me convidou para técnico da equipe, pois, para ele, “Eu era um jovem competente e entendedor de todos os meandros do esporte bretão”.

Após alguns treinos, trocas de posições entre os jogadores e testes de esquemas táticos (4-2-4/4-4-2/3-5-2/3-4-3, dentre outros), *Poliglota* gostou da minha atuação como técnico. Estava empolgado e certo de que seu time ganharia todas as partidas...

No dia da primeira competição dos “Guerreiros do Planalto” – era assim que *ele* tratava orgulhosamente seus jogadores –, uma plateia vibrante aguardava o soar do apito. No entorno do campo, bandeiras multicoloridas tremulavam ao vento; o som contagiante de uma batucada animava os torcedores; vendedores de roletes de cana-de-açúcar, pipoca, sorvete, picolé, cerveja, água, algodão-doce, etc. circulavam animados, alegres, antevendo seus ganhos/*trocados*.

Chegada a hora, os dois times emparelhados, com o juiz à frente levando consigo a bola do jogo, adentraram o campo e fomos ovacionados entusiasticamente pelas respectivas torcidas. *Poliglota*, vestido com a camisa nº 9, destinada aos grandes goleadores, puxava a fila de seus jogadores. Chorava de emoção. Para ele, aquele seria um apoteótico e grandioso dia! Certamente, antevia os golões que faria durante a partida; os abraços dos companheiros de equipe; os urrrrrraas! e viiiivaaas! dos seus torcedores.

Dentro do campo, após curta preleção, escalei a equipe que julguei ser a mais competente e aguerrida... Eufóricos, ombreados em círculo, braços esticados, mãos sobre mãos, gritamos uníssonos:

– **Avante Guerreiros do Planalto! Um por todos e todos por um!**

Tal como arquitetei prévia e ardilosamente, substituí *Poliglota* dois minutos após o início da partida. Nesse momento, parte da torcida, cúmplice da trama, passou a gritar a plenos pulmões:

– **Com Knoooooorrrrr é Melhooooorrrrr!**

Foi difícil convencê-lo a não levar consigo a única bola do jogo... Finda a competição, surtou de vez quando viu seu time perder por 7x1

(placar maldito) sem que ele tivesse jogado... Sem delongas, demitiu-me do cargo ali no campo. Repórteres, jornalistas e torcedores, surpresos, queriam saber o significado daquele “grito de “guerra” vozeado pelos colegas da Escola de Agronomia quando *Poliglota* deixou o campo, irado. Eu lhes dizia apenas que se tratava de um *causo* outrora protagonizado por um fanático criador de galos de briga...

Carrapato Valente

Joelito de Oliveira Rezende (*Cabeleira*)

Na nossa época de estudantes universitários, vigorava o regime de ensino seriado anual, rígido, inflexível. A turma era una, indivisível. Começávamos e terminávamos o curso juntos – o que possibilitava maior companheirismo e solidariedade e menor competição e distanciamento entre os colegas. Entre tapas e beijos, comuns em qualquer família que se preza, éramos como irmãos compartilhando uma vida bem vivida!

O regime de matrícula por disciplina, com pré-requisitos, foi implantado, no Brasil, com a Reforma Universitária de 1968 – portanto no final do nosso curso. Nesse regime, terminada a aula, ocorre dispersão da turma – é cada um por si e Deus por todos...

Religiosamente, tínhamos aulas semanais até às dez horas das manhãs de sábado. Era nesse dia que o inconfundível engenheiro civil Aníbal da Silva Ramos, pai biológico dos filhos “Integral” e “Derivada”, dava-nos aulas de matemática (lembra-se dele: aquele que, na frente da turma, com o corpo levemente inclinado para trás, entornava um litro de água goela abaixo, sem mexer a glote). Suas equações algébricas pareciam aranhas caranguejeiras. Aterrorizavam!

Terminada a aula, partíamos livres e felizes para o centro da cidade a fim de “molhar o bico”, galhofar e garimpar as “minas” locais... Nosso principal ponto de encontro era “A Pérgola”, barzinho agitado localizado em ponto estratégico na Praça da Matriz, cuja Padroeira é Nossa Senhora do Bom Sucesso (essa Igreja agora é Catedral, em razão da recente criação da Diocese de Cruz das Almas).

Sentados reservadamente em uma mesa do bar, estavam Waldemir Humberto de Castro Silva (*Vai na Onda*) e José Vanderlei Ramos (*Carrapato*) rodeados de nativos. O primeiro, *Vai na Onda*, media cerca de 1,78 m de altura, 85,0 kg de peso, sapato 44 bico largo, forte

como um touro; o segundo, *Carrapato*, media 1,55 m de altura, cerca de 55,0 kg de peso, troncudinho, sapatos nº 32 (certamente que agora, setentões, encolheram, engordaram, perderam os cabelos e brocharam).

Subitamente, após ingerirem três caixas de cerveja (não havia latas, e sim garrafas de 600 ml), *Carrapato*, aparentando ser mais valente do que *Thor* (o deus nórdico dos trovões e das batalhas), levanta-se e grita a plenos pulmões:

– Nessa porra de terra não tem homem! Eu disse: não tem homem!

Silêncio de morte! Alta tensão! Todos pararam de beber! Os do entorno viraram-se com cara de poucos amigos para a mesa onde estava *Carrapato* - que gritou novamente a plenos pulmões, para terror e desespero de *Vai na Onda*:

– Nessa porra de terra não tem macho! Disse e repito: – Nessa porra de terra não tem macho!

Vixe Maria Santíssima! Pra que disse isso?! O pau comeu! Cerca de *duzentos* cruzalmenses enfurecidos lançaram-se contra os dois companheiros de infortúnio. *Vai na Onda* – servindo de escudo humano para *Carrapato* que, à semelhança de uma mochila, não desgrudava de suas costas – tomava e distribuía porrada para todos os lados, onde pudesse alcançar um olho do adversário. Aquilo parecia um embate de capa e espada entre o Zorro e a tropa do sargento Garcia. Quanto mais *Vai na Onda* apanhava mais *Carrapato* gritava repetidas vezes:

– Nes-sa-por-ra-de-ter-ra-não-tem-hooo-meeem!

Na hora do almoço, cerca de meio-dia e meia, os dois combatentes chegam combalidos ao refeitório da Escola. O rosto de *Carrapato* estava liso como bunda de neném, enquanto o de *Vai-na-onda* parecia que havia sido picado por um enxame de ferozes abelhas africanas... Muitas ondulações no rosto, nariz sangrando e um olho parcialmente caído (semelhante ao de Nestor Cerveró, garfado pela Lava Jato)...

Ávidos por um abraço, uma manifestação de solidariedade, um afago dos colegas, foram, contrariamente, recepcionados com uma

explosão de risos seguida de um *bandejaço* ensurdecedor.. Pensando no pior – e aconteceu! –, agachei-me debaixo da mesa antes que *Vai na Onda e Carrapato*, enfurecidos, transformassem em disco voador as bandejas de aço que usávamos como pratos...

Coisas do Sideni...

Candido Nunes de Vasconcelos (*Mazzaropi*)

Em 1966, cursávamos o segundo ano de Agronomia, na então Escola Agronômica da Bahia (EAB). Alfredo Passos era o nosso professor de Zoologia (1ª parte). Certo dia, ministrando aula sobre ofídios, dizia que as principais características das serpentes venenosas são: cabeça achatada com formato triangular; corpo coberto de ásperas escamas; cauda grossa afilando de forma repentina; dois dentes longos por meio dos quais injetam veneno nas vítimas; orifícios entre os olhos e as narinas (fosseta loreal) sensíveis à alterações mínimas de calor no ambiente onde poderá localizar as presas.

(Cruz credo, pé de pato, mangalô três vês! Prá lá!)

Naquele instante, Sideni Lopes da Silva (*Mormaço*) adentra a sala de aula portando uma mala velha de couro. Senta-se ofegante na cadeira de madeira maciça, muito pesada, e posiciona tal mala cuidadosamente ao seu lado. A partir desse momento, do lugar onde ele estava emanava um odor estranho e incômodo, diferente do dele – conhecido e facilmente reconhecível por ele não gostar de tomar banho. Os colegas, surpresos e curiosos, entreolhavam-se e riam. Contrafeito, o professor reclamou silêncio e continuou sua preleção...

Disse que as cobras não venenosas – também chamadas de inofensivas – têm hábitos diurnos; correm quando ameaçadas; a cabeça é alongada; os dentes são pequenos (serrilhados) e voltados para trás, para facilitar a deglutição.

Ato contínuo, *Mormaço* abriu a mala e libertou uma cobra fedorenta e bastante agitada. Seguiu-se uma tremenda *zoeira* no recinto: todos os alunos subiram apressadamente nas cadeiras, esparramando cadernos, lápis e canetas pelo chão. Sereno, apontando para a rastejante, *Mormaço* perguntou:

– Professor, esta cobra é ou não venenosa?

Apavorado, pálido e descontrolado atrás de sua mesa de trabalho, o professor respondeu:

– Pelo sim pelo não, talvez sim talvez não, na dúvida sempre será! Portanto, menino, tenha cuidado com essa coisa! – aconselhou o mestre.

Trêmulo e com a voz embargada, suplicou a *Mormaço* que recolhesse à mala aquela víbora desconhecida.

Disfarçando um sarcástico sorriso, *Mormaço* piscou o olho para a turma e, após várias tentativas, recolheu a cobra àquele berço portátil e desconfortável. Os alunos, aos poucos, acomodaram-se em seus lugares e o professor retomou sua aula falando de outro tema, não dando oportunidade para se discutir assuntos relativos aos ofídios.

Comandante *Parafuso* e a *Groselha de Cangaço*

Joelito de Oliveira Rezende (Cabeleira)

Em 1967, cursávamos o terceiro ano de Agronomia. Na grade curricular constava a disciplina Zootecnia (1ª Parte ou 1ª Cadeira), compartilhada pelos professores Adailton Oliveira Sampaio e José Maria Couto Sampaio. Adailton era relativamente mais jovem e menos conservador. Confundia-se/misturava-se com seus alunos nas rodas de galhofas (piadas, samba e cerveja) sem perder de vista o recomendável respeito que deve haver entre mestre e discípulos. Gostávamos de ambos!

No programa da disciplina, constava uma aula prática no Parque de Exposição Agropecuária da bela Vitória da Conquista, localizada na região Sudoeste da Bahia – que, no inverno, nada fica devendo às friorentas cidades europeias. Frio do cacete! Essa viagem de estudo era ansiosamente aguardada por todos nós, desde o início do semestre, pois, mais uma vez, juntaríamos o útil ao agradável: conhecimento prático, mulheres e lazer.

Em Vitória da Conquista, tínhamos o colega Altímio (galeguinho de olho azul, nativo, simpático e alegre), “jogando no meio de campo”, para nos proporcionar luminosa recepção. E assim foi!

Após *Chico Banha* estacionar o ônibus da Escola nas imediações do Parque, logo iniciamos nossa peregrinação pelas baias de animais de diferentes espécies e raças (equinos, bovinos, muares, asininos, caprinos, ovinos, suínos ...). Nessas baias, o mestre discorreu sobre rendimento de carcaça, pelagem, conformação do animal e outras características de interesse econômico. Para os colegas *cidadinos* – que só conheciam pecuária nos filmes de faroeste protagonizados por Roy Rogers, Gene Autry, John Wayne, Randolph Scott, dentre outras personalidades cinematográficas de nossa época –, tudo era novidade, tudo era lucro, pois já não mais confundiriam bezerro com ovelha, porco com filho de jegue e que boi tinha dois culhões pendurados próximos às patas traseiras, diferentemente da vaca...

Na manhã do primeiro dia, terminada a preleção do mestre Adailton, invadimos os bares do parque. Acompanhado de vários colegas, aconchegamo-nos no *Quiosque Imborés*, onde, magicamente, três garrafas de cerveja consumidas transformavam-se em duas – uma delas “escafedia-se” através de pequenas janelas abertas na “parede” de palha do bar.. (“inocente” estripulia estudantil – *trote* comum nos dias atuais). Na semana seguinte, a fatura/conta chegou à Diretoria da Escola...

Meio-dia e meia, fui almoçar numa churrascaria juntamente com colegas, dentre os quais estavam Newton Bueno (*Parafuso*) e Roberto Adami de Sá (*Gelosa*). Uma roda de samba e cerveja precedeu o almoço. Foi nesse momento que apareceu um fotógrafo com uma mochila a tiracolo, máquina fotográfica e um renque de pequenos monóculos no fundo dos quais ficava a foto colorida dos *posudos* – uma novidade àquela época! Aproximou-se, propagandeou seu trabalho e anunciou o preço de cada foto. Para quem vivia de mesada, o preço era limitativo! Com sacrifício, comprei as três que ainda guardo.

O espirituoso e sóbrio *Gelosa* (alegre, brincalhão, exímio jogador de futebol – jogava pela seleção da Escola), não tava nem aí pro azar. Fazendo mil poses, mandou o fotógrafo disparar a máquina fotográfica, o qual prontamente a usou à semelhança de uma metralhadora!

Parafuso era parrudo, de cabeça grande e arredondada, postura ereta, ar imperial, e inofensivo – exceto quando bebia umas e outras, momento em que se fantasiava de milionário, proprietário de quarenta léguas quadradas de terra e de cinco carrões *Simca Chambord* (sinal de luxo e riqueza à época). Além disso, transformava-se em cruel algoz de vasos sanitários: certo dia, à semelhança do que fizera Dom Quixote contra moinhos de vento, atacou e destruiu impiedosamente as latrinas do prédio de zootecnia. Intimidado pelo diretor da Escola, pagou tudo com juro e correção monetária...

Maravilhado com a cena que acabara de presenciar – protagonizada por *Gelosa* –, *Parafuso* mandou o fotógrafo disparar a máquina fotográfica enquanto fazia mil poses, bicos e caretas – quando estava cheio da *furbuia* danava a fazer caretas e bicos.

No dia seguinte, na mesma churrascaria, eis que aparece o fotógrafo à procura dos *clientes* para entregar-lhes as fotos e receber o pagamento (de *Gelosa*, eram trinta e oito monóculos empencados e pendurados no dedo indicador de uma das mãos - pareciam cordas de caranguejo. Surpreendido, pensando no calote, disse-lhe *Gelosa*:

- Querido amigo, não tenho dinheiro aqui comigo, porém, não se preocupe, pois sou parente do prefeito - ele nem conhecia o prefeito - e estou hospedado na casa dele. Leve-me as fotos lá, onde as pagarei.

Depois de procurar, em vão, pelo sumido *Gelosa* - já não frequentava aquela churrascaria, esquivando-se do fotógrafo -, eis que este surge diante de *Parafuso* para entregar-lhe as dezenas de monóculos que ele também havia encomendado. Pego de surpresa, sem dinheiro para pagá-los e sem ter como escapulir, o arremedo de malandro arremedou *Gelosa*:

- Querido amigo, não tenho dinheiro aqui comigo, porém, não se preocupe, pois sou parente do prefeito - ele também não conhecia o prefeito - e estou hospedado na casa dele. Leve-me as fotos lá, onde as pagarei.

Passados alguns minutos, reaparece o desconfiado fotógrafo com a tropa de choque da polícia militar. E lá se vai *Parafuso*, preso, puxando a fila indiana de policiais, enquanto os colegas, em explosão de risos, gritavam:

- Lá se vai o Comandante *Parafuso*, marchando à frente da tropa!

Para resgatá-lo da jaula, foi socorrido pelo prefeito municipal, a pedido do galeguinho de olho azul Altímio, amigos entre si...

De volta para casa, quando *Parafuso* entrou no ônibus seus colegas presentes, numa incontestada prova de respeito à hierarquia, levantaram-se e, em posição de sentido, bateram continência para seu comandante...

Foi nesse momento do retorno para casa, dentro do ônibus, que soubemos da noite de sofrência de Dalmo Britto Seixas (*Cangaço*): no dia anterior à nossa partida, ele tinha ido a uma boate para beber e dançar - e como dançava! Nem os pesados coturnos amarelos de

catingueiro o impediam de deslizar galhardamente na pista de dança. De pronto, aconchegou-se e monopolizou uma guapa morena de olhos verdes, corpo esbelto, cabelos negros, compridos e esvoaçantes, sobrancelhas muito bem desenhadas, lábios pintados com batom vermelho-cardio, mãos de pianista, unhas compridas prateadas (postiças), vestido carmim justíssimo e curto (palmo e meio acima do joelho) revelando coxas bem torneadas e sapatos vermelhos salto Luiz XV combinado com o vestido. Uma linda gata! – no linguajar de agora.

Durante toda a noite, *Cangaço* patinou com sua *siamesa* na pista de dança da boate: orelha colada em orelha, sobrancelhas atritando-se levemente no embalo do malemolente ritmo musical da sofrência e narizes distantes entre si cerca de dois centímetros e meio... Aquele romântico casal chamava atenção dos presentes!

No fim da madrugada, *Cangaço* se deu conta de que não sabia o nome da bela morena. Ainda na pista de dança, afastou-a amavelmente, pôs sofregamente as duas mãos nos ombros dela e, olho no olho, perguntou:

– Fofura, qual é o seu nome?

Levitando, a *gata* enlaçou delicadamente o pescoço de *Cangaço*, esboçou um sorriso de rara felicidade e respondeu:

- Carinho, meu nome de batismo é Pedro Alcântara Muñoz Albuquerque de Lima e Silva, todavia prefiro que me chame de *Groselha do Agreste*...

Conheço *Cangaço* de longas datas. Sua fama de garanhão ainda ecoa nos campos de arroz de Propriá, Sergipe, sua terra natal. Quando de suas escapadas da Escola de Agronomia nos finais de semana, fazia longas paradas obrigatórias na “casa de tolerância” 63, em Salvador, onde era ansiosamente aguardado e disputado pelas *quengas*. Certamente, o que aconteceu com ele em Vitória da Conquista foi mero acidente de percurso - qualquer vivente, nas condições em que ele se encontrava, enganar-se-ia diante daquela gata siamesa. Imagino que, após ingerir *todas* no *Quiosque Imborés*, depois da aula do professor Adailton nas baias do parque de exposições, chegou àquela boate com os olhos anuviados...

Com Knorr é Melhor¹

Franklin Pereira de Miranda (*Marmelada*)

Ano de 1967: 3º ano de Agronomia, primeira aula de Química Agrícola e Solos, do saudoso e querido professor José de Vasconcelos Sampaio. Suas imperdíveis aulas ocorriam no primeiro horário (sete horas da manhã) das segundas-feiras. Religiosamente, fazia a chamada logo no início - e reprovava por falta.

Sáimos apressadamente do refeitório, quase correndo. Repentinamente, José Cavalcanti Rodrigues (*Zé Porquinho*) deu uma "frenada" brusca, pois viu dois galos de briga amarrados separadamente em piquetes fincados em ambos os lados do caminho. Olhou matreiramente em todas as direções, para conferir se havia alguém por perto. Não havia! Sem perda de tempo, arrancou o piquete no qual estava amarrado o galo preto (chamado *Malvado*) que, ensandecido, arrastando corda e piquete, partiu para "comer o fígado" do galo branco (chamado *Valente*), que continuava amarrado e, por isso, sem condição de ampla defesa. Fomos embora sem esperar o resultado da carnificina. Chegamos ofegantes à sala de aula, em tempo de responder a chamada. O período da manhã passou tranquilo...

Meio-dia, durante o almoço, o colega Eribaldo Novais Lima (*Poliglota*), dono e usufrutuário dos galos, irrompeu no refeitório, em prantos, derramando copiosas lágrimas, com o galo morto nas mãos (mortíssimo, pois o pescoço do bicho pendurado balançava que só pinto mole). Como um vulcão em erupção, vomitava brasas e soltava fogo pelas ventas! Da cor de uma "maçã do amor", estrepitou, esbravejou, berrou, gritou:

- Quem foi o filho da puta responsável por isso? Quueeem foooooiiii? Quueeem foooooiiii o fi-lho-da-pu-ta? Apresente-se, cavalo do cão, galinha da madrugada, se for homem!

¹Caldo-Knorr - É caldo de galinha (marca de gênero alimentício alemã).

Seguiu-se um infernal e ensurdecedor bater de talheres naquelas pesadas bandejas de aço inox que usávamos como pratos. Quanto mais *Poliglota* vociferava mais barulho se fazia! Enlouquecido e revoltado, passou a arremessar bandejas em todas as direções – pareciam *drones* deslocando-se dentro do refeitório... Foi um Deus nos acuda! Alguns comensais pulavam a janela como se estivessem participando de corrida com obstáculos; outros, protegiam-se debaixo das mesas, inclusive *Zé Porquinho*, que, encolhido e trêmulo, rezava pra São Francisco de Assis, o protetor dos animais...

Sem resposta, exausto e espumando pelos cantos da boca, *Poliglota* deixou o refeitório... *Zé Porquinho*, sem qualquer sentimento de culpa, foi para o quarto tirar sua *siesta* habitual...

De repente, uma patada violenta derrubou a porta do nosso quarto. As dobradiças, enferrujadas, voaram pelos ares. Com os olhos esbugalhados, e com o finado galo na mão, *Poliglota* entrou e estrondeou *juras de amor* para *Zé Porquinho*, em vários idiomas:

– *Zé Porquinho, filho da puta, estrupício da cerebrina, pó de pentelho com estricnina, caralho de quatro quinas, já sei que foi você quem soltou meu galo! Se você é maaa-cho, maaa-chooo-chooo levante-se da porra dessa cama pra moor-rerrrr! Eu-vim-lhe-ma-taaarrrrrrrrr!*

O “bacurim”, de pelagem branca, amarelou! Não grunhiu! Não reagiu! Apenas puxou o lençol da cama e cobriu o rosto até o nariz, deixando de fora os dois *zoins apertadins*, semicerrados, esperando o pior... Vendo que *Zé Porquinho* não esboçava qualquer reação, *Poliglota* jogou o galo morto em cima dele e retirou-se.

Passado o susto, o manso *Zé Porquinho* levantou-se, espreguiçou-se, pegou o finado galo e tartamudeou:

– Vamos comê-lo assado! ...

Tendo uma amizade colorida com Nelson – cozinheiro na Escola de Agronomia e dono de um pensionato no bairro “Tabela”, recorrentemente visitado pelo “bacurim” –, levou o galo para ser preparado por ele (Nelson). No fim da tarde chegou com o galo assado

cuidadosamente acomodado em uma bandeja ornada com alface, rodelas de tomate e farofa, e o guardou no armário para comermos à noite.

Na hora do jantar, fomos ao refeitório apenas para lancha, e voltamos rápido para pegar o galo. O combinado era levá-lo para a cidade e o degustarmos regado à cerveja... Para nossa surpresa, quando chegamos ao quarto abrimos o armário e ... o galo havia sumido! Voando não saiu! ... Alguém o roubou, não sabíamos quem, nem como soube da “sepultura” temporária do galináceo. Incontinentemente, montamos na moto de *Zé Porquinho*, ele pilotando, e partimos para a cidade, onde peregrinamos por bares, lanchonetes, repúblicas e puteiros, a fim de flagrarmos o meliante.

Até hoje, não sabemos quem foi o *bafão da meia-noite* que roubou o galo. Na ocasião, havia apenas indício de que tal façanha tinha sido praticada por Roberto Adami (*Gelosa*) e sua turma (inclusive *Picorete*) – que o estraçalharam no escritório de contabilidade do colega Cafezeiro (*Café/Baiacu*) – lembram-se dele? De *Baiacu*? Foi pego em flagrante delito ao tentar *lunfar*, na véspera do casamento, lençóis Santista do Seminário Pio X, que nos abrigou em Recife com o beneplácito do inesquecível Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara!

Apesar da incerteza quanto à autoria do roubo, *infernizaram* a vida do lamurioso *Poliglota* dizendo-lhe que o misterioso larápio andava comentando que o galo “Valente” foi, de fato, bom de briga, porém foi muito melhor quando temperado com **caldo-knorr!**

A partir daí, *Poliglota* não mais teve sossego: onde quer que aparecesse (no refeitório, na praça da cidade, no cinema, nos bailes, nos babas – principalmente a cada gol que seu time levava), ouvia o angustiante e unísono lembrete: **Com knorrr é melhorrr!** E isso o persegue até os dias atuais.

Ambos os crimes já prescreveram. Portanto, peço, a quem souber, que me diga quem roubou e comeu o finado galo *Valente*...

Cinquenta anos depois... Logo após ter divulgado esse caso, recebi a seguinte mensagem, gravada, do colega Clidenor Meneses de

Souza Neto (*Banana Curta*):

“Grande Franklin, estou vendo sua mensagem aqui [no celular, grupo whatsapp Agrônomos 1968], sua história sobre o famoso galo de Zé Porquinho. A história é longa, mas vou procurar resumi-la:

Chegava lá no alojamento, e a notícias que vocês tinham matado o galo de Poliglota e que mandaram seu Nelson prepará-lo para comê-lo à noite. O grande Evereste [Eduardo Nascimento/Tanajura] disse:

– Rapaz, vem cá que tem uma história pra gente aqui...

E aí, abrimos o guarda roupa pelo fundo, porque o cadeado era muito grande, tiramos esse galo e partimos para a rua, com destino ao escritório de Paulo Cafezeiro [Café/Baiacu], que era em cima do bar de Barrão [localizado na avenida Alberto Passos]. Lá, Paulo já nos estava esperando. Subimos [para o primeiro andar], fechamos a porta e, pelo fundo do escritório, descia uma caixa de madeira, na corda, e subia a cerveja. E subiam os conhaques. Que delícia de galo! O Sr. Nelson era um grande quituteiro!

Essa história, nós levamos muito tempo sem querer contar... Mas, já que você fez uma narrativa muito bonita aqui, sobre o grande Zé Porquinho... [risos], participamos da grande festa, viu? Realmente estava muito gostoso, o galo.

Gelosa não tava, não participou. Roberto Adami não participou. Foi Nô [Banana Curta], Evereste, Paulo Cafezeiro e Ioiô Tarado [Geraldo Conrado Teixeira de Castro]... e Nêgo Noilton [pausa]. Valeu! Um abração, hem!”

No encontro da turma em Aracaju, para a comemoração do Jubileu de Ouro da nossa colação de grau, *Tanajura* revelou que os ossos do galo – a prova do crime – foram escondidos dentro das máquinas de escrever do escritório de *Café*, sem ele saber...

Cortaram o *Bilau* do Jegue

Joelito de Oliveira Rezende (*Cabeleira*)

Naquele dia, saímos de uma aula precedente e fomos, em bloco, ao encontro de Afonso da Silva Ramos, professor da disciplina Zoologia (2ª parte) – Anatomia e Fisiologia dos Animais Domésticos. Ao adentrarmos a sala de aula, lá estava o Mestre, de pé, diante do quadro negro no qual acabara de desenhar um jumento com seu descomunal pênis em estado de ereção (na realidade, pênis é a maneira educada, sofismática, de nominar aquela *coisa*, pois mais parecia uma estaca com a extremidade livre parecida com um focinho de porco).

Sentamo-nos todos naquelas cadeiras feitas de madeira de lei, pesadíssimas, cujas tábuas de apoio para mãos, livros e cadernos apresentavam registros das mais diversas formas de expressão: porra, baitola, viado, corno, nomes próprios, apelidos, declarações de amor, além de “resumos” (colas/pescas) escritos com caneta esferográfica por estudantes aflitos em véspera de prova.

Na sala, cada aluno posicionava-se no lugar que melhor lhe quadrava. Passado o murmurinho causado pelo arrastar das cadeiras, inicia o Mestre sua preleção: “Hoje, explicarei a anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor do asinino. Para facilitar a compreensão desse assunto, fiz esse esboço no quadro negro, destacando o pênis e os testículos do animal... Mostrarei a importância dos corpos/vasos cavernosos no fluxo sanguíneo responsável pela ereção e rigidez do pênis no ato da cópula; tais vasos ramificam-se ao longo do pênis até sua extremidade... Faço um corte transversal no pênis, para expor os corpos cavernosos...” (Aproximou-se do quadro negro e, com seu giz *bisturi*, riscou/cortou o *bilau* do jegue).

Nesse exato momento, aconteceu o inesperado! Ao traçar o fatídico risco, ouviu-se um lancinante grito de dor no meio da sala, *urrado* por Eduardo José Nascimento (*Tanajura*):

Denorex¹ – Parece mas não é

Joelito de Oliveira Rezende (*Cabeleira*)

Durante o nosso curso de Agronomia, fizemos quatro excursões curriculares, com o objetivo de conhecermos diferentes regiões brasileiras e suas diversidades sociais, econômicas, culturais e ambientais, além de um merecido lazer turístico. Em 1966, segundo ano do curso, visitamos a CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira), localizada no eixo Itabuna-Ilhéus, Sul da Bahia; em 1967, terceiro ano, visitamos o Parque de Exposição Agropecuária de Vitória da Conquista (Sudoeste da Bahia) e a região Nordeste do Brasil, iniciando pela zona semiárida e finalizando pela zona da Mata; em 1968, quarto ano, visitamos as Regiões Sudeste e Sul do Brasil, com uma esticada até os países vizinhos Uruguai e Argentina. Conduzindo-nos por esses caminhos com zelo e segurança, em ônibus confortável da Escola, tínhamos os motoristas *Chico Banha* e *Bom-Na-Ré* (exceto na viagem ao Nordeste do Brasil, feita com ônibus fretado).

Durante tais excursões, dentro do ônibus e/ou fora dele (em restaurantes, lanchonetes, praças, praias, pousadas, hotéis, etc.), tudo era alegria, regada a cantorias, cana/pinga e “inocentes” *lunfas/calotes/birros* estudantis – sem os quais tais viagens não ficariam completas. Alegrava-nos ver, no Uruguai e Argentina, *Chico Banha*, todo faceiro, pedindo um cafezinho no bar:

– **Muchacho, un cafecito con leche...**

Na volta da viagem à Argentina, fomos pernoitar no quase chique *Hotel Magestic*, localizado na Rua da Paz, centro de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Ao chegarmos ali, logo nos recomendaram cuidado, pois naquela rua havia muitos “suadouros” (quartos para onde garotas de programa levavam seus lascivos e desavisados “clientes”, os quais, lá chegando, eram recebidos e “depenados” pelo gigolô que os aguardava

¹Há alguns anos, existia um shampoo que se dizia anticaspas, chamado DENOREX. Tinha frasco opaco verde e cheiro de remédio. Por isso a expressão usada no comercial desse produto: DENOREX parece remédio, mas não é!

com um “trinta oitão” em punho, dizendo:

– **Perdeu otário, passe a grana! Ou dá ou desce as calças!**

Quem não suaria?

Como o dinheiro era insuficiente para pagarmos a hospedagem – detonamos quase todo o que tínhamos nas compras e farras em Buenos Aires –, decidimos “ajustar o orçamento” reduzindo o número de hóspedes: alguns entrariam sem pagar e, depois, ratearíamos o valor das diárias com todos. Sorteamos quem daria o calote por meio da usual *porrinha* (dois palitos de diferentes tamanhos com uma das extremidades ocultas entre o polegar e o indicador). Quem tirasse o palito menor, correria o risco de adentrar sorrateiramente o hotel, quando da *muvuca* que se formava na portaria no momento do *check-in*!

Fazia frio naquele dia. Sem direito a cama – pois fora sorteado para dar o calote –, Zé Porquinho dormia no chão do meu quarto. Dava pena ver aquele corpo encolhido, em posição fetal, sobre grossos cobertores de reserva disponíveis no guarda-roupas. Tranquelizei-me ao perceber que ele estava bem e confortavelmente instalado, pois *grunhia* ronco de mão dupla – trovejava tanto na inspiração, quanto na expiração...

Na manhã seguinte, após um lauto café (“lunfado”, porque também não o pagou), lá estava Zé Porquinho na área VIP do hotel, trajando os produtos de grife que havia comprado em Buenos Aires: blusão de couro de antílope, sapato de couro de crocodilo, piteira de prata com cigarrilha cubana à boca e, sobre a mesa, uma vistosa cuia de chimarrão e uma dose de whisky (DRURYS) em copo de cristal. Bem cevado, roliço do pescoço à anca, posição ereta, peito estufado, pernas cruzadas, pé matreiramente balançando (como se quisesse chamar a atenção para seus lustrosos sapatos), retratava uma figura imponente! **Parecia – mas não era** – um senador da República em estudada, ensaiada e teatral posição de meditação! Certamente sonhava alto, vislumbrando um futuro promissor... Quiçá estivesse pensando no pouco tempo que faltava para diplomar-se Engenheiro Agrônomo e passar a ser chamado doutor Zé Porquinho ... Ou melhor, doutor Cavalcanti, dono e senhor de vasta extensão de terras nas caatingas de Afrânio, Pernambuco, sua terra natal!

Espadas de Fogo

Durvalino Vasconcelos Nunes (*Bongô*)¹

Era antevéspera de São João e Armando Lapa e eu estávamos saindo de Salvador, com destino a Viçosa, onde inúmeros colegas e professores se encontravam em cursos de pós-graduação, Mestrado e Doutorado.

A Karlsberg havia inaugurado recentemente sua fábrica de cerveja em Dias D'Ávila e resolvemos levar uma grade da norueguesa preparada com água mineral baiana. Passando por Cruz das Almas, nos abastecemos com muitos “quintos” de afamados licores de jenipapo, maracujá e jaca, além de amendoim e, naturalmente, espadas.

Chegando a Viçosa dia 22, anunciamos à baianada o São João cruzalmense. Chamamos os que se encontravam disponíveis: José Carlos da Rocha, professor Adailton Sampaio, Raimundo Santos Barros, Luiz Lopes, além de Lapa, eu, meu cunhado Marco e outros que não me lembro, alguns com esposas, noivas e filhos.

Depois de algumas lapadas de licor com amendoim cozido com casca, fomos para a Praça da Antiga Estação do Trem, soltar as espadas. José Carlos da Rocha, como *embaixador* de Cruz das Almas, mereceu o privilégio de queimar a primeira.

Pegou o colmo de bambu, tirou a lâmina, riscou o fósforo, deixou chiar um pouco, fez uns três círculos com o braço e atirou a danada pra longe.

Soltando faíscas vermelhas, a espada subiu, ziguezagueou, desceu, tocou no calçamento de bloquetes, bandeou para o lado dos prédios, deixou num deles sua marca de pólvora, partiu pra nossa banda, corremos todos enquanto ela mudava de rumo e sumia por cima do muro da estação.

¹Engenheiro Agrônomo, escritor, poeta, membro da Academia de Letras do município de Barreiras, Bahia, conhecido no meio literário como Durval Nunes.

Gritaria, alegria geral, comentários entusiasmados e... licor. Licor e amendoim cozido. Fomos para a segunda. Professor Adailton teve a preferência, pela hierarquia. Tomou da espada, rasgou com a unha a lâmina protetora, pegou o fósforo aceso, aproximou, e a danada soltou uma chama azulada, ele ameaçou pro nosso lado, rodou duas vezes e a atirou lá pra frente. Lindas cabriolas – a espada correu em pé, desenhou uma circunferência e, sempre cuspidando fogo, disparou pra esquerda e quebrou a vidraça de uma casa vizinha. Engastou-se numa brecha do meio fio e se extinguiu, quando alguém já corria para salvá-la. Ouviu-se uma tremenda ovação. Sem que nos apercebêssemos, nosso folguedo havia arrebanhado um naipe de curiosos – jovens, velhos e mulheres – que nunca tinham visto coisa semelhante.

Partimos para mais uma rodada de licor e amendoim, e quando nos preparávamos para a terceira espada, caiu o pano. Desfigurou-se completamente nosso cenário. O que era uma encenação lúdica transmutou-se em drama, sem que tivéssemos tempo, sequer, para trocar os personagens ou o roteiro da peça: **Chegou a polícia!**

E que destacamento, três camburões com mais de dez praças! Pararam os carros e foram nos cercando. É bom lembrar que estávamos em pleno Regime Militar. Armados com enormes cassetetes, revólveres, fuzis e uma parafernália, que pareciam preparados para a guerra.

– **Os senhores estão presos!**

– **Presos por quê?** Questionamos uníssonos.

– **Perturbação do silêncio; ameaça à ordem pública; uso de armas perigosas. E mais um monte de códigos e leis.**

– **Sargento, nós somos cidadãos, profissionais de nível superior e só estamos comemorando o São João** – falei eu.

– **Com licença sargento** – obtemperou Armando Lapa, desautorizado, mas com toda autoridade e picardia.

– **Isto aqui se chama espada e é tradição na Bahia, onde, a cidade de Cruz das Almas, no Recôncavo baiano, comemora o maior São João do mundo, atraindo turistas de todas as partes, como as touradas de Madri!**

Luiz entrou com o delegado, que chamou o sargento para ouvir seu relato e, em três minutos, estávamos livres. Valeu, Luiz!

Uma vez na rua foi o “hip hurra”! Enaltecera-lhe os méritos, ruidosamente, os companheiros, que contaram, estrepitosos, a façanha. E a alegria voltou a reinar.

Dirigimo-nos então ao hotel de Luiz - onde ele se trajou de civil - e telefonamos para toda a colônia baiana para, ao som de Luiz Gonzaga e regados à [cerveja] Karlsberg, continuarmos a comemoração do Primeiro São João cruzalmense em Viçosa. E o último!

Eu Não Estive Lá

Durvalino Vasconcelos Nunes (*Durval Bongô*)¹

– “Eu bem que poderia ter ido, mas tinha que esperar a colheita do cacau, ora! Também, gastar uns dois ou três mil... Era barra! Só pra ver um monte de velhos gagás, barrigudos e carecas!”

– “Ó cara, minhas vacas vão ser inseminadas este mês e não posso me ausentar. Não vou não!”

– “Aracajú é muito longe. Não dá para enfrentar essa viagem. Se ainda fosse em Cruz das Almas.”

– “Ôxente! Já acabou?! Os três dias passaram tão depressa! Já estão voltando?!”

– “Vi no Zapp: Dos cinquenta que restam, só foram vinte e oito?! Ainda bem que não fui só eu o ausente.”

– “Cochicharam que três da turma, não foram por causa de querelas políticas nas redes sociais. Coitados!”

– “Vi no Zapp do grupo: Muita gente teve justificativa pra não estar presente: Jayme, prostrado em semicoma nos últimos dois anos; José Carlos da Rocha, além da perda progressiva da visão, encontra-se em convalescença de um AVC; Sideni, enfurnado num garimpo lá em Rondônia...”

– “Vi no Zapp: Teve um que estava brigando com o MST, que invadiu sua fazenda; outro participando da Fenagro; um foi levar as crianças para a Disney; até unzinho, lá de Sergipe mesmo, não apareceu!” “É isso aí, eu também não fui!”

– “Mas o doutor Raimundo Santos Barros, rapaz!!! Mesmo tendo passado por uma recente cirurgia na cabeça, estava lá! Com toda a irmandade!”

¹Engenheiro Agrônomo, escritor, poeta, membro da Academia de Letras do município de Barreiras, Bahia, conhecido no meio literário como Durval Nunes.

– “Mas, moço.... Quando vi a postagem do grupo no Culto Ecumênico, me encantei! Bem que eu deveria ter ido!”

– “A Homilia do pastor, viúvo de uma engenheira agrônoma óia! E Luiz Simões, cantando o hino da turma! – como eu já gostei desse hino! Cantei muito nos 40 anos... Eu deveria estar lá!”

– “Me arrepiei todo quando vi o Antônio Francisco, *Bezerrão*, com Mal de Parkinson e tudo, lá sorrindo, amparado pela esposa e seu Cuidador - sendo paparicado por todos, sorrindo e chorando de emoção.... Que lindo! Por que eu não estava lá?! Meus olhos se umedeceram!”

– “Cara, quando vi Nêgo Noilton com a esposa, três filhas, genro e uma neta e um neto... Caí do queixo!”

– “Vi no *Zapp*: O Geraldo Soares Barreto, todo durinho, de cabelos 'negros' parecendo um garotinho! Que juventude! Eu queria estar lá!”

– “Não dava pra ver todo mundo, mas o Joelito, com aquela cabeleira e a barba branca, parecendo um soberano espanhol da Idade Média...”

– “Mas... Aquele é o Flávio? O Flavinho veio de Piracicaba!? E eu aqui tão perto, arranjando desculpa pra não ir! Mas que vergonha!”

– “Depois vi o vídeo de Durval *Bongô*, acompanhando a música *Yolanda*... Que beleza! E Raimundo, cantando “Meu carro é vermelho”! (Ô lembrança de Cruz das Almas!). E chorei de novo!”

– “Aí entra a turma toda no salão: Luiz Francisco, Chiacchio, Candinho, Badinho e até Paulo Amorim, dançando o *Twist* de cinquenta anos atrás... Por que não fui? Eu deveria ter ido!”

– “Merda de cacau, de vacas, de Fenagro, de dinheiro, de Disney, de indiferença... Nada disso vale nada! O que vale é o que se vive, o que se sente. É o sorriso, o abraço, uma palavra amiga, uma lembrança...”

– “E agora? Será que ainda terei oportunidade de encontrar tantos colegas juntos?! Ou só na Eternidade?”

– “Ó Deus! como me arrependo! Que pena! Agora é tarde. Uma profunda melancolia inunda minha alma. Por que EU NÃO ESTIVE LÁ...”

Galnicídio Doloso

Joelito de Oliveira Rezende (*Cabeleira*)

A Química Analítica é o segmento da Química que atua na separação, identificação e determinações quantitativas e/ou qualitativas dos componentes de uma amostra por meio do desenvolvimento de métodos e procedimentos para que estas determinações sejam possíveis. Essas técnicas e métodos são utilizados, por exemplo, na indústria, medicina e em diversos outros segmentos: meio ambiente, agricultura, geologia, engenharias e biologia.

Na Escola de Agronomia, eu morava no quarto 12 do alojamento “Trio Elétrico”, juntamente com meus conterrâneos Clélio Araújo (*Quarana*) e Raimundo Barros (*Tomate*). Ladeando o meu quarto estavam, no quarto 11, Bartolomeu Costa (*Cueca*), Joselito (*Califom*) e Paulo Amorim (*Cotovia*); no quarto 13, Eduardo Nascimento (*Evereste/Tanajura*), Humberto Campos (*Metralha*) e Alberto Campos (*Satanás*)... Cruz Credo!

Certo dia, ao procurar um local ao ar livre, sombreado e silencioso para estudar, deparei-me com uma frondosa jaqueira, próximo à casa do velho Tomé (que tinha seis dedos em cada mão – seu DNA para comprovar a paternidade dos filhos que gerava aos 90 anos de idade). Ali instalei-me, sentado em uma cadeira de lona (semelhante a outras habitualmente usadas por colegas da EAB: leve, fácil de transportar, sobre os braços da qual se colocava uma tábua de compensado para servir de mesa de trabalho). Preparava-me para uma das provas da disciplina Química Analítica, ministrada pelo saudoso professor Minos da Silva Azevedo.

Repentinamente, surge *Picorete*, sorrateira e silenciosamente (como se estivesse caçando), com um revólver Rossi calibre 22 em uma das mãos e uma porção de milho na outra, atraindo as galinhas de Tomé para um local ermo, distante da casa. Tais galinhas, inocentes e

famintas, seguiam-no em fila indiana por uma trilha, cacarejando alegremente a música de Branca de Neve e os Sete Pintinhos e bicando os grãos de milho intermitentemente lançados ao solo.

Distante da casa, onde os estampidos dos tiros não se poderiam ouvir, *Picorete*, à queima roupa, detonava-as (tiro certeiro na cabeça das pobres vítimas), empencava-as, lançava-as às costas e partia rumo a algum bar habitualmente frequentado por amantes da descontração – de preferência localizado no município de Sapeaçu – para, depois de assadas, saboreá-las ao vinagrete acompanhado de farofa e muita *furbuia*, em roda de samba e de piadas, juntamente com colegas mais chegados, dentre os quais estavam Lapa, Fefeu e Vadoca, amigos inseparáveis.

Pobre Tomé, se já não bastassem os usufrutuários da jumenta Mimosa...

Inovações Tecnológicas na Agricultura

Joelito de Oliveira Rezende (*Cabeleira*)

Tais “inovações” foram anunciadas durante uma aula prática no *campus* da Escola de Agronomia, ministrada pelo conceituado professor Geraldo Pereira Pinto (apropriadamente nominado *Geraldão*, pois era grande e forte como um touro, muito parecido com o lutador Brock Lesner, campeão peso-pesado do UFC).

Trajava habitualmente calça e camisa azuis de brim (camisa com botões diferentes – ele não tava nem aí pra vaidades). Conservador, rigoroso na conduta, levava muito a sério sua profissão¹.

Nas suas aulas, ironizava maneiramente a quem fizesse perguntas impróprias/descabidas. Quando isso ocorria, dizia com sorriso matreiro nos lábios – semelhante àquele da Mona Lisa, na famosa pintura de Leonardo Da Vinci:

– **Essa pergunta não merece resposta! ...**

Naquela aula prática, realizada atrás do prédio de Fitotecnia, caminhava *Geraldão* à frente da turma, zigueagueando, parando intermitentemente sempre que algo interessante lhe chamava atenção. Assim, diante de um pé de eucalipto ali existente (permanece lá), começou a explicar a importância da adubação na produção agrícola, e sobre o papel do calcário e do óxido de cálcio na correção da acidez do solo.

Atento às explicações do mestre, nosso inigualável orador Nicolau Schaun (*Brucutu*), empavonado, voz empostada, pede a palavra e solta a seguinte carga d’água:

¹Em 1954, coletou um acesso do gênero *Arachis* na localidade denominada Boca do Córrego, município de Belmonte, Bahia, o qual foi classificado como **Arachis pintoi Krapov. & W.C. Gregory**, espécie hoje conhecida internacionalmente, lançada como cv amarelo na Austrália e com outras denominações, em alguns países das Américas do Sul e Central. O nome científico do amendoim forrageiro (**Arachis pintoi**) é uma justa homenagem dos cientistas Krapov. & Gregory ao professor Geraldo **Pinto**.

– Dileto professor, então é por isso que, em praças públicas e/ou alamedas, caules de plantas são pintados de branco, com cal apagada (hidróxido de cálcio), para corrigir o pH do solo?!

Geraldão encarou Nicolau, esboçou seu irônico sorriso monalísico e murmurou: Aaarrreeeeee éééégguuuuuaaaa! Sem nada responder, bradou:

– Vamos andar!

E reiniciou a caminhada rumo ao desconhecido.

Sem olhar para *Brucutu, Nêgo Noilton* – quase que escondido no meio do grupo – iniciou seu ritualístico riso de gozação: Ih! ih! ih! E a turma correspondia solidária!

Adiante, o professor parou diante de um coqueiro e começou a falar sobre deficiência de ferro na planta sintomática, e como corrigi-la. Comentou que era crença habitual de alguns produtores rurais introduzirem um prego no caule das plantas para, ao enferrujar, liberar ferro e corrigir possíveis deficiências desse micronutriente. Ao ouvir isso, antecipa-se, enfatuado, Antônio Bernardo (*Matraca*), com a seguinte "perola":

– Meu caro professor, então é por isso que produtores rurais sergipanos costumam atirar nas árvores? Para adubá-las e corrigir possíveis deficiências nutricionais?!

Não me lembro quem gritou do meio da turma:

– É a primeira vez que ouço falar em *adubação chumbófila!*

(Explosão de risos e muita gozação – a turma não deixava por menos).

Mais uma vez, *Geraldão* encarou a turma, semicerrou os dentes, ajeitou as calças, esboçou seu contumaz sorriso e ironizou:

– Vocês estão de parabéns pelas inovações tecnológicas na agricultura aqui brilhantemente anunciadas... Fuuii! – bradou o mestre!

E escafedeu-se!

Lagosta à Baiana

Durvalino Vasconcelos Nunes (*Bongô*)¹

Aos colegas da Escola de Agronomia da Ufba, 1968

De uma turma de sessenta e quatro colegas (apenas uma mulher), só uns trinta colegas aventuraram-se na empreitada de ir ao Nordeste em ônibus fretado, do qual um dos motoristas era muito parecido com o nosso mestre Afonso Ramos, por isso foi apelidado de Afonsinho – chegou a ser apresentado como professor, brincadeira da qual não gostou.

No grupo, tinha de tudo: desde os mais cdf's, que iriam fatalmente se transformar em doutores, professores e pesquisadores, passando pelos médios, que só queriam receber uma formação para se embrenhar pela vida a fora e até os “Metralhas” que pintavam o sete. Estes eram geralmente os mais alegres, os mais amigos, e os mais relaxados.

Assim, partindo de Cruz das Almas, passaram por Juazeiro, Petrolina, Sertões nordestinos, até alcançarem Fortaleza. No primeiro dia, na capital cearense, todos foram à praia de Iracema, claro, por ser a mais famosa e a mais próxima. Depois os taxistas e os funcionários da pousada da Universidade Federal do Ceará (UFCE), onde se hospedaram, ensinaram-lhes pontos mais pitorescos, mais em moda. Na noite do segundo dia, por sugestão deles, um grupo foi conhecer a “Peixada do Expedito”. Nessa turma estavam cinco dos mais mais: eu, Winston Green, Dalmo Seixas, Gessé Bernardes, Wanderley e Noilton.

Ao descerem do taxi, depararam com um ônibus da Universidade Federal de Sergipe (UFSE) despejando um punhado de moças que se dirigiram também ao Expedito. Ficou melhor agora – logo se identificaram. Elas eram concludentes do curso de Nutrição.

¹Engenheiro Agrônomo, escritor, poeta, membro da Academia de Letras do município de Barreiras, Bahia, conhecido no meio literário como Durval Nunes.

– Nós concluímos Agronomia na UFBA e estamos também em excursão de formatura! – anunciamos.

Garçons solícitos acorreram de todos os lados.

– Vamos juntar as mesas! Ótimo! Seis, tá bom? Olhem nossa carta, por favor!

– Primeiro, uma rodada de Chopp, pra refrescar!

As meninas aceitaram. Depois de “quebrar o gelo” inicial, as conversas fluíram, passando de professores ranzinhas para busca de emprego, a crise do cacau, a descoberta de petróleo na Plataforma Continental.

– Os senhores devem escolher logo os pratos, pois a casa está cheia e vai demorar um pouco! – advertiu o garçom com gentileza.

Um grupo pediu *moqueca de camarão com coco*, outros optaram por *vermelho à escabeche, siri catado...* Noilton foi pela *lagosta à baiana*.

– Claro, nós somos baianos, meu velho!

E pediu também um bom vinho branco chileno para acompanhar.

O som da conversas estava a muitos decibéis, pois já haviam bebido inúmeros Choppes e umas quatro garrafas de vinho, quando a mesa foi servida. Iniciada a comilança, todos elogiavam a excelência do *chef Expedito*. Na segunda garfada da lagosta, Noilton fungou, soltou um assobio e gritou pro garçom:

– Um Chopp, por favor!

Todos olharam para ele quando Dalmo exclamou:

– Ué, não gostou do vinho chileno?!

E Winston completou:

– Ou a pimenta tá muito braba?

Sem ligar pra ninguém, mal chegou o Chopp *Nêgo Noilton* o tomou do garçom, virou de vez e pediu outro. Aí a turma soltou uma uníssonas gargalhada, inclusive as meninas.

– Tá ardendo, mas tá gostosa! – desconversou Noilton, enquanto se virava para pegar a tulipa.

Marrudo que era, não desistiu. Uff! Desnecessário dizer que àquela altura todos os olhares se dirigiram para ele. Agora foi a vez de pegar muitos guardanapos para se assoar e enxugar as lágrimas. Então achegou-se um garçom mais gaiato e se aventurou a oferecer mais um Chopp.

– **Traga logo dois!** – foi a resposta.

– **Eu nunca enjeitei pimenta!**

Uma boa meia hora se passou nesse episódio da pimenta baiana. Dalmo já estava pendurado no pescoço de uma conterrânea, pois ele também era sergipano, enquanto os colegas se arrumavam com as garotas para a noite que se seguiria. Depois do quarto Chopp, Noilton estava vermelho que só um pimentão, e suave por todos os poros. Alguns rapazes e, principalmente as meninas, ainda pediram pudim de *fruit de la passion* e *musse au chocolat*, para sobremesa.

Ao final, na hora do pagamento, dividida a despesa, o garçom trouxe o troco e, como acompanhara toda a cena, dirigiu-se a Noilton irreverente, mas com classe, perguntou:

– **E então meu jovem, gostou da nossa lagosta?**

– **Tava boa, mas fale com o *chef* Expedito para, quando preparar lagosta à baiana, não ter pena de pimenta!**

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! (Gargalhada geral).

Lagosta ao Molho Pardo

Dalmo Britto Seixas (*Cangaço*)

Transcorria o ano de 1967 e estávamos em excursão por Fortaleza, Ceará. Por coincidência, lá estava sendo realizada a tradicional “Festa da Rainha do Algodão do Nordeste”. José Cavalcanti Rodrigues (*Zé Porquinho*) estufou o peito e anunciou aos amigos que sua prima concorria ao título como “Rainha do Algodão de Pernambuco”, e tinha chance de ganhar porque era bonita demais. Eu não acreditei e fui logo dizendo:

– **Se ela puxou a sua formosura, deve ser uma “bruaca da peste”.**

Manifestei interesse em conhecê-la. Qual não foi minha surpresa, quando me defrontei diante de uma linda garota – um verdadeiro monumento!

Zé Porquinho agendou com a prima um jantar e pediu que ela levasse as rainhas do algodão de outros Estados. Convidou a mim e ao Sebastião José das Neves (*Bastica/Tabaréu*) para acompanhá-lo. E lá fomos nós!

Em um restaurante cinco estrelas, sentamo-nos à mesa ao lado dele. Com as mulheres bonitas chegando, *Zé Porquinho* ia mudando de perfil: tornou-se dono do espaço, engrossou a voz e começou a falar difícil – o que lhe era peculiar quando se juntava às mulheres. Exigiu do garçom tratamento especial. Olhou para mim e questionou o que beber. Respondi que o momento especial merecia vinho, o que foi solicitado e as taças colocadas na mesa.

Foi trazida também a carta de vinhos com enorme variedades, o que deixou o amigo meio atordoado. Como não era nada especializado no assunto, escolheu um ao acaso, sem consultar os demais colegas. Ao contínuo, o garçom trouxe o vinho solicitado e uma taça pequena para a prova, colocando-a ao lado do amigo – e ali ficou inerte, com uma toalha

no braço conforme manda a etiqueta, aguardando a degustação. Nada do Zé tomar iniciativa, o que me levou a lhe dar umas cutucadas. Aí as meninas começaram a rir, assim como *Tabaréu* e eu, o que fez o Zé perder a diplomacia e falar em tom exaltado para o garçom:

– Pode servir essa porra!

Momento de tensão, seguido de descontração com as gargalhadas.

Servido o vinho, a prosa continuou animada. Chegado o momento da escolha do que comer, todos avaliaram o cardápio e, sem dificuldade, pediram o prato preferido. Porém, o Zé ficou navegando a querer algo que sobressaísse. Foi quando viu a oferta de lagosta e, certamente, acostumado a comer “galinha ao molho pardo” em Afrânio, sua terra natal, leu errado o que estava escrito no cardápio e pediu em voz alta:

– Pra mim, traga “lagosta ao molho pardo” – assim mesmo, “ao molho pardo”, em vez de ao molho tártaro...

Aí eu não segurei a língua e falei ao *Zé Porquinho* que lagosta não era sangrada para colher o sangue e com ele fazer molho pardo. Foi risada geral; O Zé enfureceu, semicerrou os dentes e rosnou no meu pé de ouvido:

– Eu vou te mataaarr!...

Felizmente os ânimos acalmaram e passamos felizes a noite a curtir a formosura das “Rainhas do Algodão do Nordeste”.

Micos Leões Dourados

Luiz Francisco da S. Souza (Cangalha)
Joelito de Oliveira Rezende (Cabeleira)

Cerca de 4700 km separam a cidade de Cruz das Almas, Bahia, Brasil, de Buenos Aires, Argentina, via BR 116. Um bom pedaço de chão! Uma rota encantadora, com paisagens diversificadas e lindas cidades plantadas no caminho! Esse era o prêmio que a Escola Agrônômica da Bahia (EAB) reservava para os formandos pouco antes da colação de grau, pois, para nossa completa formação acadêmica, tornava-se necessário conhecermos os contrastes paisagísticos (solo, vegetação e clima) inclusive das Regiões Sul e Sudeste do Brasil. Nessa excursão, dava-se uma esticada até Montevideo/Uruguai e Buenos Aires/Argentina.

Viajamos no novíssimo ônibus da Escola, padrão internacional. Revezavam-se ao volante *Chico Banha* e *Bom-na-Ré*, conduzindo-nos cuidadosamente a 80 km/h. Havia muita euforia naquele ônibus, afinal de contas eram 44 jovens turistas, internacionais pela primeira vez.

Para as despesas de viagem, completávamos o dinheiro liberado pela Secretaria da Agricultura com recursos resultantes de bingos, bailes com os Grãos de Pólen, taxas mensais obrigatórias e colaborações de prefeitos municipais que, sentados à beira do caminho, apiedavam-se diante do nosso lamurioso chororô...

Na ida, pernoitamos, inclusive, em Lages, município de Santa Catarina, 2800 km distante de Cruz das Almas. Sua altitude é 916 m acima do nível do mar e o clima é Temperado. Naquele dia, fazia um frio do cacete!

À noite, fomos dar um rolé pela cidade, para conhecermos os prazeres noturnos... Dentre outras atrações, havia o cabaré de *Soraya* y *sus muchachas*. Soraya era uma linda morena, com fenótipo de índia mexicana; *sus muchachas* exibiam-se de saia curtíssima e com uma liga

elástica prendendo fichas coloridas em uma das coxas – cada cor de ficha correspondia ao tempo de duração de uma dança e o preço pago por ela...

Em uma das mesas, com oito lugares, sentamos, eu (*Cabeleira*), Dalmo Britto (*Cangaço*), Waldemir Humberto (*Vai na Onda*), Clélio Araújo (*Quarana*) e mais quatro *muchachas* para nos fazer companhia. Logo apareceu o leão de chácara disfarçado de *maitre*, e perguntou:

– **Algo para beber?**

– ***Muchachas, o que desejam beber?*** - perguntamos às chicas.

– ¡**Martini Bianco, con mucho gusto!**

Nosso limite diário de gasto eram NCr\$ 12,00 (doze cruzeiros novos), moeda brasileira então vigente, recebidos no início de cada manhã, do tesoureiro da “embaixada”. No cabaré de Soraya, uma dose de Martini Bianco custava NCr\$ 3,50 (três cruzeiros novos e cinquenta centavos)...

Após longo período de galhofa, dança e bebida, estávamos ficando embriagados, enquanto as *muchachas* – sóbrias, amorosas e sorridentes – faziam-nos cafuné... Desconfiado da resistência das dançarinas, *Vai na Onda* provou a bebida delas e descobriu que aquilo era água ... Pagávamos uma “dose” de água para elas como se fosse Martini Bianco – e o consumo delas era vertiginoso, bebiam três doses para cada uma nossa...

– **Estamos fodidos! Vamos dar o fora daqui!** – disse *Vai na Onda*.

E o pior é que havíamos acertado com as *muchachas* para levá-las para o hotel assim que fechasse o cabaré. No fim do expediente, pagamos a conta e ficamos esperando as meninas, com dois táxis parados na frente do estabelecimento. Assim que saímos, o leão de chácara fechou a grande e pesada porta de entrada, na qual havia uma portinhola no centro, à altura dos olhos. Passados cerca de trinta minutos, batemos impacientemente naquela portinhola. O leão de chácara abriu-a, mostrou o rosto e dialogou:

– **Que desejam?**

– **Estamos aguardando as *muchachas* de Soraya.**

– **Que *muchachas*? Essa é uma casa de família!** E fechou a portinhola.

Jurando segredo - para que ninguém soubesse do **mico** -, fomos dormir pobres e passamos a nos alimentar com pão e água, até a recomposição das finanças...

Ainda em Lages, José Carlos da Rocha (*Bueiro*), bom companheiro, não foi ao Cabaré de Soraya – pensávamos que tinha adormecido sono profundo, no hotel. Qual nada! Enlaçou uma loira de olhos azuis – dama da noite – e com ela fez estágio em um bar, como provadores de bebidas destiladas. Dali, trocando alho por bugalho, partiram para o ninho da mariposa, que ficava ali perto. Passaram o resto da noite comunicando-se por meio de *aaaiiiss* e *uuuiiiss*! – tamanho era o esfregaço que os suspiros se ouviam nos apartamentos vizinhos. Ao acordar pela manhã, ainda de ressaca, depois de remover a remela dos *zóios* com os dedos, *Bueiro* avistou uma foto sobre a penteadeira posta em frente à cama, e exclamou:

– **Puxa vida, loira, como você é linda!**

– **Gatinho manhoso, aquela é minha neta quando tinha 45 anos de idade...**

Bueiro, fogoso, “queria mais”, porém, diante do estímulo da loira, *bilau* adormeceu...

Na manhã seguinte, bem cedo, partimos para Montevideú, adiante cerca de 1190 km. No Arroio Chuí, fronteira Brasil-Uruguaí, paramos para almoçar. Fazia um frio de fazer congelar esquimó! No cardápio, uma lista de nomes escritos em dois idiomas estranhos – ninguém se habilitava a pedir a refeição, com medo de passar vexame. Chega, então, Durval *Bongô* trajando roupa grife de peão de boiadeiro: bota de salto médio (seis centímetros de espessura), calça e camisa jeans coladas/justas, cinto largo de couro e fivelão prateado. Com gestos estudados, cumprimenta ligeiramente os colegas e senta-se empavonado. Após analisar cuidadosamente a carta que estava sobre a mesa, chama o garçom e, sem nada falar, aponta a refeição escolhida.

Ingeriu uma coluna de sorvete de trinta cm de altura ornada com uma cereja no topo. Ficou roxo, *roxim* de frio – tremeu, mas não tossiu!...

Ficamos três dias em Montevideu. Separados em grupos, fizemos turismo nessa maravilhosa cidade. Tudo era belo, tudo era novidade! Em um desses grupos, ligados por estreitos laços de afinidade, estavam os mais comportados da turma: eu (*Cangalha/Alicate*), Paulo Amorim (*Cotovia*), Edson Chiacchio (*Caçolinha*), Etelio Prado (*Pato Donald*), Geraldo Melo (*Tripé*) e Flávio Tavares (*Patinho/Montemorilonita*). Fomos ao Cais do Porto comprar novidades à época, contrabandeadas (radinhos portáteis, relógios, perfumes franceses, whisky, calças jeans grife *Lee* – vistas apenas em filmes de faroeste - etc.). Eram lembranças escolhidas a dedo, para nossos amados familiares. Diante de um grande navio ali ancorado, encontramos um uruguaio baixinho – que “desceu do céu” –, propagandeado quinquilharias. Perguntamos-lhe se tinha e/ou conseguiria outras mercadorias, além daquelas. Respondeu:

– ¡Miren muchachos! ¡Muchachitos hermosos! ¡Hermanos brasileños de mi corazón! ¡De la tierra del genial Pelé e del cantante Roberto Carlos! ¡E de las chicas desnudas en la pasarela del samba y en la playa de Copacabana, en el Rio de Janeiro! ¡Me digan, me digan luego lo que quieren, pues estoy acá para ayudarles, para serviles con mucho gusto!

O malandro era convincente, muito bom de papo! Rapidamente, fizemos uma lista de compras e a passamos para *el amiguito*, que a recolheu junto com uma fabulosa soma de pesos uruguaios (proibitiva para os padrões de estudantes *lenhados*, vivendo de regradas diárias) dizendo-nos que ia pegar as mercadorias no navio – no qual, segundo ele, o acesso de estranhos era proibido. Desconfiados, relutamos por alguns instantes antes de entregar-lhe o dinheiro, porém a vontade de fazer figura junto aos nossos entes queridos era imperiosa. *Tripé* queria para si camisinhas importadas, porém só tinha de tamanho pequeno...

O tempo passava e *el amiguito de corazón* não aparecia. E jamais apareceu! Escafedeu-se pelas vielas do Cais. Em grupo, dirigimo-nos a um policial que estava plantado na parte interna da grade divisória

entre o Cais e o navio. Ao ser informado do ocorrido, respondeu-nos clinicamente que por ali não havia passado ninguém (certamente estava de conluio com o baixinho). Para não chegarmos de mãos vazias em casa, substituímos o perfume francês por alfazema, o whisky importado por maracugina, as calças *Lee* por coloridas bermudas de algodão e o *radim* portátil por cantigas no banheiro...

Embora houvesse um pacto de honra para que esse **mico** não fosse anunciado – inclusive os **micos** pagos no cabaré de Soraya e na aventura amorosa de *Bueiro* com a mariposa de olhos azuis –, tudo veio à baila. No dia seguinte, quando da partida para Buenos Aires, houve enorme estardalhaço dentro do ônibus. Daí pra frente, durante o resto da viagem até a colação de grau, foi impiedosa a perseguição aos responsáveis pelos **Micos Leões Dourados**.

Na Bodega de Pedro Vaqueiro

Dalmo Britto Seixas (*Cangaço*)

1964: ano do pré-vestibular. Éramos ainda jovens *Fetos* (vestibulandos) espalhados pela cidade de Cruz das Almas (em repúblicas, pensões, residências particulares e, inclusive, no Hotel Solar Estrela (localizado nas imediações da Igreja Matriz), querendo ingressar na tradicional Escola Agrônômica da Bahia (EAB). Havia até curso preparatório ministrado por professores da EAB nas dependências do Colégio Alberto Torres (CEAT). Muito estudo! Muitas noites insones! Para apaziguar os espíritos, desanuviando-os do vendaval de conhecimentos científicos preparatórios para o vestibular, acorríamos sempre à bodega de Pedro Vaqueiro, um negro alto e esguio, tipo fibra seca (apenas massa magra no corpo musculoso), servidor antigo da Escola.

Patriarca de uma linda família – composta inclusive por belas filhas morenas –, Pedro Vaqueiro não descuidava do seu *rebanho*... Semelhantemente à maioria dos humildes rurícolas, era conservador nos costumes, respeitador no trato com o semelhante e afável, desde que não subestimasse sua humildade...

Incorporava verdadeiramente o típico vaqueiro nordestino, trajando-se a caráter: calça cáqui, camisa de manga curta por dentro da calça, gibão e chapéu de couro, coturnos amarelos com esporas prateadas devidamente ajustadas, cinto largo de couro cru e um baita facão pendurado na cintura. Exímio cavaleiro!

Morava em uma casa modesta instalada nas dependências do *campus*, em frente ao estábulo, três km distantes do prédio da administração da Escola, bem na curva da estrada de acesso para o inesquecível alojamento Candéal (habitação inclusive de *fetos*) e para a acolhedora comunidade da Sapucaia. Ali era o seu mirante, direcionado para o plantel bovino da Escola do qual era vigilante guardião.

Certa noite, eu (*Cangaço*), Newton Bueno (*Parafuso*) e *Manelão*, fomos tomar uns goles e contar lorotas na bodega de Pedro Vaqueiro – uma “puxadinha” construída ao lado da casa. Lá pelas tantas, *Parafuso*, já de “fogo” e fazendo caretas, começou a discursar utilizando recorrentemente o substantivo “porra!” Pedro Vaqueiro, sentindo-se incomodado, aproximou-se, depositou mansamente o facão embainhado sobre o rústico balcão do bar, e pediu para que se evitassem palavras obscenas, porque ali era uma casa de respeito. *Manelão* comprou a causa dizendo-lhe que ficasse tranquilo, pois tal fato não se repetiria.

Lá pras tantas, *Parafuso*, descontrolado, voltou a pronunciar a palavra indevida. Aí, *Manelão*, também “chumbado”, não se conteve. Levantou-se da cadeira e esbravejou:

– *Parafuso porra! Não fale mais porra aqui, caralho!*

Pedro Vaqueiro, enfurecido, botou todos pra correr dizendo que não queria matar ninguém, porém sua mulher e filhos não mereciam ouvir aqueles palavrões...

Passou-se um bom tempo para o bodegueiro recuperar a confiança e readmitir aqueles vestibulandos em seu bar.

O Espirro de Goiabão

Joelito de Oliveira Rezende (*Cabeleira*)

Ingressamos na Escola Agrônômica da Bahia (EAB) em 1965, portanto, um ano depois do golpe militar que destronou João Belchior Marques Goulart da presidência da República e entronou o General Humberto de Alencar Castelo Branco – 26º presidente e 1º dos governos militares que se sucederam de 1964 a 1985. Havia muita tensão no *campus*, pois vários colegas militantes políticos haviam sido presos no ano anterior.

A EAB era vinculada à Secretaria da Agricultura do Estado da Bahia – sua federalização ocorreu em 1967. Poucas mulheres integravam o corpo discente, pois Agronomia era vista como uma “profissão para homens”. Nossa turma agrupava 64 alunos, dentre os quais apenas uma musa – Regina Celi Rebouças Machado (*Patativa*).

No *campus*, havia uma hierarquia entre os discentes: os recém-ingressos eram *Calouros*; os do segundo ano, *Calouros Enfeitados*; os do terceiro ano, *Estudantes*; e os do quarto ano, *Doutores*. Tal classificação era baseada no número de apostilas que nos distanciava – cousas do Saber! O que fazer?!

Do início das aulas até o dia 13 de Maio (data da assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel – libertadora dos escravos –, em 1888), calouros “padeciam” diante de veteranos – era o período do trote, precedido pelos cortes bizarros e obrigatório de cabelo, tais como coroa de frade e/ou de padre (pra quem não era careca), frutos (abacaxi, por exemplo), lua, estrela e outras obras de arte. Seguiam-se, a qualquer tempo, hora e lugar, as mais variadas invencionices: banho invertido (inclusive na madrugada), mergulhos em poças de lama, passeios com calangos atrelados a barbantes, faxina de quartos e de sapatos de veteranos etc. Tinha até concurso de Miss. Lembro-me bem de um deles, no qual o calouro *Ferrugem*, sergipano, desfilou nu diante de torcidas desvairadas. Se não os pintou, tinha os pelos ruivos,

fosforescentes no escuro da sala de esportes do alojamento denominado Hospício. Ao ser eleito (ganhou de vários concorrentes), desfilou mais uma vez, orgulhoso, usando sapatos de salto alto (não se apurava de pé) e a faixa de *Miss Quenga*...

Nos dias de aulas, sentados nos degraus da frente dos prédios, esperávamos os professores da vez. Nesses momentos, distinguíamos ao longe a camionete do colega Tasso Nascimento Leite (*Goiabão*), que chegava fazendo arruaça, chamando atenção: não parava o carro sem antes dar um “cavalo de pau!”. Comparado com a maioria dos colegas de turma, inclusive eu, era um gigante: gordo (cerca de 120 kg de peso), 2,0 m de cintura ligeiramente adiposa e proeminente (talvez tenha sido esse o motivo do apelido), 1,80 m de altura, sapatos nº 46 bico largo. Era alegre, brincalhão, inofensivo e muito querido pelos colegas. Era, também, alvo de constantes gozações – dava lugar para isso. Exemplos:

1) Na viagem de estudos pelo Nordeste do Brasil, próximo da divisa Bahia-Sergipe, dentro do ônibus, de pé próximo à porta, gritou eufórico ao ver um carro com placa **CE-2456**:

– Turma! Turma! Acabo de ver um carro de Sergipe! ...

2) Durante um banho no Rio São Francisco, salvo engano na cidade de Petrolina, Pernambuco, passei a entender, com clarividência, o Princípio de Arquimedes (Lei do Empuxo), segundo o qual “Todo corpo mergulhado num fluido recebe um impulso de baixo para cima igual ao peso do volume do fluido deslocado; por esse motivo, os corpos mais densos que a água, afundam, enquanto os menos densos flutuam”.

Pulávamos de um trampolim improvisado, sobre o qual estavam eu (*Cabeleira*), Tasso (*Goiabão*), Adnejar (*Pé de Pato*), José Cavalcanti (*Zé Porquinho*), Newton Bueno (*Parafuso*), Clidenor (*Banana Curta*) e Roberto Adami (*Gelosa*). *Goiabão* pulava de cabeça, caía de barriga e afundava, fazendo soar um fabuloso *splash* e elevando um tsunâmico volume de água cujo impacto fazia tremer a prancha... Desci dela, com medo de cair!

3) Para mim, o feito mais hilário de *Goiabão* ocorreu no laboratório de Entomologia, cuidadosamente montado e administrado

pelo mestre Jonas Machado da Costa. Localizava-se no canto esquerdo do enorme corredor do andar térreo do prédio de Fitotecnia. Era relativamente bem equipado, inclusive com coleções de insetos e mesas de trabalho sobre as quais distribuía-se vários microscópios. Frontal à porta de entrada desse laboratório, havia um enorme saueiro artificial mostrando a intrincada malha de caminhos (feitos de mangueiras transparentes) e as painelas subterrâneas (feitas de cerâmica), em uma das quais deleitava-se folgadoamente a formiga-rainha....

Naquele dia, nossa tarefa escolar – valendo uma nota mensal – era dissecar o aparelho bucal de uma formiga, arrumar e fixar as peças em uma pequena lâmina de vidro. A inexperiência tornava o trabalho árduo, penoso e lento, muito lento. Ao lado das mesas, as equipes de “cientistas” operavam o pobre inseto. *Goiabão*, agitado e nervoso, não conseguia firmar o bisturi e a pinça entre os grossos dedos das mãos – o que dificultava a delicada cirurgia (pelo tamanho das mãos, se fosse médico coloproctologista eu jamais faria exame de próstata com ele. Cruz Credol!). Iniciara seu trabalhos às sete horas da manhã. Às 16 h, sem parar para almoçar, quando havia conseguido arrumar passo a passo as minúsculas peças do inseto na lâmina de vidro assente sob a lente do microscópio, deu um fabuloso e prolongado espirro em cima do instrumento – consequência do forte cheiro de inseticida que emanava no recinto:

-AAAAAAAAAATCHIIIIIIIMMMM!

Putaquepariu! Peças do inseto voaram pelos ares, algumas das quais grudaram-se na laje/teto do laboratório e as demais esparramaram-se pelo chão. O que se viu em seguida foi *Goiabão* chorumelando e gatinhando debaixo das mesas com o microscópio diante dos olhos, à cata do que perdera. Alguém gritou, não me recordo quem:

–*Goiabão*, você não é Sherlock Holmes, nem essa porra que você tem diante dos olhos é uma lupa!

Os trabalhos ficaram interrompidos por cerca de meia hora, pois os demais “cientistas” não paravam de rir..

O Mestre Afonso Ramos e Zé Cavalcanti

Luiz Francisco da Silva Souza (*Cangalha*)

Estávamos no quarto ano de Agronomia. As aulas de Economia Rural, ministradas pelo Prof. Jayme Ramos Queiroz, aconteciam no prédio da Zootecnia, onde também assistíamos às aulas de Zoologia (2ª Parte)/Anatomia e Fisiologia Animal, do professor Afonso da Silva Ramos, no segundo ano do Curso.

O professor Jayme residia em Salvador e normalmente se deslocava bem cedo para Cruz das Almas, nas manhãs dos dias das suas aulas. Quase sempre, ficávamos em animado bate-papo, na frente e no rol de entrada do prédio, aguardando a sua chegada. Num desses dias estávamos ali, como de costume, e vimos ao longe o professor Afonso Ramos vindo em direção ao prédio. Quando ele se aproximou da porta principal, para adentrar o prédio, fez-se um compreensível silêncio por parte de turma. Silêncio determinado por um misto de respeito e receio, em razão do temperamento forte do saudoso mestre.

Passando no meio da turma, com passos ligeiros e sem olhar para os lados, fez um cumprimento geral:

– **Bom dia, estudantes!**

Imediatamente e de forma coloquial o nosso querido Zé Cavalcanti respondeu:

– **Oi, doutor!**

O Mestre Afonso estancou. Deu ré, sem se virar, e exclamou:

– **Estudante, quando eu disser bom dia, responda bom dia! Se eu falar oi, responda oi!**

E imediatamente retomou a sua caminhada em frente, rumo à escada que dava acesso ao pavimento superior do prédio.

Desnecessário dizer que, após o mestre ter subido às escadas e desaparecido das nossas vistas, seguiu-se sonora seção de risadas e gozações direcionadas ao prezado Zé Cavalcanti.

Operação Lava Jega

Joelito de Oliveira Rezende (*Cabeleira*)

Trata-se de **obra de ficção**, mas a jumenta Mimosa é verdadeira!

Bem em frente ao alojamento denominado Trio Elétrico, onde eu compartilhava o quarto nº 12 com Clélio da Silva Araújo (*Quarana*) e Raimundo Santos Barros (*Tomate*), morava a humilde família patriarcal do “velho” Tomé, o qual tinha cerca de 90 anos de idade e exibia os seis dedos de cada mão como prova irrefutável de que era o pai biológico dos filhos sequenciados que não paravam de nascer. Era o seu DNA à época.

Funcionário da Escola, de longas datas, ajudou, inclusive, na transferência dos bens patrimoniais dela, em 1931, quando de sua despedida da então Hospedaria de Imigrantes (instalada em Monte Serrat, em frente ao Forte, próximo do Farol de Humaitá) para o planalto cruzalmeno. Longevo, faleceu com 105 anos de idade!

No *campus* da Escola, sua casa era modesta, porém ocupava uma gleba na qual cultivava um pomar, tinha horta caseira, chiqueiro de porcos, frangos e galinhas que campeavam livres, além da jumenta Mimosa, que lhe servia de montaria e meio de transporte para atividades diversas.

Mimosa era tratada a pão de ló em área de pastagem próxima da casa do dono. Personagem recorrente nas *rodas de galhofa* dos estudantes da Escola, a jumenta despertava fantasias em suas mentes libidinosas, pois morávamos praticamente em um internato masculino... Um exemplo:

No alojamento *Trio Elétrico*, todas as suítes eram semelhantes entre si, em construção e decoração: box para banho, sanitário, pia, três armários de alvenaria, um beliche, uma cama de solteiro e uma mesinha para estudo. Entretanto, o de nº 14, habitado pelos inseparáveis colegas José Carlos Assis (*Pacarito*), José Vanderlei Ramos (*Carrapato*) e

Arnaldo Antunes de Almeida (*Tio Lamp*) diferenciava-se dos demais em um detalhe: o piso de tacos de peroba rosa era constantemente encerado – brilhava de tal maneira que refletia a luz solar inclusive à noite, irradiada do outro lado do mundo (na época dos trotes, quem cuidava desse serviço eram os calouros).

Certo dia de sábado, eu, *Quarana* e *Joselito Califom* (este, de outra turma) – em raro momento de descuido dos três hóspedes limpos de corpo, alma e residência –, colocamos a jumenta *Mimosa* dentro do quarto deles e fechamos a porta. Assim que regressaram do refeitório e abriram a porta, levaram um grande susto quando *Mimosa* pulou fora do quarto e fugiu sem despedir-se nem agradecer pelo abrigo acolhedor. Além disso, encontraram o piso do quarto todo riscado pelos cascos da quadrúpede e uns bolinhos de pasta de capim, cor de chocolate, esparramados pelo chão. E já não havia calouros para cuidar da limpeza!

Espreitávamos. Assim que a jumenta escapou, chegamos sorrateiramente até os três e gritamos a plenos pulmões, para que os demais vizinhos ouvissem:

– **Aí, hem! Almas impuras! ...**

No ano passado, 2017, quando iniciávamos as trocas de mensagens referentes às comemorações do 50 anos de formados, a **Operação Lava Jega** chegou surfando na crista da onda da **Operação Lava Jato**. E tudo começou assim:

Estimados e Inesquecíveis colegas:

Eis-me aqui, de volta, para mais um giro de recordações de nossas vidas bem vividas na Escola Agrônoma da Bahia (EAB). Dessa vez, confesso, estou apreensivo/preocupado, pois muito chumbo grosso se avizinha para tirar a paz de todos nós, Agrônomos de 1968. Preparem-se! Prevejo mais um escândalo em nossa sofrida Pátria!

*Lembram-se do velho Tomé, residente em uma casa situada próximo ao alojamento denominado “Trio Elétrico”, e que tinha uma jumenta que lhe servia de montaria? Essa jumenta (salvo engano, chamada *Mimosa*), atualmente velha e cansada, protocolou, na Vara de*

Família, um pedido de pensão alimentícia para os dez filhos, alegando que está com dificuldades para criá-los. Consta no Processo que ela – a jumenta – supõe que o pai (ou os pais) de seus filhos é (ou são) ex-aluno/alunos da Escola de Agronomia. Ainda, de acordo com os autos do Processo, a jumenta solicitou exame de DNA em todos os integrantes de nossa turma.

Minha preocupação procede, pois certa feita flagrei Tomate – meu amigo-irmão e companheiro de quarto, habitual parceiro de cama da negra Tição, amiga íntima de Afrodite e Minerva (nomes fantasias de outras aves noturnas que revoavam nos alojamentos da Escola) –, com olhares fagueiros, lânguidos e libidinosos voltados para Mimosa. Não sei, porém, se foi adiante. Acredito que não, pois sempre primou pela ética e, conseqüentemente, pelo respeito à mulher do próximo...

Cerca de seis meses depois...

Meu estimado e inesquecível amigo Cangaço, peça-lhe, por obséquio, que reúna meus demais colegas conterrâneos para tratar, urgentemente, do pedido de pensão alimentícia da jumenta Mimosa. Por meio de vazamento de informações, acabo de saber que o perito designado pelo meritíssimo Juiz da Vara de Família iniciará as investigações criminais aí em Aracaju. Da nossa turma, o único excluído previamente do Processo é Pé-Cheiroso, pois, por delação premiada, sabe-se que a jumenta é alérgica a perfumes, exceto aos das flores do campo...

Conclusões periciais...

Após vários recursos protelatórios interpostos pelos possíveis usufrutuários da jumenta Mimosa, eis as conclusões a que chegaram os peritos indicados pelo meritíssimo Juiz para avaliarem a prole da jumenta com fulcro nas suas características fenotípicas e na lista de codinomes dos suspeitos pais:

Jumentinhos 1 e 2 – Gêmeos, pelagens claras, lisas, zurraram/ornejam com forte sotaque sergipano e são providos de

surpreendente deformação hereditária: os corpos têm duas pernas na parte anterior e três na parte posterior. Paternidade: *Tripé* (confirmou-se uma das suspeitas).

Jumentinho 3 – Pelagem clara, lisa, com a parte dianteira do corpo estreita e a anca bojuda, arredondada, volumosa. Paternidade: *Tanjura* – não tirava seus olhos da jumenta.

Jumentinhos 4 e 5 – Pelagens claras, lisas, longilíneas, passadas curtas e corpos desproporcionais: 2/3 de tronco e 1/3 de quase pernas. Paternidade: *Banana Curta* (quem diria, dois rebentos!?).

Jumentinho 6 – Porte médio, pelagem parda, pelos lisos e fartos na cara, de tal modo que, olhando-o de frente, só se vê os dentes: Paternidade: *Boca de Cabelo*.

Jumentinho 7 – Pelagem parda, corpo pequeno tipo pônei, troncado, roliço, patas pequenas típicas dos caprinos e/ou ovinos. Paternidade: *Carrapato* (mais uma suspeita confirmada).

Jumentinhas 8, 9 e 10 – Gêmeas univitelinas, vaidosas, pelagem clara e lisa, apresentando pigmentos pardo-alaranjados (cor de fogo) na cara, pernas e barriga – foram premiadas no concurso *Miss Quenguinha* em eventos agropecuários. Paternidade: *Ferrugem* (sergipano, não era de nossa turma, porém andava rastreando pras bandas da casa do velho Tomé).

(In)felizmente, tal Processo está longe de ser definitivamente concluído. Sabemos que, mediante recorrentes e infundáveis recursos advocatícios alegando “falta de provas substanciais”, ainda “tramitará em julgado” lenta e convenientemente nos corredores de Tribunais Regionais (2ª Instância), Superior Tribunal de Justiça (STJ), 3ª Instância) e na **Suprema Corte!** ou seja, no Supremo Tribunal Federal (STF, 4ª e última Instância).

Através das brechas convenientemente camufladas na “Constituição Cidadã”, esgueirar-se-á por meio de “*habeas corpus*”, “liminares”, “pedidos de vista” e “decisões monocráticas” em todas as Instâncias, além de julgamentos de “alegações finais” e “embargos declaratórios com efeitos infringentes”. Possivelmente, passado um

século, será definitivamente arquivado por “prescrição de prazo” e/ou “idade avançada dos réus”, quando, então descansará em paz no jazigo perpétuo da impunidade!

Pobre Mimosa pobre! Embora digna e benemérita trabalhadora, não tem dinheiro nem prestígio de qualquer natureza, por isso perderá a causa na *Justiça dos Homens*! Cruel! Como prêmio de consolação, certamente ela e sua prole morrerão resignadas, pois sabem que da *Justiça Divina* ninguém escapará. Nesta não há distinção de raça, cor, credo, nem de posição social...

O Plantador de Tamareiras

Durvalino Vasconcelos Nunes (*Bongô*)¹

Conta uma fábula oriental que um jovem observava um ancião enquanto este plantava mudas de tamareira. Depois de um tempo, o jovem inquiria o velho:

– Por que o senhor planta estas palmeiras se sabe que não vai viver para colher suas tâmaras?

O ancião, muito calmo, parou o que estava fazendo, olhou para o jovem e retrucou:

– Meu filho, você sabe quem plantou as árvores que deram as tâmaras que você come?

– É vovô, nunca pensei nisso...

– Pois é, meu filho. Eu também nunca pensei quem vai comer os frutos destas tamareiras que estou plantando; eu não as planto para mim.

Ainda no pré-vestibular dos bolsistas da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), chegavam candidatos dos mais diversos cantões e fomos nos enturmado timidamente. Como gostava de música, fui-me identificando com aqueles que tinham gosto similar. Conheci Osvaldo, já acadêmico, paraibano de Patos, que tocava um sax divino; Gessé, do acordeom; Sena Gomes e Luiz Simões, bons violonistas, além de Winston Green, que cantava os sucessos de Nat King Cole em espanhol.

Já calouros, saíamos em noites de luar, para fazer serenatas, eu tocando o bongô o mais suave possível. Com o tempo, ficamos sabendo quem gostava e quem não.

Nesse último time estava o professor Alfredo Passos, que tinha uma linda filha em casa, e ficava furioso quando fazíamos seresta em

¹Engenheiro Agrônomo, escritor, poeta, membro da Academia de Letras do município de Barreiras, Bahia, conhecido no meio literário como Durval Nunes.

sua porta.

Havia um casal – professora Mariinha e Manelito “Coletor”, pais de Márcio e Marília –, de quem ficamos amigos. A professora era irmã de Giocondo Dias, político famoso do Partido Comunista Brasileiro, que pontuava nos noticiários da época. Família encantadora, todos eles gostavam de nossas serestas. Abriam as janelas, conversavam com a gente e ainda ofereciam queijos e vinho. Nós adorávamos.

Na outra ponta, eu me encantava com as plantinhas do viveiro da Escola. Ali era meu espaço de lazer. Fiz amizade com o jardineiro e passei a conhecer e a cultivar espécies nunca vistas na minha incipiente experiência botânica, tais como: Palmeira Imperial, Flamboyant, Graviola, Jambo e Acerola, dentre outras. Daí que passei a fazer muitas mudas naquele viveiro. Lembro de ter levado umas duas mudinhas de Graviola para o casal Mariinha/Manelito.

– Oh! Que lindas! Vamos plantá-las em nosso sítio! Muito obrigada meu filho! – disse a mestra.

Os anos correram e as serestas continuaram. Quando nos preparávamos para a colação de grau, lembrei-me de levar um convite ao casal.

– Entre, meu filho! Mas que maravilha! Já vai se formar?! Como o tempo passou rápido! Sente-se, vou lhe trazer um sorvete!

– Mas professora! Que sorvete mais delicioso!

– É de Graviola, Durval. É daquelas mudinhas que você me deu!

Há muito, aquelas mudinhas já tinham saído da memória. Emocionei-me ao lembrar o axioma oriental: “Quem planta tamareiras...”

O Professor Moysés Waxman e o “Assistente”

Luiz Francisco da Silva Souza (*Cangalha*)

Já passava do meio dia, quando saímos de uma aula num dia de sábado. Não tínhamos mais transporte para a cidade (o velho ônibus já havia saído). Restava-nos apenas a alternativa do deslocamento a pé, sob o sol bastante quente.

Passávamos em frente do prédio principal, quando o nosso querido Zé Cavalcanti (*Zé Porquinho*) percebeu que o professor Moysés Waxman estava no saguão e, estacionada fora, a sua conhecida caminhonete. Discretamente, o nosso querido Zé Cavalcanti se afastou do grupo de colegas e consultou ao Professor se ele estava indo à cidade.

Ante a resposta positiva, ficou à sua espera enquanto o grupo seguiu em frente sem perceber a sua manobra. Íamos andando pela velha estrada de terra, à altura dos eucaliptos, quando surgiu a camionete do Dr. Moysés com o Zé Cavalcanti a bordo, sentado de forma imponente no banco do carona. Ao passar pelos pobres pedestres fez um aceno de gozação e deu tchau ao grupo. Em coro começamos todos a gritar:

– **Assistente! Assistente!**

E ele acenava sorrindo triunfante. Imediatamente o Dr. Moysés, que já havia percebido a situação, parou o carro e ordenou:

– **Desça que eu não tenho assistente vagabundo!**

Zé Cavalcanti ainda tentou argumentar:

– **Mas doutor!**

Não teve sucesso. O Dr. Moysés foi implacável:

– **Desça!**

Só restou ao prezado Zé Cavalcanti descer do carro, sob intensa gozação dos colegas. O saudoso professor Moysés seguiu sozinho na sua velha camionete, enquanto o esperto caroneiro seguiu conosco, a pé, completando o percurso até o centro da cidade, onde “loiras geladas” nos aguardavam ansiosas.

O Quebra Pote de Vai na Onda

Cândido Nunes de Vasconcelos (*Mazzaropi*)

Eu (*Mazzaropi*), Nicolau Miguel Schaun (*Brucutu*) e Waldemir Humberto de Castro Silva (*Vai na Onda*), após termos aprovados no vestibular de Agronomia da EAB, em 1965, fomos morar juntos em um quarto do alojamento denominado “Frigorífico”, onde permanecemos até a Formatura, em 1968.

Embora fossemos pessoas com hábitos comportamentais totalmente diferentes, vivemos os quatro anos em harmonia. Eu era mais retraído. Cumpria minhas obrigações escolares, assistia a todas as aulas, fazia anotações dos assuntos abordados pelos professores em cadernos específicos muito bem organizados e as complementava com pesquisas na Biblioteca. *Vai na Onda* e *Brucutu* eram mais “folgados”, nada anotavam em sala de aula nem gostavam de frequentar a Biblioteca. Quando algum colega lhes perguntava por que eles não anotavam o que o professor apresentava durante as aulas respondiam que preferiam ficar atentos, prestando atenção. Na realidade, aproveitavam o tempo em que meus cadernos não estavam sendo utilizados por mim e faziam os resumos de cada tema por meio dos quais estudavam para as provas.

No quarto, eu dormia em uma cama e os dois no beliche. Aquele que dormisse na parte de baixo do beliche apagaria a luz antes de dormir.

Em uma madrugada de meio de semana, os dois chegaram da cidade cheios da “branquinha”, abriram a porta do apartamento, acenderam a luz, deitaram-se e iniciaram um demorado e desconexo tagarelar (conversa de bêbado). Cerca de uma hora depois, dizendo-se cansado, *Vai na Onda* disse a *Brucutu* que estava na hora de dormir. Nesse momento, passaram a discutir quem iria apagar a luz – mas nenhum deles se dispôs a fazê-lo. Prontamente, *Vai na Onda*, numa demonstração de paciência, caridade e doçura, levantou-se, pegou a

escada do beliche e, como se estivesse brincando de quebra pote (brincadeira típica das festas juninas), arrebentou a lâmpada do quarto.

Como estava bêbado, só a quebrou após várias tentativas. Acordado, devido aquele papo furado de *bebum*, fiz de conta que estava dormindo.

Na manhã seguinte, ao acordarmos para o café da manhã e nos prepararmos para as aulas, vi os cacos da lâmpada esparramados pelo chão e perguntei aos dois o que tinha acontecido; e eles, já sem o efeito do álcool, narraram o ocorrido. Pedi-lhes imediatamente que varressem o quarto e que antes de escurecer providenciassem uma nova lâmpada e a colocasse no devido lugar, caso contrário, naquele ambiente não haveria mais espaço para os três. Tal fato causou um grande constrangimento aos dois, pois até aquele momento, nosso relacionamento era de completa harmonia.

Reconheceram o erro, pediram desculpas e informaram que tal atitude não se repetiria. Após as aulas, *Vai na Onda* foi à cidade, comprou a lâmpada e a enroscou no bocal pendurado no teto do quarto...

A paz voltou a reinar no apartamento, até a Formatura, sem novos incidentes.

O Sumiço de *Bululunga* e *Kafundunga*

Franklin Pereira de Miranda (*Marmelada*)

O amor e o ódio são sentimentos emparelhados, separados entre si por uma tênue linha de demarcação. São dois “vulcões” ativos, passíveis de entrar em erupção, **a depender das circunstâncias**. O desafio que se nos impõe, como seres imperfeitos, é deixar extravasar abundantemente o primeiro e guardarmos infinita distância do segundo...

Quando de minha trajetória acadêmica na Escola de Agronomia, em Cruz das Almas, Bahia (1965 a 1968), conheci e bem convivi com Sideni Lopes da Silva, ou melhor, Si, como prefiro chamá-lo. Era um colega muito sensível e amável, porém de pavio curto – quando lhe pisavam os calos, metamorfoseava-se, ficava irreconhecível, aparentava um verdadeiro *Mormaço* (possivelmente, foi essa a razão de ter sido batizado com essa alcunha pelos veteranos, após aprovação no vestibular). Passado o período vendavalesco da mudança de humor, Si voltava à calma, ao seu estado natural de candura. Um traço marcante de sua personalidade, entretanto, era desculpar sem jamais perdoar àquele que lhe fizesse mal...

Nostálgico, longe de seus entes queridos e da sua amada terra Natal, Montanha, Estado do Espírito Santo, o maluco beleza – também era visto dessa maneira – investia muito do seu amor e ternura em dois calangos denominados *Bululunga* e *Kafundunga*, os quais criava paternalmente desde pequenos, aconchegados em um caixote de sabão. Alimentava-os, banhava-os, levava-os para passear de bicicleta, para caminhar em volta do campo (a fim de esticar as pernas, dizia ele) e os acomodava à noite, junto à sua cama, na hora de dormir. Normalmente, tinha à sua disposição dois calouros cuidadores para ajudá-lo nessas tarefas.

Num final de tarde fria e cinzenta, ao entrar no seu quarto não encontrou suas *crianças*. Logo percebeu que não tinham fugido,

porque os barbantes que as prendiam estavam cortados. Chorou, chorou, chorou muito! De repente, levantou-se. Com os olhos vermelhos e salientes nas órbitas, pôs-se a procurá-los em cada quarto do alojamento *Hospício*, onde morava, e nada encontrou. Em seguida, vasculhou de ponta a ponta o alojamento vizinho (denominado *Frigorífico*) e também não os encontrou. Dirigiu-se, então, furioso, para o terceiro e último alojamento edificado no campus, o *Hospital* (antiga sede do hospital da Escola Agrônômica da Bahia-EAB), distante cerca de 500 m do alojamento onde morava. Ao chegar lá, iniciou de imediato a revista nos quartos. Em um desses reservados, deparou-se com um trio de hóspedes fortões, tidos como “valentões barras-pesadas”, que o recebeu com risos irônicos e maliciosos...

Desconfiado, Si nada fez, por falta de evidências concretas. Naquele instante, porém, o “vulcão” ódio ameaçou entrar em erupção... Si voltou para seu quarto, incubando a vingança do *Mormaço*...

No quarto, Si não parava de chorar o sumiço de *Bululunga* e *Kafundunga*. Não mais os levaria a passear de bicicleta; não mais os levaria a caminhar nos finais de tarde em volta do campo de futebol; não mais veria os calouros cuidadores banhá-los, passar-lhes talco e cantar cantiga de ninar para que eles dormissem sono infante...

(Aqui pra nós, penso que, com o sumiço dos calangos, os calouros cuidadores, livres das desusadas tarefas que lhes eram impostas diariamente, deveriam estar rindo à toa, pois não mais precisariam xingar, e xingar, e xingar a mãe de Si)...

Passados alguns dias, apareceu um x-9 (informante) e delatou os causadores de tamanha desdita – justamente os três irônicos “fortões barras-pesadas” moradores do alojamento *Hospital*. Ao saber disso, Si virou *Mormaço*! Queria vingar-se urgentemente! Mas... Como fazê-lo, se eram três contra um?! Na base da porrada, perderia feio!

Euuureeeeka!

Ficou de campana e passou a estudar os hábitos diários dos três meliantes, especialmente as suas idas e vindas noturnas para o jantar no refeitório. Numa noite escura, sem lua nem estrelas no céu, Si não foi

jantar! Vestido de mortalha escura (feita com lençóis da sua cama), escondeu-se, bem escondido, atrás de um frondoso cajueiro tido como mal-assombrado, e por onde, obrigatoriamente, passariam os valentões. Inesperadamente, ao passarem por baixo daquele tétrico sombreiro noturno, ouviram o horripilante lamento de alma penada, bafejando frio seus cangotes:

UUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUU!

Os desalmados cafajestes, depois de patinarem muito antes de iniciarem a atabalhoada e desabalada carreira, sem olhar para trás, chegaram em casa apavorados, mijados e cagados...

A notícia se espalhou rapidamente.

Ao saber disso, veio-me de pronto à mente uns versos que li na face interna da porta de um sanitário público, quando ali entrei pra mijar:

Neste lugar, solitário,

Toda vaidade se acaba.

O mais covarde faz força,

O mais valente se caga...

De volta para o alojamento, feliz e de alma lavada, Si entrou silenciosamente no quarto, desfez a mortalha, dobrou cuidadosamente os lençóis e dormiu sono angelical. Ressonava como se estivesse expelindo lavas de amor...

José Ortega y Gasset – espanhol, filósofo, jornalista e ativista político -, escreveu em *Meditações do Quixote*:

– “Eu sou eu e minha circunstância”!

O Terror das Madrugadas

Antônio Edson Santos Chiacchio (*Caçolinha*)

Contou-me o saudoso Lourival Bispo Lemos (*Tremedeira*) que, em certa época do ano, no alojamento onde morava e quando todos dormiam generosamente no silêncio da madrugada, ouvia-se no corredor daquela instalação uma explosão assustadora. Paredes trepidavam, cacos de telha e poeira choviam do teto, malas desabavam de cima do armário, cadeira e mesas deslocavam-se no piso do quarto, lâmpadas estouravam e chuveiro e torneiras abriam-se espontaneamente. Com reações diversas, terrorizados, caindo da cama, correndo sem direção, os sonolentos dorminhocos abandonavam os quartos diante daquele aparente terremoto. Era um Deus nos acuda! Refeitos do susto, perguntavam uns aos outros:

– Quem seria o autor de tão desumano ato?!

A maioria perdia o sono; iam para a aula na manhã seguinte indispostos, sonolentos, cansados, com pouca atenção às aulas assistidas e, conseqüentemente, pouco ganho de conhecimentos.

Na noite seguinte, a turma ia para os seus quartos e deitavam apreensivos, na expectativa de que o fato se repetisse – mas o nosso suposto homem bomba era tenebroso, e não agia todos os dias. Passadas algumas noites, quando todos imaginavam que a maldade havia cessado, o misterioso voltava a agir, e o sono tranquilo e justos dos estudantes era, mais uma vez, interrompido com o pipocar de uma potente bomba: BOOOOMMMMM!

As reações eram as mesmas:

– Quem será esse filho da puta? Se o pegar, eu o matarei!

E o astuto “terrorista noturno” agia sem deixar vestígios ... Mas *Tremedeira* prometeu a si mesmo que pegaria o safado. Sem comentar com outros colegas, resolveu montar campana para descobrir e flagrar o terror das madrugadas.

– Vou perder algumas noites, mas vou desmascarar o safado!
– disse-me ele.

Seguindo a rotina de sempre, o detonador deixou a turma dormir duas ou três noites em paz – menos o nosso investigador Lourival Lemos, que ficou na espreita esperando o meliante aparecer para assustar a todos soltando mais uma bomba...

E o dia chegou! Dia não, noite. O misterioso detonador foi desmascarado: era o grande e silencioso Carlos Armando Barreto de Santana (*Bacurau*), nosso amado colega!

A técnica consistia no seguinte: o “terrorista” acoplava um cigarro aceso no pavio de uma simples bomba junina (cigarro e bomba unidos entre si formam o artefato bélico que se costuma nominar de “bomba-relógio”); passado o tempo necessário para que a brasa do cigarro acendesse o pavio da bomba, ouvia-se a assustadora explosão:
BOOOOOOOOOOOOM!

Pois é colegas, nós, os nativos, não vivemos as grandes aventuras e histórias como viveram os habitantes dos diversos alojamentos da Escola de Agronomia. Como disse, tudo isso me foi passado pelo saudoso *Tremedeira*...

O Vigarista de Carira

Eduardo José Nascimento (*Tanajura*)

Em 1850, na região próxima ao Rio do Peixe, afluente esquerdo do Vaza Barris, Estado de Sergipe, viviam os Dantas, família influente na política do Sertão Baiano. Trouxeram para aquelas terras os primeiros povoadores, que partiram das imediações de Bom Conselho (atual Cícero Dantas, Bahia), dando início ao povoamento da região que mais tarde veio a se chamar Mãe Carira. Essa toponímia homenageia uma índia que chefiava uma tribo localizada entre o Tanque do Carira e Saco Torto.

O município de Carira localiza-se na mesorregião Sertão Sergipano. Abrange uma área de 634,6 km², dista 112 km de Aracaju (capital do Estado), situa-se a 351 m acima do nível do mar, o clima é semiárido e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é baixo.

Foi nessas plagas que eu iniciei minha revoada, após colar grau como Engenheiro Agrônomo na Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (AGRUFBA), contratado como extensionista da Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural de Sergipe (ANCARSE). Levei na bagagem algumas roupas, uma vontade férrea de trabalhar e a doce esperança de transformar o mundo – especialmente aquele mundo semiárido de Mãe Carira –, pondo em prática a divina missão que Deus me confiou e que eu jurei cumprir:

- Juro, no exercício da profissão, combater a fome e a miséria que assolam nosso país, esteja suas raízes dentro ou fora dele, com as armas que o momento apresentar, a fim de que possa nosso povo levar avante sua missão histórica de libertar-se!

Cheguei à cidade num final de manhã de verão, sol escaldante, típico das caatingas do semiárido. Ao saber disso, e da missão que me fora confiada, o padre convidou-me para morar em sua residência. A casa era modesta, porém bem cuidada – fruto do trabalho voluntário

das beatas locais. Meu quarto, ou melhor, minha *cela penitencial*, era pequena, sem qualquer sinal de ostentação: dispunha de um guarda-roupas marrom de compensado envernizado contendo três cabides de arame pendentes no varal interno. Em frente ao guarda-roupas, havia uma cama feita de madeira leve, torneada, e com molas (a famosa cama Patente), sobre a qual se estendia um espesso colchão preenchido com folhas da catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*), assim como o travesseiro de fronha estampada com ramos da mesma planta – após uma semana de uso o colchão murchou, de modo que eu dormia quase sobre as molas. Encostado na parede lateral oposta à porta de entrada do quarto puseram uma mesinha rústica, comprada na feira livre... Ali eu escrevia meus relatórios e as cartas destinadas a painho e mãinha...

A distribuição daquelas três peças no quarto desenhava estreitos corredores entre si, nos quais eu tinha dificuldade de circular tanto de frente quanto de lado... Foi aí que entendi por que me apelidaram de *Tanajura!*

Prontamente, dediquei-me ao trabalho de assistência técnica continuada aos pequenos lavradores. Fiz palestra, dias de campo, organizei seminários etc. – tudo de acordo com o figurino. Com pouco tempo de labuta, tornei-me conhecido e admirado na comunidade. Passei a ser tratado como Autoridade local, juntamente com o prefeito, o delegado e o padre. Fui padrinho de batismo de dezenas de crianças – algumas com meu nome, em minha homenagem; cantei em velórios de ilustres figuras locais; frequentei assiduamente a Igreja – para felicidade do padre; rifei frangos assados nas quermesses e feirinhas da Igreja; dancei com donzelas casadoiras, com o beneplácito dos pais; etc. Não sobrava tempo pra mais nada, inclusive para as cartas destinadas a painho e mãinha.

O vigário me adotou como amigo do peito. Pessoa de sua irrestrita confiança. Certa feita teve que viajar e me pediu para cuidar de suas “ovelhas”, para que nada lhes faltasse e para que se não desgarrassem... E assim procedi! Tanto é que, certa tarde, chamaram-me na Igreja para atender a uma pecadora. Entrei pela porta lateral, localizada próximo à sacristia e, sorrateiramente, entrei no

confessionário. Sentei-me, puxei a gola da camisa para cima, aguardei um pouco e dei três batidas na divisória de tábua daquele cubículo - sinal para que a angustiada “ovelha” se aproximasse. Fiz o sinal da cruz, pedi perdão a Deus e disse murmurando à pecadora – já ajoelhada no lado de fora, e com o ouvido colado naquela janelinha de treliças talhada no confessionário para facilitar a visão do padre e a propagação do som:

– **Fale minha filha! Liberte-se do que lhe pesa na consciência!**

Durante cerca de duas horas, ouvi silenciosamente aquela alma aflita. Quando ela terminou seu relato, pedi-lhe que voltasse ao seu lugar e que, para remissão de seus pecados, **repetisse 999 vezes a frase: Não farei mais isso!...** Se assim proceder, disse-lhe, voltará para casa livre das garras do Demônio...

A confiante senhora levantou-se e foi rezar, ou melhor, contar... Através da janelinha de treliças, vi, pelo movimento labial, quando aquela penitente, com véu de renda preta sobre a cabeça e rosário de contas na mão, iniciou a contagem:

– **Um, não farei mais isso! ... Dois, não farei mais isso! ... Vinte e cinco, não farei mais isso! ...**

Ali, permaneci durante meia hora, e voltei para casa. Às dez horas da noite, o esposo aflito vagava pela cidade a procura da companheira. Encontrou-a na Igreja, ainda ajoelhada, balbuciando:

– **798, não farei mais isso! ...**

Quando o vigário retornou à cidade, procurou-me para saber as novidades. Contei-lhe tudo!

– **O quêêêê! Valha-me Deus, meu filho! ... Cruz Credo!**

– **Foi o senhor que me pediu para apascentar suas “ovelhas”!**

– **Você cometeu um crime, filho! Isso não é atitude de vigário, e sim de vigarista! E o que ela confessou?**

– **Isso não posso dizer padre! O Vaticano proíbe!**

Quatro meses depois de minha chegada à Carira, voltei definitivamente para casa, em estado lastimável, pobre e sem dinheiro,

pois o governo nada me pagou durante minha estada nas plagas de Mãe Carira! Ao chegar em casa, no município de Castro Alves, Bahia, com os olhos embaçados pelas lágrimas, abracei aconchegada e longamente mãinha e painho. No dia seguinte, na fazenda, havia oitocentos e quarenta convidados para comer os doze bois, dez suínos, dez caprinos, oito ovinos e trinta e duas galinhas que painho e mãinha mandaram matar para comemorar o regresso de seu *filho pródigo*. E nunca mais saí de lá.

Pangaré – Insônia de Calouro Enfeitado¹

Joelito de Oliveira Rezende (*Cabeleira*)

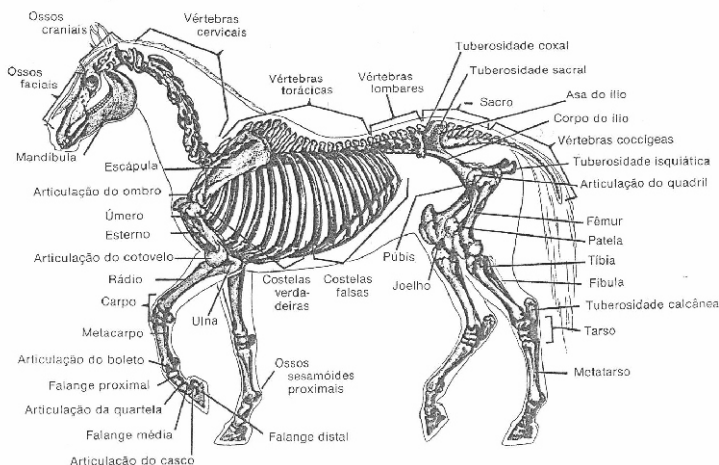


Fig. 8.1 Esqueleto do cavalo

<http://www.brasilhipismo.com.br/wp-content/uploads/2015/07/esqueleto01.jpg>

Em 1966, no segundo ano de Agronomia, cursávamos um elenco de disciplinas dentre as quais constava Zoologia II, que abrigava a Anatomia e Fisiologia Animal, ministrada pelo professor Afonso da Silva Ramos. Um excelente mestre, inteligentíssimo, e de uma didática invejável – inspirei-me nele quando exerci o sacerdócio da docência na mesma Escola em que ele lecionou.

No início do semestre, recebemos dele uma apostila datilografada na qual constava nomes e as respectivas descrições dos 210 ossos do esqueleto do cavalo (sem considerar a cauda). Era assunto obrigatório para uma avaliação mensal. Tínhamos que decorar, tim-tim por tim-tim, cada osso do exumado – que ainda está lá, de pé, imponente, na sala de aula...

Geralmente à noite, quando o ambiente se tornava menos turbulento, via-se um magote de *Calouros Enfeitados* (alunos do segundo ano) afagando aquele esquelético animal e murmurando

¹Calouros enfeitados eram os estudantes do segundo ano do curso.

baixinho o nome de cada osso – zunindo como abelhas esvoaçantes em torno do favo de mel. Ainda assim, vez por outra, alguém mais nervoso e estressado gritava:

– Leia mais baixo, caralho, você está atrapalhando! ...

Duas semanas antes, fui àquela sala para memorizar a ossada. Precavido, tive medo da concorrência na disputa por cada osso – e o cavalo era relativamente pequeno para comportar muita gente em torno de si.

Pronto para a arguição, passei a acompanhar alguns colegas que buscavam o ossudo para alimentar-se de conhecimento. Sentado à mesa do professor, ficava observando aquela cena tragicômica. E escrevi:

PANGARÉ – INSÔNIA DE CALOURO ENFEITADO

I

Na sala de Anatomia,
Há, como assunto de prova,
Um cavalo – já mofento –,
Retirado de uma cova!
Montão de osso arrumado,
Cada nome desgraçado,
É matéria que reprova!

II

Estudar o desnutrido
Requer horas sem dormir!
E pra *digerir* o magrelo
Toda a raça vai ali.
Parece bando de abutres
Buscando algo que nutre
No esqueleto do *faqir*!

III

Todo estudante endoidece,
Xinga muito e dorme mal,
Quando, ao estudar a cabeça,
Vê o osso *occipital*
Chora, se assanha, dá grito,
É canibal muito aflito,
Quando chega ao *coxal*.

IV

Quem gosta de osso é cão,
E nem na sopa eu aspiro.
Não estudo! diz o moço,
E nota baixa não tiro.
Pra decorar essa ossada,
Vou deflorar madrugadas
–Quem disse que sou vampiro?

V

O professor disse: – Moço!
 Quero ver se estudou.
 Mostre o rádio, o perônio,
 E o buraco nutridor.
 O rapaz ficou pasmado,
 Pensou ter sido xingado,
 Pra outra escola zarpou!

VI

Aqui fica um conselho,
 De coração e boa-fé,
 Deste que foi canibal
 Desses ossos sem filé.
 Se não quiser um zerinho,
 Alise com muito carinho
 Esse magro Pangaré!

Certo dia, o professor Afonso recebeu a visita do então diretor de colonização da Secretaria da Agricultura do Estado da Bahia, Dr. João Meireles – seu amigo do peito. Depois de passearem pela Escola, dirigiram-se à sala de aula, onde o mestre faria uma preleção sobre nutrição animal. Brindou-nos com uma aula magistral, na presença do amigo. Fiquei embevecido! De pé, nós o aplaudimos demoradamente!

Sacanagem foi o que ocorreu logo em seguida – a turma começou a gritar: *Cabeleira! Cabeleira!* Recite a poesia do cavalo! ...

– **De que se trata?** Perguntou o mestre, surpreso.

Ao saber do porque daquela arrelia, chamou-me à frente e pediu-me para recitar o *Pangaré*. Assustei-me, fiquei nervoso, mas fui, olhando de soslaio o ambiente. E mandei brasa! Sucesso inesperado! Dr. João e a turma não contiveram as gargalhadas. Dr. Afonso conteve-se...

Dias depois, chegou o momento da arguição. Como de praxe, de posse da lista numérica nominal dos alunos, sentado como um paxá diante da turma posicionada em torno daquele monte de ossos, vozeava (por exemplo):

– **Estudante, localize e “cante” a Asa do Ílio** – o osso era escolhido por ele, de surpresa...

– **Sim professor!** Respondia o canibal...

E iniciava a cantilena. Se desafinasse, ouvia do irreverente arguente a temida sentença:

– **Matou o bicho, estudante! Nota zero!**

Como a fila andava, chegou a minha vez...

– Nº 33! É o senhor? O poeta? Há quem não goste de poetas!...

Apreensivo, contive a duras penas os gases que teimavam escapar pela porta traseira...

– Mas... Eu gostei dos seus versos! – disse-me o mestre.

– E o poema é conselheiro!

– Está dispensado da prova... Com nota 9,5!

Essa demonstração inusitada de tolerância, respeito e estímulo à ousadia benfazeja mexeu muito, muito, positivamente, com meu brio. Para sempre!

Parafuso Surtou!

Geraldo Nonato de Araújo (*Parceiro/Manga Rosa*)

O *campus* da Escola Agronômica da Bahia (EAB), onde estudei, é grandioso! Ocupa uma área de cerca de 1600 hectares – 300 dos quais cedidos ao então solidário e inseparável Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Leste (IPEAL), posteriormente transformado na atual Embrapa Mandioca e Fruticultura.

Destaque-se aqui os quatro belíssimos edifícios distribuídos espacialmente em formato de cruz. Suas fachadas imponentes remetem-nos à Magna Grécia – as colunas de pedra que ladeiam as grandes e pesadas portas e janelas da entrada dos prédios lembram Santuários da deusa da agricultura e das civilizações (Deméter, para os gregos; Ceres, para os romanos).

De plantas arquitetônicas similares, essas edificações expressam a preocupação do genial arquiteto com o bem-estar dos usufrutuários: distribuídas por todo o perímetro desses edifícios, largas janelas possibilitam agradável ventilação e iluminação naturais; internamente, nos dois pisos, anchos corredores permitem folgada circulação de transeuntes; ao longo desses corredores alternavam-se sistemática e sequencialmente os escritórios/gabinetes dos professores, ladeados por enormes salas de aulas teóricas e laboratório de aulas práticas conectados por largas portas de acesso.

No entorno desses prédios e ao longo do *campus*, estão assentados residências de professores e de funcionários, alojamentos de estudantes, quadras de esportes, refeitório, oficina mecânica, carpintaria, posto meteorológico, aviário, estábulo, baias para criação de suínos, ovinos e caprinos, pomares, campo de Agrostologia (onde professores ensinavam as características botânicas e a importância agrícola de plantas forrageiras leguminosas e gramíneas) etc. Soube que agora, com o advento da UFRB, muita coisa mudou.

Nesse cenário, na ocasião em que lá vivi momentos felizes de

minha vida, realizava-se anualmente a *Semana do Fazendeiro* (SEFAZ), posteriormente denominada *Semana do Produtor Rural*. Eram momentos de orgulho para a comunidade acadêmica (estudantes, funcionários e professores), por ver a Escola cumprindo competentemente sua nobre missão social: difundir conhecimentos científicos em benefício da sociedade!

Na área arborizada limitada internamente pelos edifícios principais – semelhante a uma grande praça – armavam-se toldos e tendas destinadas respectivamente à venda de artesanatos e de refeições. No intervalo das aulas/palestras, especialmente na hora do almoço e finais de tarde, aquilo efervescia com o vaivém dos participantes. Ouviam-se músicas campesinas – as duplas caipiras Tião Carreiro e Pardinho, Tonico e Tinoco e Jararaca e Ratinho, eram das mais ouvidas à época.

Estudantes, divididos em grupos, contribuíam ativamente para o pleno êxito desses Eventos, em um dos quais Noilton Matos (*Nêgo Noilton/Diacuí*), Nicolau Schaun (*Brucutu*) e José Carlos Assis (*Pacarito*) cuidaram da recepção e inscrição dos participantes. Eu assumi a coordenação geral das equipes de trabalho: distribuía as atividades diárias por meio de um megafone, da seguinte maneira:

– **Roberto Sena Gomes** (*Espiroqueta*) e **José Carlos da Rocha** (*Bueiro*), **as comitivas de Cruz das Almas, Governador Mangabeira e Muritiba acabam de chegar. Levem-nas até o professor Clovis Vaz Sampaio, que falará sobre Citricultura...**

– **Luciano Vasconcelos** (*Piula*) e **Luiz Francisco** (*Cangalha*), **a comitiva de Santo Antônio de Jesus irá inicialmente para o campo experimental, onde o professor José de Vasconcelos Sampaio falará sobre Sintomas de Deficiência e Adubação do Abacaxizeiro...**

– **Domingos Badaró** (*Pé Cheiroso*) e **Roberto Adami** (*Gelosa*), **as comitivas de Feira de Santana e Santo Estevão circularão hoje, pela manhã, nos setores de Caprinocultura e Ovinocultura; pela tarde, nos setores de Suinocultura e Avicultura...**

– **Eduardo Nascimento** (*Tanajura*) e **Tasso Leite** (*Goiabão*), **vocês conduzirão as comitivas de Santo Antônio de Jesus, Baixa do Palmeira e Castro Alves ao setor de Agrostologia, onde o professor Geraldo Pinto falará sobre Plantas Forrageiras...**

– **Gerando Conrado** (*Ioiô Tarado*) e **Edson Chiacchio** (*Caçolinha*), **levem as comitivas de Cachoeira e São Felix ao encontro do professor Antônio José da Conceição, que falará sobre o Cultivo da Mandioca...**

– **Alberto Campos** (*Satanás*) e **Airon Botelho** (*Tom*, sócia daquele da dupla Tom e Jerry, personagens criados por Walter Disney), **não descuidem do registro fotográfico desse Evento!**

– **Humberto Campos** (*Metralha*) e **Clidenor Menezes** (*Banana Curta*), **vejam como está a organização dos alojamentos e refeitório! Nilton Bweno** (*Parafuso*) **ficou encarregado de fiscalizar o serviço de cama e mesa... A propósito, onde está Parafuso, que não o vejo?! Parafuso! Parafuso! Puta que pariu, vive aprontando! Procurem-no, por favor!**

Às 10 h 30 min, encontraram-no *viajando* perambulando pelo *campus* (havia bebido todas e mais algumas durante a noite, nas barracas ali instaladas). Estava eufórico, prestes a aprontar mais uma – como era de costume, quando “viajava”. Longe da influência de *Baco* (deus mitológico, romano, do vinho, da ebriedade, dos excessos) era um “gentleman”. Decidimos prendê-lo no quarto dele.

Para levá-lo até lá, dissemos-lhe que ali faríamos uma reunião para planejarmos as atividades do dia. E assim o fizemos! Quando percebeu o ardil, **Parafuso surtou!** Pense numa fera descontrolada, espumando pelos cantos dos lábios e sentindo gosto de sangue na boca! *Nêgo Noilton* sugeriu amarrá-lo na cama, pois ameaçava quebrar os vidros das janelas, pular fora e retornar para o meio do povo – o que seria um verdadeiro vexame. Em vez disso, procuramos acalmá-lo até que dormisse: dentre outros assuntos, conversamos sobre suas 40 léguas quadradas de terra e sobre seus quatro carrões modelo *Sinca Chambord* – suas fantasias preferenciais quando embriagado, as quais

lhe contagiava de enorme felicidade. Sentou-se na cama e passou a ouvir atentamente essas suas estórias de pretenso milionário como se estivesse ouvido cantigas de ninar, semicerrou os olhos lentamente, estirou-se na cama e dormiu sono profundo. Tiramos-lhe as calças e os sapatos e o deixamos trajando sua inconfundível cueca florida samba canção... Ufa!

Às 16 h do dia seguinte, acordou desmiolado perguntando ao colega de quarto se já estavam servindo o café da manhã (do dia anterior) no refeitório da Escola. E voltou a dormir..

Pitágoras Nos Salvou!

Luiz Francisco da Silva Souza (*Cangalha*)

Estávamos em sala, para mais uma aula teórica do mestre Afonso Ramos. O saudoso professor fez inicialmente a costumeira chamada dos estudantes e imediatamente falou:

– **Hoje teremos uma arguição oral.** E completou:

– **Como diz o cabeludo de Santo Amaro** (referia-se a Caetano Veloso), **é preciso estar atento e forte. Não temos tempo de temer a morte. Portanto, estejam sempre na trincheira, prontos para a guerra!**

Desnecessário falar do silêncio e da apreensão que tomou conta de toda a turma. Ato contínuo, o mestre Afonso abriu a caderneta de chamada e sorteou o primeiro a ser arguido. E bradou:

– **Sr. Carlos Roberto Veloso Pitágoras Freitas!**

Silêncio em toda a sala. Repetiu:

– **Sr. Carlos Pitágoras!**

O silêncio continuava. Ninguém se mexia na sala. Na terceira vez gritou:

– **Sr. Pitágoras!**

Ninguém respondeu.

O que teria acontecido ao nosso querido Pitágoras? Como todos estamos lembrados, nas salas de aulas teóricas da nossa Escola haviam sempre duas portas de acesso (uma na frente e outra no fundo). Ao ouvir o anúncio de que haveria a arguição oral, o prezado colega, que estava sentado próximo da porta do fundo, providenciou uma saída estratégica para se proteger de um possível “bombardeio” do mestre. Acabou sendo ele o primeiro sorteado!

Já meio impaciente com aquele silêncio, o professor falou:

– **O Sr. Pitágoras respondeu à chamada, logo, está presente!**

Como persistia o silêncio, o mestre Afonso chegou à conclusão óbvia de que houvera uma “deserção” e, com a retórica que lhe era característica, deu seguimento:

- O Sr. Pitágoras abandonou a trincheira e deixou os senhores sozinhos, expostos ao bombardeio do inimigo. Não confiem no soldado Pitágoras!

E por aí seguiu, desdobrando o assunto até ao final da aula. Esqueceu-se da arguição que, para felicidade nossa, terminou não acontecendo.

Pitágoras nos salvou, com a sua retirada estratégica. Salve o nosso querido Pitágoras!

Porco Assado à Pururuca

Franklin Pereira de Miranda (*Marmelada*)

No início do ano de 1965, após a aprovação no vestibular (voltado exclusivamente para a Agronomia e realizado nas dependências da Escola), ocorria o ritual de praxe: matrícula nas disciplinas anuais, indicação dos quartos nos quais passaríamos a residir, escolha quase que aleatória dos companheiros de quarto, esclarecimento sobre o horário das refeições, gratuitas, no refeitório (todos tinham esse direito – não havia distinção de raça, cor, credo nem de poder econômico) e solenidade de entrega do diploma de *Burrus Irremediabilis* aos calouros. Todo o ritual era organizado pela Associação Atlética Acadêmica de Agronomia (AAAA), bastante atuante e prestigiada – planejava e coordenava, inclusive, as atividades esportivas dentro e fora do *campus*. Tínhamos até carteirinha de sócio...

Passei a morar com mais dois colegas no alojamento denominado *Hospício*. Formávamos um trio bastante díspar/heterogêneo. Eu, nascido em Aracaju, criado em Salvador, ex-aluno do Colégio Antônio Vieira, de hábitos aristocráticos, filho de um emérito Geneticista (risos), despertava suspeita e desconfiança nos demais companheiros – por ciúmes e inveja (risos) fui apelidado de *Marmelada*.

Meu segundo companheiro era Sebastião José das Neves (*Bastica/Tabaréu*), matuto – nascido nas caatingas de Petrolina, Pernambuco –, simpático, boêmio, sanfoneiro, forrozeiro (sua música preferida e recorrente era “Enfie a faca no tronco da bananeira...”), calçava sandálias de rabicho típica dos cangaceiros e dançarinos de xaxado.

O terceiro companheiro de quarto era José Cavalcanti Rodrigues - nascido nas caatingas do município de Afrânio, Pernambuco -, troncado, roliço, tirado a valente (portava usualmente uma pistola peba/fuleira de dois canos no bolso traseiro das calças; essa arma, era conhecida como “dois tiros e uma carreira”, porque quem errasse o tiro

tava fooodiiiiidoooo!). E o pior, tinha hábitos pouco higiênicos (gostava de sujeira e tinha aversão a banho), daí o seu apelido *Zé Porquinho*...

Como os opostos se atraem, o tempo de convivência nos possibilitou uma quase adaptação, relegando-se pequenos dissabores. Entretanto, pra tudo há um limite. *Zé Porquinho* nos proibiu de limpar o quarto - chegou ao ponto de descartar nossa vassoura. A sujeira era insuportável. Tentando limpá-la, solicitei ao vizinho - Dalmo Britto Seixas (*Cangaço*), que não ficava por menos em valentia -, uma vassoura emprestada. *Zé Porquinho* quebrou-a e a jogou fora! Fui intimado por *Cangaço* a repor sua vassoura em 24 horas - o que foi feito às pressas, em menos de meia hora, sem vacilo. Quem era doido de contrariá-lo?!

Os dias iam passando e o ambiente ficando cada vez mais fétido e insuportável, devido ao acúmulo de lixo misturado com as roupas suadas e sujas e o fedor de chulé que emanava dos cascos do bacurim! *Zé Porquinho* chupava laranja e jogava cascas e bagaços no chão; comia rapadura na mesa na qual estudávamos e lá deixava a meleira gosmenta; não recolhia suas roupas espalhadas nos quatro cantos do recinto; tinha dificuldade de encontrar os sapatos. Era tamanha a bagunça que, as vezes, vestia roupa que não era sua. Um verdadeiro caos! Se caísse um lápis no chão dava trabalho para achá-lo...

Era preciso dar um basta naquilo!

Conversei em particular com *Bastica* a fim de bolarmos um plano de ação para livrarmo-nos definitivamente daquela imundice - sem perdermos a vaga no quarto. E não poderíamos falhar!...

No momento oportuno, efetivamos o nosso plano. *Cangaço*, ressabiado, negava-se a nos emprestar novamente sua vassoura; por isso, usamos a de Vanderlim - lembram-se dele? Aquele que cobrava propina dos colegas que lhe pediam carona em seu Karmann-Ghia amarelo? - para "encoivarmos" o lixo, deixando uma "clareira" retangular no meio do quarto, onde colocamos a cama do *bacurim*.

Num dia de sábado, como de costume, *Zé Porquinho* chegou bêbado, cambaleante, fazendo bicos e caretas, apoiou-se na porta do

armário, despiu-se, ajeitou sua cueca samba canção encardida pelo uso intensivo e prolongado (normalmente, suas **duas** cuecas apresentavam uma dispersa mancha de mijo na frente e outra mancha circular no fundilho, resultante da “filtragem” dos peidos incontidos). Sem perceber o ardil que lhe fora preparado, esparramou-se na cama e, de pronto, começou a grunhir/roncar. Nesse momento, embebemos com álcool o lixo que juntamos ao redor da cama dele e ateamos fogo... A imagem que ficou gravada na minha mente é a de um porco dourado assado à pururuca, cabriolando assustado e gruindo sem parar:

– Acudam! Fogo! Fooogo! Acuuuudam! Fooogoo! Fooooogoo!

Escafedemo-nos – eu e *Bastica* – durante três dias. Sentados à beira do caminho, levei todo esse tempo ouvindo o som da sanfona de *Bastica*, que repetia, repetia, repetia, repetia e repetia sua música favorita: “Enfie a faca no tronco da bananeira ...”

Curiosidades:

Até o início do curso de Agronomia, *Zé Porquinho* não havia conhecido outra cidade além de sua terra natal. Eu o levei para conhecer Salvador, visitar praias, praças e outros pontos turísticos. Ao chegar à praia, contemplou o infindável Oceano Atlântico e, deslumbrado/extasiado/perplexo/encantado/abestalhado, murou:

– Vixe Santa, que lagoãããão!

Na Praça Castro Alves, ajoelhou-se ao pé da estátua do poeta e começou a rezar – pensou que ali jazia um Santo...

Minha prece:

Querido *Zé Porquinho*, é possível que um bom amigo conheça suas melhores histórias, porém, o melhor amigo é aquele que, ao seu lado, viveu todas elas...

Qual Bandeiras Agitadas, Pareciam um Estranho Festival!

Luiz Francisco da Silva Souza (*Cangalha*)

A professora Otília Conrado, tia do nosso querido colega Geraldo Conrado (*Ioiô Tarado*), foi por muito tempo delegada escolar em Cruz das Almas. Professora muito competente, exigente, disciplinada e disciplinadora, era temida e respeitada por alunos e professores, no seu afã para que as coisas relacionadas à educação sempre ocorressem com a melhor qualidade possível. Prestou relevantes serviços a Cruz das Almas, na sua área de atuação. A professora Otília morava à rua Manoel Vilaboim, popularmente conhecida como rua da Vitória.

Como é por demais conhecido, havia na nossa Turma uma “tropa de choque” amante de uma galinha assada, principalmente se a penosa pertencesse a outras pessoas. Eram useiros e vezeiros na arte de chegar onde as penosas se encontravam e providenciar o “salvamento”, independentemente de quem fosse o dono do quintal.

Um certo dia chegou ao conhecimento da “tropa de choque” a notícia de que havia galinhas no quintal da casa da professora Otília. Não ficou esclarecido quem foi o informante da existência das penosas. Paulo Cafezeiro, que também era chegado a devorar uma penosa roubada, era um dos suspeitos. Na época, sua noiva Terezinha, hoje sua esposa, morava numa casa vizinha da professora Otília, de onde ele poderia vislumbrar as penosas alheias. Mas havia também uma suspeita de que o delator das penosas foi o próprio sobrinho da professora Otília, o nosso Geraldo Conrado, que inclusive teria deixado um portão semiaberto para facilitar o acesso da quadrilha.

Sem demora e na calada da noite, logo chegaram lá Everest, Nô, Nilton e mais dois colegas cujos nomes não foram lembrados agora. Vasculharam toda a área e inclusive chegaram a abrir um buraco numa parede de um depósito, procurando pelas penosas. Não encontraram nada! Ou a notícia era falsa, ou as penosas estavam super escondidas. Os

meliantes, que não gostaram nada do fracasso da expedição, verificaram que haviam roupas íntimas femininas (calcinhas, sutiãs etc.) estendidas num varal, no quintal visitado. Possivelmente pertenciam à secretária da professora Otilia.

Para não perder a viagem, recolheram tudo e levaram para a Escola de Agronomia. No dia seguinte, para espanto geral, as peças apareceram penduradas em pleno quadro-negro de uma das salas de aula.

Relembrando a letra da clássica canção “Chão de estrelas” (de Orestes Barbosa e Silvio Caldas), poderíamos dizer que aquelas peças, no quadro-negro, “qual bandeiras agitadas pareciam um estranho festival”. Sem dúvida, a proprietária das ditas cujas deveria estar praguejando contra os ladrões de calcinhas, sem jamais imaginar que elas estavam sendo expostas numa sala de aula da Escola de Agronomia.

Solta Minha Galinha, Moleques!

Antônio Edson Santos Chiacchio (*Caçolinha*)

Dois ou três meses antes do vestibular realizado em janeiro de 1965, alguns estudantes – salvo engano bolsistas da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) – passaram alguns dias morando no novo alojamento (batizado de *Trio Elétrico*), perto da casa do “velho” Tomé. Lembro-me que, no primeiro apartamento, estávamos eu (*Caçolinha*), Luiz Francisco (*Cangalha*) e José Carlos da Rocha (*Bueiro*) – que, embora nativos, morando na cidade, estávamos entre os residentes da Escola naquele período. No quarto vizinho, hospedaram-se Sideni Lopes da Silva (*Mormaço*) e Gessé Bernardes (*Agonia*); em outros quartos ficaram Humberto dos Reis Campos (*Metralha*), Alberto dos Reis Campos (*Satanás*), Augusto Roberto Sena Gomes (*Espiroqueta*), Ovídio Barros (*Crispim*), Durvalino Vasconcelos Nunes (*Bongô*), entre outros. Ao amanhecer de um daqueles dias, batem à porta do nosso quarto com muita insistência: Toc, Toc, Toc, Toc, Toc...

– **Quem é e o que quer?** Perguntei.

Era Humberto *Metralha*! Parecia desesperado e foi logo dizendo:

– **Por favor, Chiacchio, venha comigo, urgente!**

E saiu apressado, quase correndo, para frente do seu quarto, localizado no lado oposto do meu. Disse-me, então, apontando para umas galinhas que ciscavam quase ao alcance das mãos:

– **Olha que beleza! Tomé ainda dorme! Vamos pegar e comer uma dessas galinhas! Mando prepará-la na cidade para comermos assadinha, com farofa de manteiga...**

Fiquei petrificado, em estado de choque, com tal proposta, pois nunca tinha feito algo assim! Entretanto, o miserável incentivou-me desesperada e insistentemente, dobrou-me, e entramos em ação: correndo atrás dos galináceos, gritávamos:

– **Pega! Corre lá! É agora! Pega a penosa! Escapou! Pega!**

Pega!

Um dos amedrontados bípedes, arfando e cacarejando, fazendo tremenda algazarra, corria ziguezagueando. Entrou no quarto, escondeu-se debaixo da cama, correu por cima da cama, pulou pra cima do armário e escapuliu do quarto por debaixo de minhas pernas – esquivava-se com dribles geniais, melhores do que os de Pelé –, até que foi encurralado e capturado... Lutou muito para escapar e, nesta resistência, muitas penas soltaram-se...

Eis que o velho Tomé, ao ouvir o pedido de socorro da galinha, apareceu gritando:

– Solta minha galinha, moleques! ... Brancos safados! ... Vou chamar o diretor da Escola, Dr. José de Vasconcelos Sampaio!

Susto da porra.

Libertamos a galinha, que enveredou para dentro do mato e sumiu. Em seguida, voltamos para os aposentos. Tomei a maior reprimenda de *Bueiro* e de *Cangalha*. *Bueiro* falou sério:

– Troque logo de roupa, porque sei que Tomé virá com o diretor da Escola para tentar descobrir os autores da desídia da galinha!

E disse mais:

– Já pensou Chiacchio, se seu pai fica sabendo disso?!

E não deu outra! Lá pelas oito horas da manhã chega Tomé acompanhado do Dr. Vasconcelos. Dizia:

– Doutor, foram dois rapazes morenos! ... O certo é entrarmos em cada quarto e procurar...

Tomé parecia possesso. Averiguava cuidadosamente todos os canto dos quartos e até apalpava o colchão de cada cama, procurando a sua preciosa galinha.

Enquanto os primeiros quartos eram revistados, o desgraçado do Metralha emborcou um balde na frente do último quarto daquela fila de dez, no qual morava um rapaz moreno (*Durval Bongô*) coincidentemente parecido com aqueles descritos por Tomé. Em

seguida, colocou uma pedra em cima do balde, pegou as penas da galinha e as espalhou em volta.

Na sequência da revista dos quartos, chegou no que moravam José Carlos (estudante itabunense) juntamente com Rafael Chepote (*Tubinho*). José Carlos estava passando férias em casa. Era uma pessoa de posses – tinha uma escrivaninha antiga, de madeira nobre, com tampa corrediça, curvilínea, semelhante a de um piano. Estava fechada, e Tomé queria arrombá-la, pois achava que a penosa estava ali escondida. Travou-se uma guerra! O colega de quarto, *Tubinho*, panamenho de berço, protestava e não conseguia se expressar em português. Em portunhol e em espanhol, esbravejou tanto que o professor Vasconcelos acreditou e evitou que danificassem tão lindo móvel.

Mais adiante, o velho Tomé viu, na porta de Durval *Bongô*, o balde emborcado, com a pedra em cima e as penas da galinha circundando-o. E disse:

– Olhe doutor, o ladrão deve estar aí dentro!

Ao ouvir tamanho burburinho, Durval *Bongô* abriu a porta... Seu fenótipo casava, de fato, com as descrições do velho Tomé. Atordoadado e confuso, o inocente Durval estava mais perdido do que cego em tiroteio diante daquela muvuca. Percebendo o ardil, o inteligente mestre Vasconcelos disse ao inconformado Tomé que aquilo ali era uma *pegadinha*. Encerrou o caso vociferando que os culpados, se descobertos, não prestariam vestibular..

Escapei por pouco!

Uma Noite Nos Trópicos

Durvalino Vasconcelos Nunes (*Bongô*)¹

Derramava a lua, seu frio clarão, por entre as folhas das majestosas Palmeiras Imperiais, cujas sombras, desenhadas no tablado, ofereciam um espetáculo surreal, pois houve um breve colapso no fornecimento de energia.

Eram duas horas da madrugada. Passado o problema, a banda iniciou, em execução magistral, a partitura russa Czardas, imortalizada aqui no Brasil, pelo grupo OS INCRÍVEIS, famoso nos anos da Jovem Guarda. Foi a apoteose!

Estávamos em Cruz das Almas, no último ano de nosso curso de Agronomia, e organizáramos aquela festa audaciosa – Uma Noite nos Trópicos, para angariar fundos para a excursão de Formatura à Argentina.

Eu era o presidente da “embaixada” (assim chamada a agremiação que se encarregava dos eventos do grupo). Paulo Amorim e José Carlos Assis, secretário e tesoureiro, respectivamente. O primeiro, detentor de britânica disciplina, e o outro, cartorial por genética, eram os parceiros ideais. O José Cavalcanti Rodrigues, mercador de berço, estava sempre a postos para realizar uma boa proposta financeira. Já o Clélio Araújo, misto de apóstolo e literato, sempre filosofando, na sua calma de monge, conseguia conduzir o grupo para as opções mais prudentes.

Dois anos antes, com o dinheiro arrecadado em rifas e livro de ouro, eu fora a São Paulo, onde meu irmão Dorival me ajudou a comprar uma bateria, guitarra e caixa de som, e organizamos assim o primeiro grupo musical da Escola de Agronomia: OS GRÃOS DE PÓLEN!

Contávamos com Gessé, com seu próprio acordeom, e Moacir

¹Engenheiro Agrônomo, escritor, poeta, membro da Academia de Letras do município de Barreiras, Bahia, conhecido no meio literário como Durval Nunes.

Omena com seu trompete. Luiz Simões, na guitarra, e Roberto Sena Gomes, no baixo (que compramos depois). Vez em quando Luciano Ramos (*Baronesa*) também ajudava numa outra guitarra.

Eu levava de bateria, mas quando era uma sequência de boleros e música cubana, pulava pro meu bongô de estimação.

Os Grãos de Pólen fizeram sucesso relativo nas festas de Santo Antônio de Jesus, Cruz das Almas e Região.

Mas o desafio era realizar um evento ímpar para cobrir o orçamento da excursão de Formatura, à Argentina.

Depois de uma longa noite de insônia, surgiu-me feliz ideia. Logo de manhã convoquei uma reunião da “embaixada” e anunciei:

– Vamos fazer a maior festa que Cruz das Almas já viu!

– No clube social?

– Não! Toda festa lá termina em briga.

– No refeitório?

– Não! Lá só festa de Formatura, pois é uma coisa mais para nossas famílias.

– Onde então, rapaz?

– Defronte ao pavilhão de Zootecnia, sob as Palmeiras Imperiais!

– Tá maluco? Quem consegue trazer a sociedade cruzalmense para dançar no sereno?

– E se chover?

– Vamos escolher uma data apropriada. Em setembro não chove aqui. Pensei nisso a noite inteira. Vamos montar um tablado de 20,0 m x 20,0 m com a madeira da serraria da Escola; aproveitaremos as gambiarras das festas de São João; cercaremos com arame farpado todo o retângulo sob as palmeiras e usamos folhas de bananeiras e de coqueiros para camuflar a cerca; usaremos os sanitários do pavilhão...

Depois de muita discussão aprovaram.

– E o nome da festa?

– Uma noite nos Trópicos!

– Uma noite nos Trópicos?

– É, vamos armar um motivo tropical em noite de lua cheia.

Todo o mundo de camisas com flores grandes como naquelas festas do Havaí.

– Aprovado!

Daí eu refleti que a Lua Cheia desponta às 18 horas, encantando o Universo, mas à meia-noite ela já está com sono. Precisaríamos de uma lua mais tardia, para continuar acesa até, pelo menos, às cinco horas da manhã. Corremos pro calendário. Pra sorte nossa, a lua cheia de setembro cairia numa terça-feira.

Ora, como a festa deveria se realizar na sexta, teríamos três dias de espera, par que ela nos aguardasse lá no céu.

Tudo programado! Mãos à obra! Estávamos em julho ainda, teríamos muito tempo.

Desenhamos um croquis com toda a arte possível, com as majestosas Roystoneas; imprimimos os convites, os ingressos e criamos uma comissão de divulgação, com os colegas filhos da cidade, onde se encontrava a única mulher da nossa turma, Regina Celi.

O projeto era tão audacioso, tão inusitado, que todos resolveram apostar. E jogaram duro!

É bom que se diga que, naquele tempo, havia uma rivalidade incontornável entre os nativos e os acadêmicos forasteiros. Estes, vindos dos mais distantes rincões desta imensa Bahia e do pequenino Sergipe, namoravam as nativas por quatro anos e, na Formatura, apareciam com suas noivas verdadeiras, para humilhação das família cruzalmenses. Isso, sem falar nos calotes que passavam nos bares e no comércio em geral.

Nas festas do Cruz das Almas Clube, sempre havia uma briga por ciúmes de irmãs ou namoradas. Mas estávamos dispostos a romper paradigmas e preconceitos!

A organização foi magistral e a divulgação idem. O cenário ficou lindo! Bandeiras e gambiarras coloridas; folhas de bananeiras e coqueiros... a nobreza das Palmeiras Imperiais...

Vendemos as oitenta mesas disponíveis, o que se julgava impossível. Todos os mestres e suas famílias presentes; inclusive o professor Edson Marques, que era, à época, Secretário Estadual de Agricultura. Presentes também as alunas da Faculdade de Filosofia da UFBA, de Salvador. Contratamos um conjunto musical de Feira de Santana (não me lembro o nome) muito disputado à época.

Às 22 horas, deu-se início ao baile. Os casais foram se acercando do tablado, que em pouco tempo estava lotado. A primeira sequência musical foi até à meia-noite. Pequeno intervalo.

Clélio – orador oficial – fez brilhante saudação à Família Cruzalmense, desejando que aquele evento selasse o compromisso de paz duradoura entre a Escola e a Sociedade. Depois de calorosos aplausos, o orador anunciou:

– Os Grãos de Pólen!

Portando calças brancas, camisas estampadas com grandes flores e colares havaianos, subimos ao palco e mandamos ver: *L'amour est bleu*, *Tarde Fria-chuva fina*, e estouramos com *La Bamba*, que era minha interpretação favorita (no bongô) sucesso estrondoso de Trini Lopez.

Estávamos empolgadíssimos! Subimos ao Céu!

Depois dos aplausos, o Secretário de Agricultura, com autoridade pertinente, pegou do microfone e pediu para tocarmos, mais uma vez, *Tarde Fria*, o que realizamos com prazer. Quando terminávamos a interpretação, ele se levanta e pede BIS, BIS. Repetimos a execução e ele, aplaudindo efusivamente pede: mais uma vez! Mais uma vez!

Aí ficou ruim. O mestre, em seu normal, era sisudo e meio fechadão. Mas, naquela oportunidade, encantado com o ambiente e sublimado pelo whisky, criou uma enrascada para nós.

A nossa salvação veio do céu.

Nesse momento as luzes se apagaram. Passado o primeiro instante de susto e silêncio, pôde-se notar aquelas sombras escuras no tablado, retratando folhas recortadas de luzes. Como se ensaiado, todo o mundo olhou para cima:

- A Lua! A Lua!

Linda, Nua, Etérea e iluminada e Bela e Fria e Majestosa! E ouviu-se uma espontânea salva de palmas que durou uma eternidade!

Foi a nossa consagração. Melhor agradecimento não poderia acontecer!

E, de repente, a energia voltou.

Só depois ficamos sabendo que fora um ato de esperteza de Humberto *Metralha*, o colega que instalou ventiladores no Inferno!

Aquela Noite nos Trópicos ficou nos anais da Escola.

POSFÁCIO

Quando estávamos concluindo este livro, “caiu do céu”, em nosso colo, a belíssima mensagem da escritora Fabíola Simões¹. Tomamos emprestado sua “oração” para posfaciar nossa História & Estórias de Vidas Bem Vividas. Coube como luva bem ajustada!

Comitê Editorial

“O que a memória ama, fica eterno”

Quando eu era pequena, não entendia o choro solto da minha mãe ao assistir a um filme, ouvir uma música ou ler um livro. O que eu não sabia é que minha mãe não chorava pelas coisas visíveis. Ela chorava pela eternidade que vivia dentro dela e que eu, na minha meninice, era incapaz de compreender. O tempo passou e hoje me emociono diante das mesmas coisas, tocada por pequenos milagres do cotidiano.

É que a memória é contrária ao tempo. Enquanto o tempo leva a vida embora como vento, a memória traz de volta o que realmente importa, eternizando momentos. Crianças têm o tempo a seu favor e a memória ainda é muito recente. Para elas, um filme é só um filme; uma melodia, só uma melodia. Ignoram o quanto a infância é impregnada de eternidade.

Diante do tempo envelhecemos, nossos filhos crescem, muita gente parte. Porém, para a memória ainda somos jovens, atletas, amantes insaciáveis. Nossos filhos são crianças, nossos amigos estão perto, nossos pais ainda vivem.

A frase do título é de Adélia Prado: “O que a memória ama, fica eterno”. Quanto mais vivemos, mais eternidades criamos dentro da gente. Quando nos damos conta nossos baús secretos – porque a

Fabíola Simões é a autora do texto “O que a memória ama, fica eterno”, escrito em 2012 e posteriormente publicado no seu primeiro livro, “A Soma de Todos os Afetos”. Nossos sinceros agradecimentos à escritora/autora, por nos permitir utilizá-lo como posfácio do nosso livro.

memória é dada a segredos – estão recheados daquilo que amamos, do que deixou saudade, do que doeu além da conta, do que permaneceu além do tempo.

A capacidade de se emocionar vem daí: quando nossos compartimentos são escancarados de alguma maneira. Um dia você liga o rádio do carro e toca uma música qualquer, ninguém nota, mas aquela música já fez parte de você – foi o fundo musical de um amor, ou a trilha sonora de uma fossa – e mesmo que tenham se passado anos, sua memória afetiva não obedece a calendários, não caminha com as estações; alguma parte de você volta no tempo e lembra aquela pessoa, aquele momento, aquela época...

Amigos verdadeiros têm a capacidade de se eternizar dentro da gente. É comum ver amigos da juventude se reencontrando depois de anos – já adultos ou até idosos – e voltando a se comportar como adolescentes bobos e imaturos. Encontros de turma são especiais por isso, resgatam as pessoas que fomos, garotos cheios de alegria, engraçadinhos, capazes de atitudes infantis e debilídes, como éramos há 20 ou 30 anos. Descobrimos que o tempo não passa para a memória. Ela eterniza amigos, brincadeiras, apelidos... mesmo que por fora restem cabelos brancos, artroses e rugas [destaque nosso].

A memória não permite que sejamos adultos perto de nossos pais. Nem eles percebem que crescemos. Seremos sempre "as crianças", não importa se já temos 30, 40 ou 50 anos. Pra eles a lembrança da casa cheia, das brigas entre irmãos, das histórias contadas ao cair da noite... ainda são muito recentes, pois a memória amou, e aquilo se eternizou.

Por isso é tão difícil despedir-se de um amor ou alguém especial que por algum motivo deixou de fazer parte de nossas vidas. Dizem que o tempo cura tudo, mas não é simples assim. Ele acalma os sentidos, apara as arestas, coloca um band-aid na dor. Mas aquilo que amamos tem vocação para emergir das profundezas, romper os cadeados e assombrar de vez em quando. Somos a soma de nossos afetos, e aquilo que amamos pode ser facilmente reativado por novos gatilhos: somos traídos pelo

enredo de um filme, uma música antiga, um lugar especial.

Do mesmo modo, somos memórias vivas na vida de nossos filhos, cônjuges, ex-amores, amigos, irmãos. E mesmo que o tempo nos leve daqui seremos eternamente lembrados por aqueles que um dia nos amaram.

Mensagem recebida via whatsapp, em 25 de janeiro de 2019.

EPÍLOGO

Na escala de grandeza dos fatores determinantes do poder nacional situa-se em primeiro plano a agricultura, fonte perene de riquezas e de motivação para o trabalho sadio e honesto, que compraz e vivifica a espécie humana.

Eudes de Souza Leão Pinto (1965)¹

Estimados e inesquecíveis Mestres

Adailton Oliveira Sampaio	Geraldo Carlos Pereira Pinto
Afonso da Silva Ramos	Grimaldo Paternostro
Alfredo da Rocha Passos Neto	Haroldo Murilo P. da Cunha
Aníbal da Silva Ramos	Ivan de Souza Carneiro
Alino Matta Santana	Jayme Ramos de Queiroz
Álvaro Fonseca Brandão	João Batista dos Santos Junior
Antônio Cândido de O. Filho	João Saturnino da Silva
Antônio José da Conceição	Jonas Machado da Costa
Archimar Bittencourt Baleeiro	José de Vasconcelos Sampaio
Bráulio Luiz Sampaio Seixas	José Inácio de Andrade Souza
Clodoaldo Gomes da Costa	José Maria Couto Sampaio
Clóvis Vaz Sampaio	Manoel de Almeida Mendes
Deraldo Diomedes Gramacho	Mário Pereira Duarte
Edson da Silva Marques	Minos da Silva Azevedo
Eduardo Lacerda Ramos	Moysés Waxman
Flávio Dias Tavares	Raymundo Fonseca Souza
Floriano de Araújo Mendonça	Zinaldo Figueiroa de Sena
Francisco Teixeira Alves	

Vocês nos receberam qual barro informe e nos moldaram engenheiros agrônomos. Nossa eterna GRATIDÃO.

Engenheiros Agrônomos de 1968

¹**Eudes de Souza Leão Pinto**, engenheiro agrônomo (1940), pernambucano de Recife, nasceu em 08 de julho de 1920 e faleceu em 15 de setembro de 2018. Eminent professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Idealizador e criador da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica.

*Composto e Impresso na
Gráfica e Editora Nova Civilização.*